

Diário de Lisboa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: P. B. X. 2 0271, 2 0272, 2 0273
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOAREDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA EDITOR — JOÃO CHRISOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NUMERO AVULSO: 50 CENTAVOS

1944...

Abre a porta a 1945 e retira-se, lívido como um espectro, para o reino das sombras, murmurando com voz apagada onde a vida é o ultimo bruxulhar duma lampada:

—«Levo as mãos tintas de sangue e sete espadas no peito. Nasci no remorso e na dor— do primeiro fiz uma cruz sem Paixão e da segunda um sacrifício sem Esperança».

O ano que começa é sempre inexperiente, hesitante, alvorotado, generoso. Os sonhos insatisfeitos, as ilusões tentadoras, as ambições altas e sonoras, os idealismos mais lunares renascem das mortas cinzas, desenrugam-se, cobram animo e bravura, assim que sentem o romper da nova manhã, a palpação da luz cariciosa, na epiderme rugosa do planeta. 1945 não escapa á regra: traz nas mãos esperanças, promessas, amores e poemas até para os corações mais ulcerados. É largo como o mundo, perdulário como o filho pródigo, espumoso como a corôa dourada das taças, inocente como os cordeiros.

Se nas «Mil e uma Noites» se mistura o mel com o fel, a formosura com o pecado, o crime com a virtude, a barbarie com o perdão, o ano que começa acende a imaginação com o seu fogo de artifício e permite a cada um de nós—poetas ou cavadores, aventureiros ou tímidos, sábios ou ignorantes— conceber a terra e o universo como fontes de júbilo, de grandeza perene, de santuário onde se rezam tôdas as preces e se satisfazem todos os desejos.

1945 convida-nos e incita-nos, dizendo-nos que podemos contar com ele, visto que o seu olhar é limpo, a mentira não o roçou ainda, o egoísmo avaro não o gelou.

—«Aqui estou no meio de vós, sem as máculas que vêm com a idade. Adoro a existência como um vinho de raça. Ao pé de mim, não há frio, nem fome, nem temor. Estendei os braços e colhei o que vos apetecer, na vinha que vou plantar».

Quem ousará retrair-se?

Quem, fundado nas desenganadoras lições do passado, tentará ocultar-se, desviar-se e acautelar-se, desconfiando da oferta magnífica?

Os deuses helénicos, quando nasciam, vinham vestidos de luz divina e ostentavam já o sorriso eterno e venturoso da sua graça mimosa, como a frescura das rosas.

Não será permitido, depois de tão demorado beber no cálice da amargura, acolher 1945, infante, terno e gentil, como a aparição bendita que a humanidade espera?

Sejam corajosos e ousados ao menos no pedir.

Se o ano é novo, como o cajado do pastor que ele próprio cortou na árvore sob a qual se abrigava do inverno inclemente, cuidemos de acordar o nosso destemor, o nosso brio de viajantes fartos de errar por barrancos e despenhadeiros, gritando entusiasmadamente:

—«Sim, ano implume, mas cheio de riquezas imaginárias, ardentes como carbunculos, para ti voltamos os nossos olhos, crentes na plenitude dos poderes que te foram conferidos pelo venerando Chrosos, teu pai, a fim de que amacies os destinos cruéis, concedendo á terra aquilo que há cinco longos e duros anos lhe é recusado—paz entre os homens e piedade junto de Deus».

Violento abalo sísmico em várias regiões britânicas

LONDRES, 30.—Uma considerável região do norte da Inglaterra foi abalada por um tremor de terra ás 0,36 minutos de hoje.

Os edificios da cidade de Manchester foram violentamente abalados.

O conhecido sismógrafo J. J. Shaw, de Bromwich, declarou: «Foi uma vibração muito intensa para este país. O tremor principiou lentamente e foi aumentando durante 35 segundos. A vibração continuou durante 2 minutos».

O abalo foi sentido, também, em Leeds, Darlington e Sheffield e parece o mais grave de há alguns anos a esta parte. Não há noticia de estragos nas regiões de Manchester e Darlington.

O último grande tremor de terra que se sentiu na Grã-Bretanha foi em dezembro de 1935 e afectou uma área de 9.000 milhas quadradas. (Reuter).

As tropas

americanas alcançaram os arrabaldes de Rochefort

PARIS, 30.—(Do correspondente especial da Reuter, Marshal Yarrow).—Ontem á noite, atacando de sueste, no extremo ocidental da saliência alemã, as tropas americanas atingiram os arrabaldes de Rochefort, onde o inimigo ainda se encontra. Este movimento

(Continua na 6.ª pag.)



Pão, saúde e alegria para todas as crianças da Terra! — são os nossos votos para 1945

Acalanto para o Ano Novo

Não me lembrem essa historia,
De bruxas e lobishomens,
De longes terras em guerras,
De cativas desgraçadas,
Encantadas,
E de moiras ao luar...
—O sabor da minha infancia
Não o quero mais provar...

Não me falem desse tempo.
De beijos e risos leves,
De canduras fascinadas,
De prodígios, maravilhas
E de alegrias sem trauvo:
—As tristezas foram muitas...
Deixa-lo ir, o passado,
Que eu mal entendo o presente,
Só olho para o futuro...

Só o futuro procuro,
Só dele não fico ausente...
Tudo o mais são muros altos,
Murallas de sangue e gelo
Que me escondem o que existe
Para além do meu receio...
Deixai fugir o presente,
Que só o futuro anseio...

Busco, adivinho outros mundos,
Amplas estradas abertas
Ao sonho que não descrei...
E se emmudeço ao chama-los,
E cego e canso a busca-las,
E' que apenas descortino
A sombra que me vai nalma...

—Magua, saudade, tristeza
Que não consegue ser dor,
Cinza que em silencio alastra,
Frio horror que paralisa,
Um pranto enxuto de lagrimas,
Um grito que não ascende,
Bruma inconsutíl no ar...

Não, não lembrem o passado,
Que eu sou nascença e futuro,
Claridade no caminho,
Que até nas ervas rasteiras
Põe o sol da primavera...
Não sei o que fui, só penso
No que serei amanhã...
Um sopro me levará
A' torrente que além foge?
Ao declive que não vejo?
Ao abismo que não temo?
A' noite que não me assusta?
Irei calmo irei tranquilo,
Irei alegre, também...

E talvez acorde então,
Ressurja de novo então,
A alvorada desse Bem
Que sempre sonho e não tenho...
Desse bem, desse desejo
Que sempre amei desejar,
—Ouvindo as longas historias
De longes terras em guerras,
De cativas encantadas
Chorando á luz do luar,
Que um branco beijo de amor
Sabia desencantar...

JOÃO DE BARROS

Diário de Lisboa

PUBLICA HOJE:

NA 9.ª PAGINA:

Um ano de política interna.

Ano Novo... Ano Bom?, por Maria de Carvalho.

NA 10.ª PAGINA:

As artes plásticas em 1944.

NA 11.ª PAGINA:

Revista dum ano de teatro, por Norberto Lopes.

Coisas que todos sabem, por José Ribeiro dos Santos.

NA 13.ª PAGINA:

Cinco episódios inéditos das memórias dum chefe de polícia, por Manuel Nunes.

NA 16.ª PAGINA:

O ano científico, por Mário Neves.

NA 17.ª PAGINA:

A literatura em 1944, por João Guspar Simões.

NA 18.ª PAGINA:

O plebiscito do Sarre, por Félix Correia.

NA 19.ª PAGINA:

Um ano de actividade desportiva, por Tavares da Silva.

NAS 20.ª E 21.ª PAGINAS:

As operações militares em 1944 e a actividade política e diplomática, por Carlos Ferrão.

Um ano de guerra no mar, por Mauricio de Oliveira.

NA 23.ª PAGINA:

O ano musical, por Francine Benoit.

NA 25.ª PAGINA:

O ano tauromáquico, por «El Terrible Perez».

A dor de Paris, por Charles Oulmont.

NA 32.ª PAGINA:

Magazine.

As festas do Ano Novo

Uma festa dedicada aos empregados e filhos, da Shell

A gerência da Companhia Shell dedicou hoje, no Jardim Cinema, um espectáculo aos seus operários, em numero de 350, aos quais ofereceu um lanche, assim como brinquedos e fatos a 200 crianças filhas dos operários. Ao acto, que decorreu sempre no meio da maior animação, assistiram o director e subdirector, srs. J. J. Lyons, que brevemente deixa o nosso país, e H. Smith.

Associação Luiz Braille

A Associação Luiz Braille fará, depois de amanhã, às 15 horas, a distribuição de donativos em dinheiro aos socios cegos mais necessitados e de vestuário completo a 27 crianças.

Legação de França

O ministro sr. Armand du Chayla recebe a colonia francesa e os amigos do seu país no dia 1 de janeiro, às 11 e 30, no palacio da legação, rua de Santos-o-Velho, 5.

Casa dos Açores

A Casa dos Açores festeja a passagem do ano com um baile, abrilhantado por uma escolhida orquestra, que está a despertar enorme entusiasmo entre os seus frequentadores.

Casa do distrito de Coimbra

A Casa do Distrito de Coimbra promove a festa de passagem do ano, com um baile da sua comissão de festas e recreio.

Freguesia dos Anjos

A Junta de Freguesia dos Anjos distribue, amanhã, às 10 horas, um bôdo aos pobres da sua freguesia.

Casa da Covilhã

A Casa da Covilhã efectua, amanhã, á noite, a festa de passagem do ano, com baile e outras comemorações.

Na igreja de S. Francisco de Paula

A Conferência Feminina de S. Vicente de Paula distribui, na igreja de S. Francisco de Paula, agasalhos e roupas a 37 pobres, e esmolas de 25\$00 e de 50\$00 aos mais necessitados.

Grupo Desportivo da Mouraria

O Núcleo de Beneficência do Grupo Desportivo da Mouraria distribue, no dia 1, às 11 horas, na rua do Capelão, 20, 1.º, donativos a vários pobres seus protegidos.

C. A. Campo de Ourique

O Clube Atlético de Campo de Ourique festeja a passagem do ano com um baile animado pela orquestra Luso-Hawaiana.

Sociedade Promotora

A Sociedade Promotora de Educação Popular efectua no dia 1, pelas 15 horas, a sua festa de Ano Novo, distribuindo lanches e prendas a 150 meninas da sua escola e vestuário ás mais necessitadas.

PARA OS NOSSOS POBRES

Com destino aos pobres protegidos do «Diário de Lisboa», registamos, com os nossos agradecimentos, 200\$00 que recebemos de João Manuel.

LUSO

PALACIO DE S. ROQUE
Travessa da Queimada, 8-A

Hoje, ás 21 e 30, magnifica «soirée» com os consagrados artistas **Margarida Pereira** e **Carlos Ramos**. Completam o programa os aplaudidos artistas **Ressurreição do Nascimento**, **Alice de Oliveira**, **Manuel Fernandes** e **Júlio Peres**.



MARGARIDA PEREIRA lantada por um **ex-plendoroso baile**, até de madrugada.

Depois de amanhã, mais dois importantes espectáculos com a reaparição de **Maria Carmen**, a voz emotiva do fado, e mais artistas.

Surpresas!... Desgarradas!... Alegria!... Acompanhamentos por Jaime Santos e Martinho de Assunção.

Direcção de Linhares Barbosa.

CAFE' LATINO

T. 82293

R. Ferreira Borges, 66

A's 21 H.—Cantam Noemia Cristina, Natividade Correia, Manuel dos Santos, Domingos Silva, Armando Gonçalves e o humorista Rogério Fernandes. ENTRADA FRANCA.

Loja da América

APRESENTA
as ultimas novidades
em malhas, tecidos p.^a lingerie
e metas

R DO OLRO, 208

O PORTO pelo telefone

Vão vender-se hoteis, teatros, cinemas e palácios

PORTO, 30—De vez em quando, correm velozes, como rajada ciclónica, por toda a cidade, notícias de que estão para efectuar-se as vendas do hotel tal, do cinema X, do teatro Z ou do palácio Y. E' certo e sabido que o comprador seria sempre a mesma empresa, companhia ou sociedade, tendo como base sólida o capital conseguido com o negócio dos minérios...

Alguns negócios se têm feito, realmente, de certo vulto, mas nem sempre os compradores são da mesma origem ou com eles têm relação. Há, até, imóveis que se apontam como em vias de ser transaccionados, cujos proprietários nem de longe pensam nisso. Está nestes casos o Grande Coliseu do Porto, propriedade da Companhia de Seguros Garantia.

A última venda efectuada foi a do Grande Hotel da Batalha. Não há dúvida de que a notícia de que ia ser vendido a uma empresa estrangeira correu com certa insistência e tudo indicava que o negócio se efectuariá assim, mas a verdade, porém, é que nada disso succedeu e ainda bem. A venda fez-se a uma empresa portuguesa, cujos socios ou capitais nada têm de comum com qualquer entidade estranha ao nosso país. Assim é que está certo.

Uma festa na Shell

A gerência da delegação da Companhia Shell ofereceu nas suas instalações de Lordelo do Ouro uma interessante festa dedicada aos filhos dos seus numerosos empregados e operários para comemorar o advento do Ano Novo. Foram distribuídos no refeitório aos miúdos da família Shell brinquedos, agasalhos, merenda, etc. Foi uma linda festa, á qual não faltou enternecedora alegria, a que se associaram numerosas pessoas.

Caso inédito

Esta manhã num carro electrico da linha 17, succedeu um caso absolutamente inédito que causou estranheza nas pessoas que dêle tiveram conhecimento. Justamente quando o carro passava em frente do quartel Guilherme Gomes Fernandes, os passageiros do referido carro foram alarmados pelo facto de se lhes deparar o passageiro Bernardo Monteiro Duarte, de 51 anos, casado, empregado comercial, residente na rua do Costa Cabral, 1.072, com uma faca cravada na região cervical anterior, golfando sangue. O ferido foi rapidamente conduzido ao hospital da Misericórdia, recolhendo em seguida á enfermagem.

VIDA MUNDANA

CASAMENTOS

Pela sr.^a D. Olímpia Amélia de Jesus e Silva Neves, esposa do sr. Alípio Aleixo Lopes das Neves (já falecido), foi pedida em casamento para seu filho Alípio Augusto da Silva Neves, a sr.^a D. Odete Pereira do Amaral, filha da sr.^a D. Antonieta Pereira do Amaral e do sr. Luiz do Amaral. O casamento realizar-se-á brevemente.

António Maria Lopes

Regressou hoje ao Porto, felizmente já restabelecido da sua curta gripe, o importante industrial sr. António Maria Lopes, nosso prezado amigo.

EDITORIAL AVIZ

SELECIONE a sua LEITURA

R. da Trindade 20, 2.º—Lisboa.

O caso Deruga, Ricarda Huch	15\$00
Dulcinéa, Carlos Selvagem ...	12\$50
Pepita Ximenes, João Valera	15\$00
Roberto Hoch, Hellmuth Unger	15\$00
A morte de Camões, Luiz Tieck	15\$00
O vaso de ouro, Hoffman...	12\$50
RAÇA, Ruy Corrêa Leite.....	15\$00

EDITORIAL AVIZ

UM LIVRO é o melhor BRINDE

R. da Trindade 20, 2.º—Lisboa.

VIDA DESPORTIVA

TIRO A CHUMBO

No «stand» do Lumiar

O Club Português de Tiro a Chumbo organizou, para depois de amanhã, ás 14 horas e 30, um torneio daquela modalidade. Há uma prova de prancha, a 30 pratos, e uma prova de «skeets», a 25 pratos.

PELOS CLUBES

G. Desportivo de Portugal

O Grupo Desportivo de Portugal inaugura, depois de amanhã, a sua nova sede, na travessa do Pasteleiro, 42, 1.º, E.

Sport Lisboa e Amoreiras

O Sport Lisboa e Amoreiras festeja depois de amanhã o seu 11.º aniversário, com o seguinte programa: ás 10 horas, festival desportivo, de futebol, no campo da Sociedade Industrial Aliança, rua de Campolide, 38, entre clubes populares; ás 21 horas, baile na sede desta colectividade; onde serão distribuídas medalhas a alguns dos atletas da colectividade.

HANDBALL

Os jogadores castelhanos treinaram hoje, nas Salésias

Hoje, de manhã, os jogadores castelhanos de «handball», acompanhados dos dirigentes, visitaram os arredores da cidade e o Estádio Nacional.

Os jogadores fizeram um treino nas Salésias, sob a orientação do seu treinador, mostrando-se dextros não só individualmente como no ponto de vista do conjunto, tudo indicando que a partida de depois de amanhã, entre Lisboa e Madrid, resulte um grande acontecimento desportivo.

INDUSTRIA HOTELEIRA

Vão ser aumentados os salários do pessoal

Foi submetido á aprovação do sr. subsecretário de Estado das Corporações e Previdência Social em projecto de contrato colectivo de trabalho a celebrar entre o Gremio Distrital das Pensões, o Gremio dos Hoteis do Sul e o Sindicato Nacional dos Profissionais da Industria Hoteleira.

Os salários terão, por motivo deste entendimento, aumentos muito apreciáveis, que chegam, em alguns casos, a atingir 120 por cento. De uma forma geral, os aumentos variam entre 40 e 60 por cento.

Brevemente, será feita revisão ás condições de trabalho e ás remunerações dos empregados das casas de pasto, restaurantes e cafés.

O TEMPO QUE FAZ

Tempo provável amanhã, em Portugal, segundo a previsão do Serviço Meteorológico do Exército:

Continuação do céu geralmente limpo. Queda de neve nas regiões mais elevadas. Vento predominante, NE, moderado. Temperatura estacionária.

Temperaturas extremas em Lisboa, hoje, segundo os registos do Observatório Infante D. Luiz: máxima, 10.6; mínima, 7.8. No mesmo dia do ano passado: máxima, 15; mínima, 7.2.

Lisboa vai admirar

TERÇA-FEIRA NO S. LUIZ

O Moderno Casanova

que é actualmente o grande êxito de Londres e Nova York

Gary Cooper, o incomparavel Gary Cooper, volta de novo ás nossas telas, no seu último êxito cinematográfico «O Moderno Casanova», no qual interpreta um papel originalissimo e totalmente diferente de quantos tem desempenhado. Já lá vai o tempo em que Hollywood só pensava que Gary Cooper unicamente servia para os papeis rudes dos heróis das películas do oeste repletas de acção e dinamismo. Hoje em dia, tanto os produtores como o público cinéfilo deram conta de que Gary Cooper tem o grande dom de interpretar, com a mesma facilidade, qualquer papel que lhe seja entregue. A melhor prova é o grande número de películas em que este artista tem desempenhado personagens totalmente diferentes.

Um único papel faltava a Gary Cooper: o de pai de família. Pois em «O Moderno Casanova», a originalissima comédia que a International Pictures produziu e a RKO Rádio distribue, vamos vê-lo como um tímido e assustadíssimo professor que se converte em Dom Juan, declarando-se a três mulheres... tendo da primeira mulher um adoravel bébé, precisamente no momento em que está para casar com a segunda. E o nosso improvisado Casanova rouba a criança e mete-se no maior sarilho que se pode imaginar.

Por outras palavras, além de ser pai, Gary Cooper converte-se no pai da sua própria filha, em «O Moderno Casanova», filme que traz de novo ao «écran» a encantadora Teresa Wright e que é dirigido por Sam Wood. A estreia é já na terça-feira, no luxuoso e elegante S. Luiz. A RKO Rádio marca, com esta sensacional comédia, apresentada em Lisboa ao mesmo tempo que em Londres e Nova York, mais um grande êxito da sua actual temporada.

SOCIEDADE MÉDICA

dos Hospitais Cívis

A Sociedade Médica dos Hospitais Cívis, em colaboração com a Sociedade Portuguesa de Dermatologia e Venereologia, promove para o mês de janeiro, na sua sede, Hospital dos Capuchos, uma série de lições com o seguinte programa: 3 de janeiro, «O problema social da sífilis», pelo sr. dr. Sá Penna; «Patologia geral da sífilis», pelo sr. dr. Juvenal Esteves; dia 5, «Sífilis do sistema nervoso», pelo prof. dr. D. João Furtado; «Tratamento da sífilis», pelo dr. Morais Cardoso; dia 8, «Sífilis dos órgãos internos (fígado e rins)», pelo prof. dr. Mário Moreira; dia 10, «Sífilis dos órgãos internos (coração e pulmões)», pelo prof. dr. Fernando Fonseca; dia 12, «Sífilis congénita», pelo dr. Meneses Samra; «Diagnóstico laboratorial da sífilis», pelo dr. Dias Amado; dia 15, «Profilaxia individual da sífilis», pelo dr. Chaves Ferreira; «Sífilis: estado actual dos nossos conhecimentos», pelo dr. Carlos Carrasco.

RETIRO DOS MARIALVAS

Emp. José Miguel & Irmão

R. DA BARROCA 126 — Tel 2 676



A's 21 H.—Cantam **Maria do Carmo Torres**, **Adelaide Cardoso**, **Manuel dos Santos**, **Modesto Maia**, **Epifanio Guimarães**, **Julio Vieiras** e o humorista **Joaquim Cordeiro**. **Entrada 1\$00.**

Amanhã e Segunda-feira: Maria do C. Torres Duas grandiosas «matinéas».

MEIAS

PELES - MODAS

Artigos de viagem e novidades
próprias para brindes



CASA PAIVA

Rua do Ouro — 203

ACABA DE APARECER o 6.º volumezinho da

«COLEÇÃO PINOQUIO»

Da Biblioteca Infantil «Latina»

O encanto das crianças—O presente mais util e económico para seus filhos.

Edição da Livraria LATINA Editora — Pôrto

Cada vol. broch. 5\$00

OMAPEL

FABRICA DE GOMAS E COLAS PARA TODOS OS FINS E INDUSTRIAS
Cumprimenta os seus Ex.^{mos} Clientes, Fornecedores e Amigos desejando-lhes Festas Felizes e Novo Ano próspero.

FABRICA, ESCRITÓRIO E ARMAZENS

Bêco dos Toucinheiros, n.º 12—XABREGAS— Telef. 21823

Gravalaria



172, RUA AUREA

CAMISAS
CONFECCIONADAS
NOS SEUS ATELIERS

CAMISEIROS
DE CATEGORIA
DESDE 1910

DE LUTO

Raul Graça

Passou ontem o 1.º aniversário da morte do sr. Raul Graça, pessoa muito conhecida e estimada nos meios desportivos e associativos. Os seus amigos visitam amanhã o seu túmulo, no Alto de S. João, concentrando-se, às 11 horas, à porta do cemitério.

D. Maria Andrade Cid

Ficou hoje sepultada no cemitério do Alto de S. João a sr.ª D. Maria Andrade Cid, de 63 anos, vítima por uma doença de coração. Era mãe do sr. Armando Cid, e irmã da sr.ª D. Antónia Andrade Fiadeiro e do sr. José Andrade, funcionário da Vacuum. O seu enterro constituiu uma profunda manifestação de pesar, por se tratar duma virtuosa senhora, de grande e belo carácter.

Cónego Rosa Marques

EVORA, 30—(Pelo telefone).—Hoje, de manhã, o sr. arcebispo de Évora rezou missa de corpo presente na residência do saudoso cónego monsenhor António Rosa Marques, vigário geral da arquidiocese, governador do Arcebispado e deão do cabido.

Depois, o corpo foi trasladado para a Sé, onde se realizaram solenes exéquias, com a assistência de todo o clero e de gente de todas as categorias sociais.

O funeral do bondoso sacerdote realiza-se pelas 16 horas.

O sr. dr. Carlos Lopes

abandonou por limite de idade os serviços de saúde da C. P.

O sr. dr. Carlos Lopes abandonou hoje, por ter atingido o limite de idade, a chefia dos serviços de saúde da C. P., cargo que, há longos anos, exercia com competência notável.

O sr. dr. Carlos Lopes notável figura na medicina, foi um dos mais destacados vultos do partido regenerador-liberal de João Franco. Foi na Câmara dos Deputados o seu «leader», tendo, em 1903, apresentado uma proposta para o descanso semanal obrigatório, que quando João Franco subiu ao poder foi convertida em lei. O seu nome serviu de patrono a um dos centros do franquismo. Na C. P. montou, modeladamente, os serviços de assistência clínica, deixando ali uma obra de envergadura. Os seus colegas prestaram-lhe hoje homenagem, em Santa Apolónia, elogiando vivamente as suas qualidades de carácter e de inteligência. O cargo do sr. dr. Carlos Lopes vai ser ocupado pelo sr. dr. Lopes de Andrade.

CUMPRIMENTOS

Esteve na nossa redacção, a apresentar-nos os seus cumprimentos de Ano Novo, o nosso prezado amigo sr. José Loureiro, distinto empresário teatral. Registamos a especial atenção, com os nossos melhores agradecimentos.

Assinado pelo sr. coronel Santos Nequeira, director do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército, recebemos um officio de agradecimento pelo acolhimento que dispensamos à actividade daquela prestimosa instituição de ensino e de bons votos pelo ano novo. Agradecemos.

IMPrensa

«Vida Ribatejana»

Foi publicado hoje o luxuoso numero do Natal da «Vida Ribatejana», cuja colaboração literária e artística é valiosa, e se espalha pelas suas cem páginas, repassadas de interesse. Gravuras, documentos, notícias, evocações, notulas tauromáquicas e tradições completam o mérito da «Vida Ribatejana».

Telef. 5 0231

Jaime Gonçalves

Oficina de reparação de automóveis

Rua Garcia E M F (ao Arco do Carvalho)

Cumprimenta os seus Ex.ºs Clientes e Amigos, desejando-lhes Felizes Festas e um Ano Novo muito próspero.

«Sob o império das grandes marcas

NIAGARA é inconfundível»

FINISSIMA AGUARDENTE VELHA

RESERVAS DA CASA **BRUNOS & PATULEIAS, L.ª BOMBARRAL**

Distribuidores exclusivos em Lisboa, Arredores e Sul do Tejo:

COGEL — Sociedade de Comércio Geral, L.ª

Av. António Augusto de Aguiar, 27 — Torreão

Telef. 49037

O bilhete

n.º 858

teve os mil contos da lotaria do fim do ano

Com plateia á cunha, mas com «brancos» nas galerias, realizou-se hoje, na Santa Casa da Misericórdia, a última lotaria do ano, imprópriamente chamada «do Ano Novo»...

A última hora, houve certa furtura de jogo, vendendo-se as cautelas, nas ruas, a 7\$50,—ou seja «ao preço da casa».

Presidente do acto, João Isaac Monteiro, chefe da repartição da lotaria, assistido do secretário da Administração do 2.º bairro, dr. Manuel Dias Ferreira, representante da autoridade administrativa, e dos secretários António Costa e António Garcia do Vale, funcionários superiores da Misericórdia. O ingresso a cargo de António Fidalgo. Conferentes das bolas os empregados superiores, Pedro Schiappa de Azevedo, Alfredo Jales. Representantes do publico: Pedro do Souto Amado e João de Assunção.

30.000 bolas de madeira na esfera metálica dos números 0 203 na dos prémios, visto que os 10.013 restantes cabiam às terminações do primeiro e das suas aproximações, aos números cujos dois algarismos finais correspondem aos dos três primeiros prémios, às aproximações, às centenas e às dezenas.

Mário Moreira apregoou o primeiro numero: —5815!

E logo Manuel Dias Afonso:

—50 contos!

A extracção começava bem: com o terceiro premio, vendido pela casa Condeixa, da rua do Arco do Bandedeira.

O segundo numero—o 22592—teve 2 contos; mas logo a seguir, foi interrompida a extracção, porque o bocal da esfera dos prémios estava entupido por um de 10 contos, que coube ao 559.

Depois do presidente ter convidado um popular da assistência a verificar o facto, o acto prosseguiu normalmente.

Ao meio dia e 25 foi apregoado o segundo premio:

—8135! 400 contos!

Bilhete da casa Astória, do Porto.

Ao meio dia e meia hora, os mesmos pregoeiros «cantaram» a «grande»:

—358! 1.000 contos!

Numero da «Casa da Sorte».

A Tabacaria Madrid, da rua da Misericórdia, 115, também vendeu muito jogo premiado.

Adega Mesquita



RUA «DIÁRIO DE NOTÍCIAS», 107— LISBOA. Tel.: 28307

Domínios Mesquita deseja, aos seus excelentes

Amigos e Clientes, FESTAS FELIZES

e um ANO NOVO

cheio de prosperidades, envolvendo

neste voto todos os

toureiros, cavaleiros e afluídos á

castiça e varonil Festa Brava.

O «Diário de Lisboa» vende-se na Tabacaria Ideal—Monte Estoril.

20 contos

de dentes

«arrancados»

de bordo

do vapor «S. Miguel»

A firma Bettencourt Bros, rua do Ouro, 133, representante da Companhia Providence, de Washington, apresentou queixa á Policia Maritima de que, de bordo do vapor S. Miguel, havia desaparecido uma caixa, contendo 21.214 dentes artificiais, no valor de 20 contos. A caixa vinha de Filadelfia para Manuel Coimbra, rua do Carmo, 43, 1.º, esquerdo.

Depois de várias diligências, em que a Policia Maritima soube que se pretendia vender os referidos dentes a um odontologista da rua da Palma, foram presos os estivadores Francisco Medeiros Garcia, caracol da Grança, A. res-do-chão: Antonio Carreira, o «Tonio», rua da Oliveira, 13, loja, e Carlos Gaspar, patio das Lages, os quais procuraram promover a venda dos dentes ao comerciante José Antunes Inácio, com mercearia na Costa do Castelo, o qual, embora sabedor da proveniência dos dentes, vendeu-os ao comerciante Alberto Guedes de Melo, da rua da Mouraria.

Os dentes, que andaram de mão em mão, foram depois vendidos ao enfermeiro Joaquim Corona Lopes, escadinhas do Marquês de Ponte de Lima, 19, 2.º, que, por sua vez, os vendeu ao protésico José Maria Reixa, rua da Condesa, 3, sobreloja.

Além daqueles estivadores, foram também presos os seus camaradas José Pereira, beco do Loureiro, 17-A; Manuel Pereira, beco do Loureiro, 4, loja; Joaquim Paiva Travassos, beco do Jasmim, 16, porta A, e Manuel Maria de Matos, rua Gualdim Pais, «vila» Emilia.

A brigada da Policia Maritima, constituída pelo chefe Miguel Fernandes, sub-chefe Baptista dos Anjos, e agentes Serra e Moura, Alexandre e Caldeira, apreendeu grande porção de dentes.

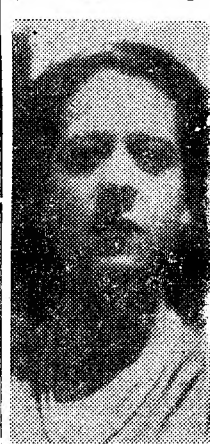
CAMINHOS DE FERRO

No dia 1 de janeiro de 1945, entra em vigor a nova tarifa de licenças para ocupação de terrenos para depósito de mercadorias nas estações da Companhia dos Caminhos de Ferro do Vale do Vouga. Para mais esclarecimentos, o publico poderá consultar a nova tarifa, ou obtê-la, por compra em qualquer estação destes caminhos de ferro.

Vida musical

Elsa Penchi Levy em S. Carlos

Em S. Carlos, realiza-se esta noite o 2.º concerto sinfónico organizado pelo maestro Rui



Elsa Penchi Levy

Coelho e composto exclusivamente de obras suas. Além do illustro professor Varela Cid, que executará ao piano a composição «Mouraria», toma parte neste concerto a distintíssima professora e cantora Elsa Penchi Levy, cuja voz atingiu o máximo esplendor, a par duma técnica perfeita. Quem um dia ouvir Elsa Penchi Levy poderá imaginar o que seja a sua bem timbrada voz no melhor das suas possibilidades e em pleno domínio de processos. Esta noite, vamos ouvi-la acompanhada pela Orquestra Sinfónica Nacional na interpretação das seis canções de saudade e amor, obra de Rui Coelho, que nos dará também o preludio da ópera «D. João IV», e trechos de «D. Sebastião» e de Alcacer. E com o autor triunfarão por certo, os seus interpretes, os professores da Orquestra Sinfónica da Emissora, Varela Cid e a grande cantora que é, incontestavelmente, Elsa Penchi Levy.

BOX

DIA TRÊS DE JANEIRO NO COLISEU

Sensacional organização da Sala Central Augusto de Sousa contra Jorge Arsen

combate desemp. e em 10 assaltos

Antonio Silva contra Carlos Wilson

discutido combate em 8 assaltos

Guilherme Martins

contra Valente Rocha

desejada desforra em 8 assaltos

Raul Oliveira contra o portuense

Gualdino (2ª série)

dois batalhadores, em 8 assaltos

Bilhetes á venda

Todos os dias, de tarde e á noite

Espelho d'Agua

TODAS AS NOITES — ARTISTAS DA RÁDIO

HOJE

Irmãs Remartines — Maria Lemos

Magda Portugal — Fernanda Violante

e Tito Lívio

Orquestra «IBÉRIA»

Grande «Réveillon» do ESPELHO D'AGUA

Reserve mesa pelo telefone 81-068

Chapeus Gonçalves

Jeanne Vieira

Avenida Fontes Pereira de Melo, 41

Exposição de modelos

Deseja boas festas e um novo ano muito próspero às Ex.ºas Clientes. Agradecendo a sua visita.

A EMPRESA DO BAR-DANCING

CRISTAL

Deseja a todos os seus Ex.ºos Clientes um Ano Novo cheio de prosperidades.

O ministro

das Colónias
inaugurou hoje
um serviço informativo
para o Ultramar

A Sociedade Propaganda de Portugal inaugurou hoje um serviço noticioso para o Império Colonial Português, denominado «Lusitania» e transmitido pela Radio-Marconi. O facto foi solenemente festejado com a presença do sr. ministro das Colónias e outras destacadas personalidades, a quem o director-secretário da Sociedade Propaganda de Portugal, sr. Luiz Lupi, dirigiu palavras de agradecimento e de explicação acerca do serviço que vai levar notícias da metrópole a nove milhões de portugueses espalhados pelas colónias.

O sr. professor Marcelo Caetano proferiu então um discurso, felicitando a iniciativa, «que o Governo, dentro da sua orientação de sempre, acolhe e alenta».

—De incontestável utilidade pública—diz—se reveste a informação suficiente, regular e honesta do ultramar daquilo que de mais importante se passa na metrópole. Sem conhecimento, não pode haver compreensão; sem compreensão, é impossível a profunda comunhão espiritual em que, na nossa concepção de sempre, consiste, afinal, a unidade do Império.

Depois:

—Dizer ao Ultramar a verdade da vida pública e da vida social metropolitana; informar das ocorrências principais que se forem dando por esse país fora; e, quanto possível, reflectir a actividade mental do escolar, eis a grande e útil missão da «Lusitania». Graças a ela, poderão mais facilmente exercer a sua patriótica tarefa os excelentes órgãos da nossa imprensa colonial e as emissoras, que tão galhardamente têm marcado em África honrosa posição.

Concluiu endereçando «a todos os portugueses de além-mar a segurança da mais viva consideração e dos sinceros sentimentos de solidariedade de todos os portugueses da metrópole. Que o ano novo nos torne, se é possível, mais amigos, mais unidos, mais irmãos».

Uma salva de palmas coroou as palavras do sr. professor Marcelo Caetano de quem, depois, foi descerrado um retrato na sala contigua à redacção do jornal «Lusitania», onde foi oferecido um «Porto de Honra» que serviu para a troca de saudações e cumprimentos.

Comemorando o acto inaugural, o serviço «Lusitania» transmitiu mensagens de saudação dos srs. Presidente da República e ministro das Colónias. O sr. general Carmona, recordando a sua passagem pelos territórios portugueses de além-mar, concluiu:

«Pessoalmente, a minha gratidão resulta de poder, neste momento, saudar todos os que trazem no coração o nome de Portugal e permitir-me, assim, que pague uma pequena parcela da enorme dívida que trouxe dessas longínquas terras do Império».

A mensagem do sr. dr. Marcelo Caetano era nos seguintes termos:

«Um dos problemas fundamentais da política colonial é assegurar a compreensão recíproca do governo central e das populações ultramarinas. O Governo quer ser compreendido no ultramar e quer compreender sempre os bons portugueses do Império. Faço votos por que «Lusitania» auxilie a realizar este objectivo».

Minha senhora!

Não vale a pena andar aborrecida por as jóias que usa estarem já fora da época. Se desejar trocá-las por outras mais modernas não hesite, vá à Grande Ourivesaria da Moda, que tem um sortido deslumbrante e com corteza a satisfará tanto em gosto como em preço.

Rua da Prata, n.º 257 (esquina de Santa Justa).

DAVID KIT
PELES

Maiores e mais fino sortido
Av. Conde Valbom, 18. 1.º—Tel. 48089.

PÓRTO BRANDY
BARROS

Agentes depositários:
Aragão & Simões, L.ª
Rua do Almada, 47-49
LISBOA Telef. 25611



O sr. governador militar de Lisboa discursando na cerimónia dos cumprimentos que esta tarde lhe foram dirigidos

O governador militar de Lisboa

recebeu hoje os cumprimentos
da oficialidade da guarnição

Numa cerimónia já tradicional, os comandantes das unidades, os chefes de serviço e os directores dos estabelecimentos militares dependentes do Governo Militar de Lisboa apresentaram hoje, pelas 14 horas, cumprimentos oficiais, na sede do comando, ao sr. governador militar, general Peixoto e Cunha.

Reunidos no vasto salão da biblioteca, falou, em nome dos oficiais, o sr. brigadeiro Rui Menezes, que, em breves palavras, desejou ao governador militar de Lisboa as maiores felicidades pessoais, e no ponto de vista militar, o mesmo êxito de comando no próximo ano, na certeza de poder contar com a lealdade e boa vontade de todos os oficiais. Queira Deus —disse—que a guarnição de Lisboa se possa dar ao processo de renovação do Exército, no meio de serenidade e calma.

O sr. general Peixoto e Cunha diz estar orgulhoso com a atitude da guarnição de Lisboa, marcando pela firmeza, dignidade e dedicação, intensificando o adestramento dos homens e fertilizando a disciplina. O governador militar salientou a intervenção da guarnição nos campeonatos desportivos, na festa do Estádio Nacional e na Parada Militar, a melhor demonstração da competência dos quadros.

Todos cumpriram o melhor possível o seu dever —afirmou. Acrescentando: Temos de redobrar de esforços, velando pela paz inter-

na, mantendo a confiança nos chefes e no espírito da raça.

O sr. general Peixoto e Cunha cumprimentou em seguida, um a um, todos os oficiais.

Cumprimentos ao sr. ministro da guerra

O ministro da Guerra, sr. tenente-coronel Santos Costa, recebeu, esta tarde, no seu gabinete, os oficiais do Exército em exercício no seu ministério, que lhes foram apresentar cumprimentos.

O 8.º Exército

reduziu a «bolsa»
alemã
a leste do rio Senio

LONDRES, 30.—Comunicado do Q. G. Aliado no Mediterrâneo:

«Exército da Itália—O 15.º Grupo de Exércitos: Ao norte de Faenza, as tropas do 8.º Exército reduziram a «bolsa» inimiga a leste do rio Senio. No restante da frente de batalha dos 8.º e 5.º Exércitos tem havido actividade de patrulhas.

Aviação—Importantes formações da 15.ª Força Aérea Americana, com escolta, atacaram estações de caminho de ferro, no sul da Alemanha e na Austria e estações ferroviárias e depósitos de reparações de locomotivas no norte da Itália. Os caças da Força Aérea Estratégica levaram a efeito operações ofensivas, no sul da Alemanha e atacaram transportes ferroviários na Austria. Bombardeiros ligeiros e médios realizaram missões de abastecimento às tropas na Jugoslávia. Na noite de 28 de dezembro para 29, bombardeiros ligeiros e aparelhos «Intruders» bombardearam e atacaram comunicações inimigas no Vale do Pó e noroeste da Itália, atacando igualmente dois campos de aviação no norte da Itália. Bombardeiros médios da Força Tática Aérea obtiveram ontem magníficos resultados nos seus ataques contra as estradas de abastecimento inimigas no norte da Itália, ao mesmo tempo que bombardeiros ligeiros, caças bombardeiros e caças levantaram vôo em grande força para atacarem as comunicações inimigas no norte da Itália e muitos objectivos na área da batalha.

O tráfego inimigo e comunicações no centro da Jugoslávia foram atacados pela Força Aérea dos Balcãs. Unidades do Comando Costeiro atacaram objectivos militares no noroeste da Itália, transportes inimigos na Jugoslávia e a pequena navegação no norte do Adriático e ao sul de Genova. Estes aparelhos interceptaram e destruíram um aeroplano inimigo causando avarias a outro. Os primeiros relatos mostram que faltam seis dos nossos bombardeiros pesados e cinco outros aparelhos. A Força Aérea Aliada do Mediterrâneo fez para cima de 2.200 surtidas».—(R.).

A' hora de fechar

Damaskinos
foi nomeado regente
da Grécia

ATENAS, 30.—Os círculos francamente ligados ao arcebispo Damaskinos confirmam que o rei Jorge da Grécia o nomeou regente.

Espera-se que Damaskinos preste amanhã o seu juramento à Constituição.—(Reuter).

Este numero foi visado
pela Comissão de Censura

AGENDA DO MOTORISTA

A' venda em todas as Livrarias
1 volume de 480 páginas..... 30\$00

MONTIL

R. MORAIS SOARES, 95-B
Elegante sortido de artigos de OURIVESARIA, JOALHARIA e RELOJOARIA

DUAS PREGUNTAS PARA AC

Qual foi o ac

mais impressiona

Que se deve

Um breve inquérito de fim do ano levou-nos a formular estas duas perguntas a várias pessoas:

1.ª—Qual o acontecimento de 1944 que mais o impressionou ou que mais influência teve na sua vida?

2.ª—Que espera do ano de 1945?

O inquérito foi conduzido um pouco aos caprichos do acaso, atiradas as perguntas, de chofre, a pessoas de todas as categorias sociais que o reporter encontrou no seu caminho. As respostas, de um modo geral, não andam muito longe umas das outras, mas algumas reflectem melhores condições de optimismo, a deitar um pouco de água na fogueira das apreensões dominantes.

Uma química

A sr.ª D. Maria Alda Nogueira, licenciada em ciências físico-químicas e conferente diz-nos:

1.—O acontecimento que mais me impressionou foi a descoberta da penicilina.

2.—Espero uma melhoria sensível no nível de vida para todas as classes trabalhadoras e uma compreensão melhor do homem pelo homem.

Um artista

Carlos Botelho, pintor e ilustrador premiado em Portugal e no estrangeiro, responde:

1.—Vi, numa noite de agosto, uma estrela cadente, depois de fazer a sua trajectória, voltar para trás, ao ver que ia cair cá neste mundo.

2.—Realizar a profecia de Marinetti: pintar da estratosfera a natureza-morta e ficar por lá a viver.

Uma dactilógrafa

Respostas de D. Maria José do Nascimento de Jesus, dactilógrafa numa companhia de seguros:

1.—O acontecimento que maior influência teve na minha vida foram duas valentes bofetadas que tive de aplicar num homem. Era um caloteiro. Já reparou que é o ano deles? Tire a prova dos nove... Nada... Nada...

2.—Espero que o Benfica alcance o campeonato nacional...

Um oficial da Polícia

Eis as opiniões do sr. capitão Carlos Alberto Godinho, director da Secção de Justiça da P. S. P.:

1.—O que mais me impressionou em 1944 foram as palavras do sr. ministro do Interior, quando conferiu a posse ao actual comandante da Polícia, sobre a obra da colónia de trabalho da Mitra, em Alcábaldeche. Os que trabalham gostam sempre de ver o seu trabalho reconhecido pelos superiores. Nada como essas palavras me poderia recompensar.

2.—Que termine depressa esta guerra, que está arruinando o mundo.

Um actor

Faltava a resposta inevitável de Erico Braga. Aqui a temos:

1.—O acontecimento que mais me impressionou? Foi a libertação de Paris, que me encheu o coração de verdadeira alegria, a pontos de quasi ter apanhado uma bebedeira... O outro acontecimento, que me impressionou, mas esse dolorosamente, foi a morte do meu grande amigo Cristóvão Aires.

2.—Espero que não seja pior que o de 1944.

Uma estudante de Medicina

A sr.ª D. Ana Julia, aluna do 1.º ano de Medicina, considera:

1.—A neve que caiu em Lisboa. Foi um espectáculo belo e surpreendente, que me deu por momentos a vã ilusão de ser a mensageira da paz.

2.—Espero ver se consigo passar em anatomia. Vamos lá a ver se os ingleses deixam de se ver «gregos», quando vão à Grécia...

Poeta e escritor

O dr. João de Barros, poeta e escritor, um dos mais cingentes monólogos do nosso Chão intelectual, responde:

A Joalhari
RUA NOVA DO ALMADA, 98

Deseja aos seus Exm.ºs Clientes e Amigos umas cheias de venturas e prosperidades.

A ACABAR O ANO

acontecimento

omante de 1944?
e esperar de 1945?

1—A libertação de todos os países ocupados, a começar pela França, centro espiritual da Europa, centro luminoso da própria humanidade.

2—Espero a paz.

Estudante do Industrial

Maria Angélica, aluna da Escola Industrial de António Arroio, entende:

1—O acontecimento que teve maior influência na minha vida foi ter entrado num curso secundário.

2—Espero que a guerra acabe e que os homens sejam amigos e deixem de se matar uns aos outros.

Um «cruzadista»

O sr. Alberto dos Santos Matos, grande produtor de palavras cruzadas, diz-nos:

1—O que mais me impressionou foi um solucionista dos meus problemas ter escrito para o jornal a pretender convencer-me que «ótico» não era «relativo ao ouvido» e que deveria passar e escrever «óptico»—com «p»—como se eu não soubesse que esta expressão serve para nos referirmos «à visão».

2—Apenas isto: que vai ser um ano em que há-de haver muitas «charadas» a resolver... e, portanto, esplendido para o cruzadismo...

Um advogado

Advogado, escritor, humorista, cavaqueador, o dr. Ramada Curto não demora a sua resposta:

1—O acontecimento que mais me impressionou foi o desembarque na Normandia, mas não creio que tenha tido grande influência na minha vida.

2—Eu sigo a sabedoria dos abexins, com uma pequena variante: «Deus a homem, Deus piora».

A nova sede do Secretariado da Aeronáutica Civil



No gabinete do sr. director geral da Fazenda Publica, realiza-se hoje, pelas 17 e 30, a escritura da compra do prédio para o Secretariado da Aeronáutica Civil, que ficará instalado na Avenida da Liberdade, á esquina da rua Barata Salgueiro.

aria Moraes

ADA, 94-Telef. 27662

igos uma Festas Felizes e um Novo Ano



O sr. dr. Mario de Figueiredo conversando, á chegada, com o nosso redactor. Á direita, vê-se o brigadeiro Alfredo Sintra

A CONFERÊNCIA DE CHICAGO

O nosso país não será

uma casa sem telhado

— disse-nos o prof. Mário de Figueiredo
ao regressar hoje a Lisboa

Regresou esta manhã a Lisboa, por via marítima, a delegação portuguesa á Conferência Internacional de Aviação Civil, chefiada pelo professor Mário de Figueiredo e da qual faziam parte os srs. brigadeiro Alfredo Sintra, comandante geral da Aeronáutica, major Costa Macedo, capitão Nuno Calado, 1.º tenente Trindade dos Santos, engenheiros Melo e Castro e Duarte Calheiros, e Carlos Bleck. Alguns dos componentes da delegação já se encontravam em Lisboa, tendo feito a viagem de avião.

No cais, os membros da delegação eram aguardados por pessoas das suas famílias e por muitas individualidades, entre as quais os srs. coronel Craveiro Lopes, comandante interino da Aeronáutica, tenente-coronel Dias Leite, comandante da base aérea de Tancos, major-aviador Figueiredo, capitão Peral Fernandes, capitão António Cardoso, dr. João de Almeida, D. Manuel de Melo (Cartaxo), eng.º Auliano Lobo, respectivamente, director da C. U. F. e gerente da Sociedade Geral de Transportes, visconde de Santo Tirso e Venceslau Teles, da «Instaer».

A delegação esteve na América cerca de dois meses, tomando parte em todos os trabalhos, tanto políticos como técnicos referentes á conferência, que visavam o regime internacional na navegação aérea.

O «Alexandre Silva», do comando do sr. Joaquim Marques Pereira, a bordo do qual vieram, fez uma optima viagem, demorando no percurso catorze dias e algumas horas, apesar do mau tempo, que obrigou o navio, por vezes, a diminuir de velocidade. Todavia, a travessia do Atlantico efectuou-se no tempo previsto, com a marcha acelerada sempre que possível, a-fim de os passageiros chegarem a Lisboa antes do dia de Ano Novo.

Com a chegada da delegação portuguesa espera-se que se intensifiquem os estudos para as futuras carreiras aéreas, a-fim de Portugal poder estar em condições de estabelecer os serviços aéreos planeados e cujas propostas foram apresentadas pela nossa missão em Chicago, as quais compreendem viagens para Madrid, Nova York, com paragens nos Açores e nas Bermudas, e Londres, quer directamente quer com escala por Madrid, Bordeus e Paris, além da rota para o Rio de Janeiro e serviços para as colonias portuguesas.

Interrogado por um redactor do «Diário de Lisboa», o sr. professor Mário de Figueiredo declarou-nos:

—Os documentos que a declaração portuguesa assinou em Chicago não podem produzir qualquer efeito enquanto não forem ratifica-

dos pelo Estado Português. Compreende-se que nestas condições, o presidente da delegação não se sinta á vontade para fazer quaisquer declarações.

Não tem duvida, no entanto, em afirmar que, se aqueles documentos forem ratificados, não se terá alienado a mais pequena parcela do território português interpretado como terra, mar e ar.

De sorte que nenhuma carreira regular poderá sobrevoar-nos sem que, previamente, tenha entrado em negociações particulares com o Governo português.

—Em conclusão...

—O importante para o publico é saber se nos comprometemos a ser uma casa sem telhado. Ora, posso afirmar-lhe que o nosso país não ficará a ser uma casa sem telhado, porque não assinámos aqueles documentos que tornavam possível, independentemente de acordos particulares, que fossemos sobrevoados.

E foi quanto nos disse o presidente da delegação portuguesa á Conferência de Chicago.

DOUGLAS FAIRBANKS JR.

foi condecorado

pela sua acção em combate

WASHINGTON, 30.—O Departamento da Marinha comunica que foi concedida a Medalha de Conduta de Excepcional Bravura ao tenente Douglas E. Fairbanks Junior, famoso actor cinematografico, pelo maravilhoso trabalho que realizou nos desembarques aliados do sul da França, no verão passado.

O tenente Fairbanks conta 35 anos e comandou as pequenas unidades navais de assalto que atacaram e afundaram, com a maior temeridade, dois barcos de guerra inimigos, que estavam a atacar um grupo de barcas de desembarque aliadas, salvando desta maneira grande numero de vidas.—(U. P.).

ENTREGOU-SE A PRISÃO

o autor dum crime de morte

COIMBRA, 30.—Apresentou-se, na 2.ª esquadra policial, José das Neves Dinis Gago, de 58 anos, natural do Vale de Santiago, conceiho de Odemira, que declarou ter assassinado em Moçambique, em 1932, o construtor civil Rafael Bento, por este ter tentado contra a vida de António de Campos Lima. A Policia vai averiguar da veracidade das suas declarações.

OURIVESARIA PORTUGAL

— DE —

Carvalho, Nogueira & Barbosa, L.ª

121, ROSSIO, 122

Cumprimentam os seus Ex.ªs Clientes e Amigos desejando-lhes Boas Festas e o Novo Ano muito próspero.

(EM 3 LINHAS)

Realiza-se depois de amanhã, em Alcobaça, o cortejo de oferendas para o Hospital da Misericórdia.

///

Os cumprimentos pessoais de Ano Novo ao sr. Presidente da Republica, no Palacio de Belem, são este ano circunscritos apenas a individualidades em representação de organismos.

///

A supressão do mercado da Praça da Figueira, já denunciada em varios despachos municipais, foi confirmada na ultima reunião da Camara, mas não deve effectuar-se nestes dois ou três anos mais proximos.

///

Amanhã, á tarde, será lançado á agua, em Aveiro, o novo barco mercante «Rei Alberto», de 700 toneladas.

///

Foi hoje publicada a relação do pessoal da nova Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, mas só uma parte dos quadros está provida.

///

Os srs. drs. F. Castro Caldas e Alexandre de Almeida Fernandes foram nomeados, respectivamente, vice-presidente e adjunto do Conselho Técnico Corporativo do Comercio e Industria.

///

Foi agraciado com a comenda de Cristo o Ginasio Club Figueirense.

///

Os pescadores de Seixas do Minho pescaram a primeira lampreia da época, que foi vendida por 56\$00.

///

Pensa-se em promover que já nas futuras festas religiosas da Semana Santa, em Sevilha, saia a procissão do «La Virgen de los Portugueses» (N. S. de Fatima).

O Chefe do Estado

dirigirá depois de amanhã
uma mensagem ao país

O sr. Presidente da Republica pronunciará, depois de amanhã, pelas 12 horas, ao microfone da Emissora Nacional, uma allocução dirigida a todos os portugueses.

Smarta

TELEFONE 4 1583
52, RUA DE RODRIGUES SAMPAIO, 52

///

Este magnifico restaurante organiza para amanhã (Fim de Ano) e para o dia 1 de Janeiro (Ano Novo) duas ementas diferentes e magnificas, de requintado sabor

///

Reservem imediatamente as suas mesas pelo Telef. 4 1583

TAXIS COSTA DO SOL, L.ª

Desejam aos seus Ex.ªs Clientes e Amigos Festas Felizes e um Novo Ano muito próspero.

TELEFONES N.º 1 e 3 ESTORIL

Hotel do Império

Telefones 4 9172-4 9177

Grande noite de «Reveillon»

JANTAR ESPECIAL

DIA DE ANO NOVO

Marcam-se mesas desde já na recepção do hotel

Na frente ocidental

(Continuação da 1.ª pag)

to aniquilou um novo segmento do extremo ocidental da saliência alemã. No extremo sul, o 3.º Exército americano fortalece cada vez mais o seu corredor para Bastogne, ao mesmo tempo que aumenta a resistência de ambos os lados. Mais a leste, os americanos ocuparam Eppeldorf, a meio caminho entre Diekirch e Echternach.

Três quilómetros para nordeste, os americanos avançaram para Bigelbach, atingindo um ponto quilómetro e meio a leste da cidade. A informação alemã de ter sido evacuada Echternach ainda não foi confirmada pelos Aliados.—(Reuter).

Os Aliados ganharam terreno no saliente das Ardenes

LONDRES, 30.—Comunicado do S. Q. G. de Eisenhower:—As tropas aliadas repeliram um ataque inimigo com infantaria, perto do Gangelt, na fronteira germano-holandesa, ao nordeste de Geilenkirchen. O ataque ganhou algum terreno de começo. As perdas inimigas foram de 100 mortos e feridos, tendo as nossas tropas feito 70 prisioneiros.

No saliente das Ardenes, ganhámos algum terreno, especialmente ao longo do flanco sul, e repelimos certo numero de ataques inimigos. Perto da charneira norte do saliente, ao sul de Monschau, o inimigo iniciou uma concentração para ataque a leste de Elsenborn, a qual foi dispersa pela nossa artilharia antes de terem iniciado o ataque. No flanco nordeste do saliente as nossas forças fizeram um «raid» com bons resultados às posições inimigas ao norte de Liernux, desorganizando as posições e trazendo consigo 30 prisioneiros, incluindo o comandante. Tropas inimigas que tentaram infiltrar-se nas nossas linhas a oeste de Grandmesnil, foram aniquiladas, tendo-se feito mais de um cento de prisioneiros. Mais para o sudoeste avançámos até à periferia de Rochefort, onde encontramos dura oposição. Ao longo do flanco sul, no sector de Saint Hubert-Bastogne, entrámos em Morey, e limpámos de inimigos

Raemagne, Magerotte, Morhet e Sibret, avançando para o norte até à área arborizada que fica um quilómetro e meio ao norte de Sibret.

O corredor aliado que conduz a Bastogne, foi fortalecido, contra oposição inimiga em ambos os lados, tendo as nossas forças ganhado terreno a oriente e ocidente da estrada de Bastogne e Arlon, nas áreas ao nordeste de Assenois, a leste de Homtre e em volta de Villers la Bonne Eau, onde encontramos fogo moderado de armas de infantaria, morteiros e foguetões. Mais para leste avançámos cerca de quilómetro e meio ao norte de Baviagne, tendo encontrado pouca resistência ao longo da linha que fica aproximadamente três quilómetros e meio a sudoeste e sul de Wiltz. Perto de Ringel, repelimos um contra ataque inimigo de infantaria com apoio de artilharia, tendo feito alguns prisioneiros. Na charneira sul do saliente o nosso avanço em direcção ao rio Sauer, em Bigelbach, encontrou inicialmente forte resistência inimiga, a qual se tornou seguidamente leve. Limpámos Eppeldorf, embora o inimigo mantenha ainda a posse das elevações a leste e sueste da cidade. Foi dispersado pelo fogo da nossa artilharia um grupo de tanques alemães, na área de Bollendorf. As nossas patrulhas penetraram em Echternach. No vale do Sarre, as nossas tropas encontraram patrulhas alemãs em Fraulautern, a leste de Sarrelouis.

Os nossos caças bombardeiros atacaram ontem o sistema de comunicações ferroviário do inimigo ao norte e conduzindo ao Ruhr, tendo destruído muitas locomotivas e vagões. Outros caças bombardeiros voaram sobre uma área que se estende da floresta das Ardenes até ao Sarre, chegando para leste até Francfort, tendo nessas operações atacado transportes motorizados, tanques, posições de baterias, na Bélgica e no Luxemburgo, assim como objectivos de transportes de estrada e ferroviários, na Alemanha. Bombardeiros pesados, com escolta atacaram em grande força as estradas, entroncamentos ferroviários, pontes e estações de caminhos de ferro, no ocidente da Alemanha, cortando as comunicações destes objectivos com as unidades inimigas no saliente das Ardenes. Os objectivos incluem dois parques ferroviários em Coblença, assim como outros em Francfort, Bingen e Aschaffenburg. Bombardeiros médios atacaram o centro de comunicações de Annweiler, enquanto caças bombardeiros atacaram depósitos de abastecimentos em Achen e estações ferroviárias no vale superior do Reno.

As tropas inimigas e as baterias nas ilhas holandesas de Schouwen foram atacadas por caças bombardeiros, enquanto caças portadores de foguetões atacaram barcas entre Schouwen e a ilha de Averflakke. Bombardeiros pesados com escolta atacaram refúgios de barcos «E» e «R», em Roterdão. Durante este dia de operações abatemos 32 aparelhos inimigos, tendo-se perdido 10 dos nossos bombardeiros pesados e 25 caças. Na noite passada, os bombardeiros pesados atacaram entroncamentos ferroviários e estações em Troisdorf, perto de Bonn, e a fábrica de petróleo sintético em Scholven Bluer, no Ruhr. A leste e oeste de Wissenbourg, a principal actividade foi duelo de artilharia e operações de patrulhas. Ao norte de Colmar as tropas inimigas tendo-se infiltrado em Sigolsheim, foram aniquiladas. Uma incursão alemã através do Reno, ao norte da fronteira suíça, foi destruída.—(Reuter).

A situação na Grécia

LONDRES, 30 — O correspondente diplomático do «Times» escreve que, embora Churchill e Eden tragam consigo poucos resultados que se vejam à primeira vista, muitos dos seus resultados ainda se encontram ocultos e podem ter consequências que serão conhecidas dentro de poucos dias. Muitos estavam também surpreendidos pela volta rápida do Primeiro ministro depois de ter uma única vez tomado parte na conferência entre o governo grego e os representantes das ELAS. A resposta pode ter três aspectos:—Primeiro, ele chegou à conclusão de que não se poderia avançar neste problema sem que o rei da Grécia estivesse de acordo, não só na nomeação dum regente, mas dum determinado regente, o arcebispo Damaskinos.

Em segundo lugar, as agitadas sessões da conferência inflamaram temporariamente o tom das relações entre os dois grupos opostos e não haveria por isso vantagem em reuni-los de novo imediatamente.

Em terceiro lugar, o que é mais importante, o arcebispo de Atenas assumiu, durante esta crise, uma posição de nova autoridade e está a tratar do problema como um homem cujo espírito paira acima das pequenas questões e cuja linha geral já está assente. O arcebispo deixou uma boa impressão em todos os que o encontravam pela primeira vez. O arcebispo está a procurar reorganizar o governo, de modo que ele possa de novo negociar com a EAM. Quando o governo es-

tiver constituído, os novos passos serão mais evidentes.—(R.).

Comunicado britânico

LONDRES, 30.—O comunicado do Q. G. Aliado no Mediterrâneo anuncia acerca das operações na Grécia: «As tropas britânicas que estão a limpar os subúrbios de Kaifariani, Pankrati, Kinossyres e Katsipodhi, têm feito consideráveis progressos. As nossas tropas de terra têm sido apoiadas pela artilharia e pela aviação, fazendo fogo de foguetões e ataques com metralhadoras contra centros de resistência dos insurrectos, os quais têm sido reduzidos ao silêncio.

Há pequena mudança no Pireu, onde se realizou já a limpeza de outras áreas. As forças nacionalistas, no Pireu, retiraram-se para Preveza e está a proceder-se à sua evacuação. Noutras partes da Grécia a situação é tranquila, mas está sendo observada com atenção.—(R.).

SOLDADOS AMERICANOS

fariam em França

NEGÓCIO DE TABACO

LONDRES, 30 — O correspondente especial do «Daily Mail», em Paris, informa que 200 soldados americanos serão julgados em conselho de guerra, em França, por terem vendido cigarros e outros artigos do Exército no mercado negro. Tendo-se descoberto esse negócio com cigarros do Exército, fizeram-se largas detenções numa grande área e intensa investigação. Ao passo que os homens na frente de batalha estavam, algumas vezes, sem tabaco, vendiam-se largamente por altos preços cigarros americanos nos «bars», cafés e outros lugares de Paris. Foram detidos mais de 400 homens para investigações, tendo sido postos em liberdade cerca de 200.—(R.).

A Armada brasileira

foi enriquecida com 9 navios

RIO DE JANEIRO, 30—A Marinha de Guerra brasileira foi enriquecida com mais cinco novos contratorpedeiros, construídos nos estaleiros nacionais, segundo o modelo dos mais modernos tipos de barcos americanos desta classe.

Os Estados Unidos cedem também ao Brasil mais quatro modernos barcos de guerra, cujas características não foram reveladas.—(U. P.).

Cão da Serra Perdeu-se

No dia 20, cão bege claro, focinho sombreado de preto, cauda de raposa, dando nome Nero, por ser muita estimação do menino da casa, dão-se boas alvissaras e pagam-se todas as despesas feitas quem o entregar ou indicar seu paradeiro. Rua Castilho, 59-4.º, dir.º. Telefone 49906.

Manta de viagem

Deixou-se ficar num taxi que conduziu no dia 27 uma família da Maternidade Alfredo Costa ao Campo 28 de Maio, 9.º. Pede-se ao chauffeur o favor de a entregar e ser-lhe-ão dadas alvissaras.

100\$00 por dia

poderá ganhar qualquer pessoa em sua própria casa, desde que adquira uma máquina VICTORIA, para apapar electricamente malhas em meias. Vendas a dinheiro e a prestações. Rua de S. Paulo, 26, 1.º. Lisboa

Leilão

Antiquidades, móveis de estilo, porcelanas, cristais, quadros a óleo, gravuras e imponente lustre de cristal antigo, rica colecção de tapetes orientais e diversos.

Continua hoje, às 21 horas e dias seguintes, nos

SALÕES DE VENDAS da LIQUIDADORA

RUA DE S. PEDRO DE ALCANTARA, 45, 1.º

Conforme anúncio descritivo a publicar amanhã

Agente Norberto Fuertes, Limitada — Telefone 2 3432



Para o seu Bebê

Seguindo o exemplo das mães cuidadosas, sem mais demora, aplique ao seu filhinho Stero-Talc, talco à base de estearato de zinco, que faz desaparecer as irritações de pele, tornando-a saudável, macia e aveludada.

L.T. PIVER

Trespasa-se dois bons segundos andares na Baixa

Trespasa-se dois bons segundos andares, na Baixa.

Para escritório, bem divididos, bem arranjados. Diz-se na Rua dos Sapatéis, n.º 79, 2.º.

Bom andar

Para escritório com mínimo 20 divisões, precisa-se, na Baixa ou imediações. Resposta à Agência Eva, Rua dos Retrozeiros, 147, ao n.º 248.

MATOS & ROSA, L.ª

Estancia de madeiras, Serração e Materiais de Construção

Rua Nova do Loureiro, 33

e Calçada do Tejolo, 41 e 43

Deseja as Boas Festas aos seus Ex.ºs clientes, amigos e fornecedores.

C. M. L.

Terraplanagens e esgotos de arreamentos entre a Alameda D. Afonso Henriques e a via férrea.

Em 19/1, às 11 h., realiza-se, nos Paços do Concelho, o conc. supra, sendo a base de licitação de 811.300\$.

O dep. prov. de 20.300\$ é efectuado na C. G. D. C. P., mediante guia passada pela 1.ª Rep. da D. S. F., até à véspera do conc. ou no acto.

O prazo de execução é de 240 dias e o de garantia de 360.

O prog. do conc. e as cond. g. do cad. de enc. foram publicados no «D. M.» n.º 2245.

As cond. esp. serão publicadas no «D. M.», estando patentes com o proj. na 2.ª Rep. da D. S. F. (R. S. Julho, 190-4.º), todos os dias úteis, das 11 às 17 h.

Lisboa, 29/12/44.

O Presidente,
a) Salvação Barreto

O CANTINHO

antigo restaurante «Adega Novo Casteiro» sito no Largo do Regedor, n.º 13 a 15, participa aos seus Ex.ºs Clientes, que completamente remodelado e restaurado reabre no dia 1 do próximo mês de Janeiro.

O «Diário de Lisboa» vende-se em Vila Franca das Naves, no n.º agente Antonio dos Reis.

O México vai enviar

fôrças expedicionárias

PARA O ULTRAMAR

CIDADE DO MÉXICO, 30.—O Senado mexicano aprovou por unanimidade o decreto que concede poderes ao presidente da Republica para enviar tropas mexicanas para as diferentes frentes de batalha no Ultramar.

O decreto foi apresentado pessoalmente pelo presidente da Republica ao Senado.

O México é o segundo país latino-americano a enviar tropas para as frentes de batalha no Ultramar, visto que o Brasil tem já uma fôrça expedicionária a lutar em Itália.—(U. P.).

Os patriotas noruegueses

voltam a desenvolver

GRANDE ACTIVIDADE

ESTOCOLMO, 30.—Os jornais suecos informam que os patriotas noruegueses voltaram a desenvolver uma enorme actividade em toda a Noruega.

Ontem, de tarde, registou-se um grande incendio no edificio da Guarda Civil «Quisling», em Oslo, o qual ficou completamente destruido. Há um mês atrás que os patriotas noruegueses tinham tentado incendiar o mesmo edificio, mas o fogo foi extinto pelas brigadas de bombeiros «Quisling».

Em Skien, no sudoeste da Noruega, o norueguês Mandt, de 25 anos, natural de Dalen, na provincia de Telemark, foi executado pelos patriotas, por ter cooperado activamente com as fôrças de occupação.—(U. P.).

Um protesto americano

por atrocidades a prisioneiros

WASHINGTON, 30.—O Departamento de Estado annunciou que o governo americano vai enviar um «forte protesto» á Alemanha sobre o recente fuzilamento de soldados americanos prisioneiros e desarmados.—(Reuter).

Reforços para os Aliados

na frente ocidental

BRUXELAS, 30.—Ao porto belga de Antuerpia continuam a chegar diariamente elevado numero de barcos de todas as tonelagens, com tropas expedicionárias e grandes porções de armamento, munições e abastecimentos.—(United Press).

Oficiais americanos punidos

WASHINGTON, 30.—O Ministério da Guerra annunciou hoje que um major general, cujo nome não foi indicado, foi recentemente mandado recolher ao seu comando em França, sendo-lhe dada baixa de posto para o de coronel. O funcionário do Ministério da Guerra que deu esta informação explicou que este caso é anterior á offensiva alemã. Outros oficiais generais têm sido mandados regressar aos Estados Unidos, nos ultimos meses, no seguimento duma firme politica adoptada ultimamente pelo Ministério da Guerra.—(R.).

O «Diário de Lisboa» vende-se em Setúbal na casa Augusto Carlos

Números mais premiados na lotaria de hoje

858 1:000.000\$

857 | approx. ao 1.º prémio 6 250\$

8135 400.000\$

5815 50.000\$

Premiados com 20.000\$00

1331 1337 1638 2434 2955 3628 7754 8593
9167 11532 15448 15645 16510 16593 17294
17858 20514 25748 25920 27950

Premiados com 10.000\$00

96 109 559 647 1842 2212 2593 2531 2900
3070 3195 4671 5038 5571 7286 7666 7861
8173 8633 10635 12340 12594 15937 18014
19333 19701 18951 30167 20274 21326
21950 22995 23076 25156 25996 27354
27609 27785 28740 29508

Premiados com 2 contos

42 81 199 241 323 364 537 898 924 1066
1722 2012 2032 2713 2901 3059 3197 3302
3593 3775 3781 3968 4081 4235 4277 4731
4809 4836 4934 4936 4978 5977 5811 6101
6173 6495 6798 7008 7363 7393 7513 8222
8352 8723 8893 9466 10026 10028 10241
11910 12001 12862 12741 12893 13038
13332 13374 13477 13615 14285 14293
14863 15602 15607 16392 16416 16719

16854 16975 17217 17415 17562 17666
17890 18033 18081 18399 19742 19778
19794 19906 20489 20780 20772 21051
21425 21505 21523 21692 21719 21795
22109 22536 22584 22592 22698 22773
22817 23124 23271 23445 23459 23864
23969 24009 24208 24257 24501 24653
24934 24936 25215 15115 15195 25297
25540 25729 25324 26104 26242 26536
26887 27000 27109 27435 27590 28055
28372 28408 28876 28748 28812 28957
29070 29089 29177 29250 29741 29889
29913

Todos os numeros de 801 a 900, de 8131 a 8140 e de 5811 a 5820 são premiados com 600\$00 por corresponderem, respectivamente, á centena do 1.º prémio e ás dezenas dos 2.º e 3.º.

Os numeros terminados em 58, 35 e 15 têm o prémio de 600\$00 por pertencerem aos dois ultimos algarismos do 1.º, 2.º e 3.º prémios.

Todos os numeros terminados em 7, 8 e 9 são premiados com 300\$00, por corresponderem ás terminações do 1.º prémio e suas aproximações.

Avisamos os nossos leitores de que devem consultar a lista oficial da Misericórdia.

No fim do Ano,
como sempre,

1.000 Contos

repartidos, em cautelas, pela

Casa da Sorte

no n.º 858—1.º Prémio

8 semanas seguidas, de
Prémios Grandes!

Casa da Sorte—Portugal

A CASA CONDEIXA

Vendeu o 3.º Prémio

5815—50.000\$00

Bilhete certo há muitos anos, dividido em cautelas

A 5 DE JANEIRO

1.º LOTARIA DO ANO

1.º PREMIO — 500.000\$00

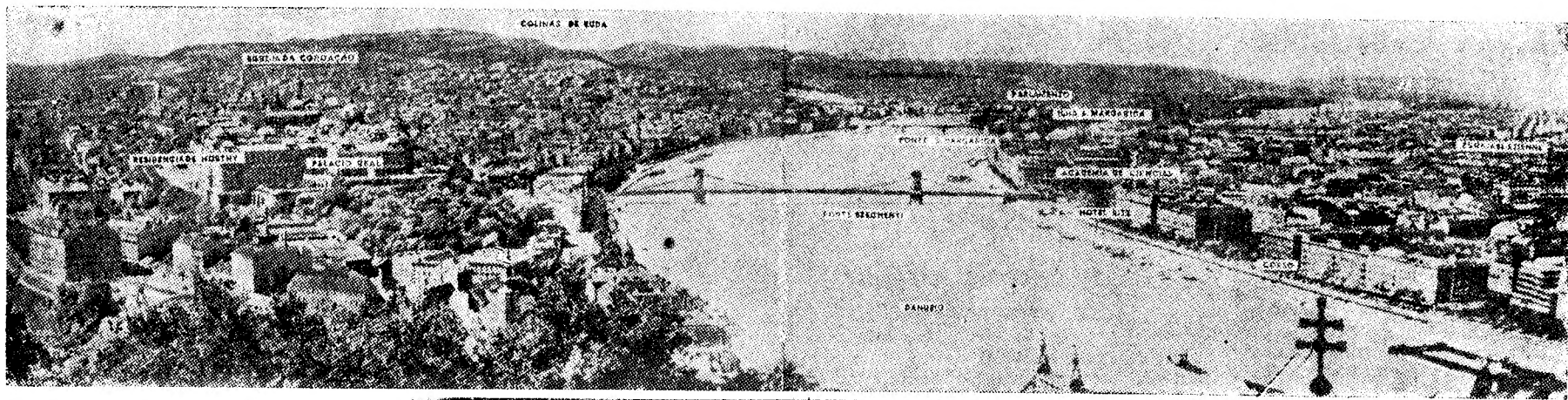
Bilhetes a 170\$00

Vigésimos 8\$50

Pelo correio mais 1\$00

Pedidos á **CASA CONDEIXA**

217, RUA DO ARCO DO BANDEIRA, 217



Os comunicados de guerra alemão e russo

GRANDE QUARTEL GENERAL DO FUHRER, 30.—Comunicado do Supremo Comando das Forças Armadas Alemãs:

«Na parte setentrional do sector de combate belgo-luxemburguês, de ambos os lados de Stavelot, o inimigo passou á defensiva, enquanto que a sudoeste de Bastogne tenta, por violentos mas vãos ataques desmoronar os pilares da nossa frente. No rio Sure continuam os combates locais. Na Bélgica e no Luxemburgo as nossas tropas aniquilaram ontem 37 carros de combate e de reconhecimento. Foram vibrados golpes eficazes de novo, na noite de ontem, contra o tráfego de reforços do inimigo pelos aviões de combate e de batalha alemães. Formações de um corpo da D. C. A. infligiram perdas sangrentas e elevadas ao inimigo e nos últimos 10 dias destruíram 190 aviões inimigos dos quais 15 planadores de transporte carregados de munições de artilharia.

No resto da frente ocidental a actividade de combate foi restrita.

Londres, Antuérpia e Liège encontram-se sob o fogo continuo das nossas armas de longo alcance.

Na Itália central travaram-se combates sem importância.

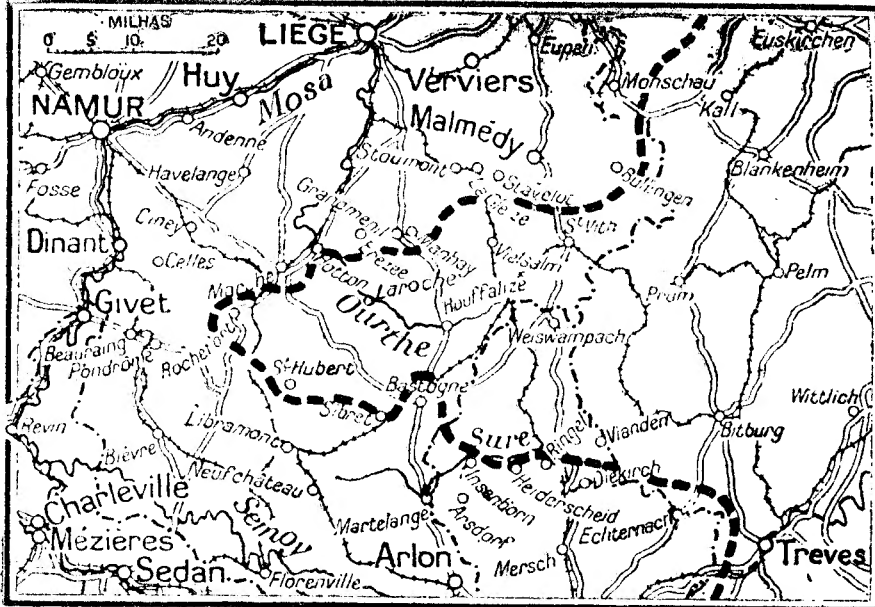
Na Hungria as nossas tropas repeliram numerosos ataques dos bolchevistas nas regiões de Stuhlweissenburg e Felsőgalla.

Por ataques efectuados de surpresa pelos nossos elementos blindados e pelo fogo concentrado de artilharia contra as posições da retaguarda do inimigo, os soviéticos foram duramente atingidos e sofreram perdas sangrentas elevadas. Durante a luta por uma localidade foram aniquilados 19, de 25 carros soviéticos assaltantes.

No espaço de Budapeste as formações alemãs e húngaras repeliram violentos ataques de carros e de infantaria dos bolchevistas. Ao norte de Eipel os soviéticos acentuam a sua pressão na direcção norte. Perto de Gzcezeny e nos arredores das nascentes do Sajo malograram-se ataques inimigos repetidos.

Na Curlândia os centros nevralgicos dos duros combates defensivos situaram-se ontem na região ao norte de Doblon.

Numa atitude exemplar, as nossas tropas repeliram todos os ataques lá onde o inimigo não foi logo disperso pelo fogo da artilharia.



O saliente alemão na Bélgica vai diminuindo progressivamente á medida que as tropas aliadas aumentam a sua pressão sobre os exércitos alemães

EM CIMA: aspecto panoramico de Budapeste

e dos lança-chamas, para as suas posições de partida.

Bombardeiros e caças anglo-americanos continuaram ontem nos seus ataques de terror contra a população civil no sul e no oeste da Alemanha, particularmente na região do Reno e do Meno.

Foram causados graves estragos em edifícios, especialmente em Bingen, assim como durante um ataque nocturno dos britânicos contra localidades do espaço renano-westfaliano.

Pela actividade dos caças e da artilharia da D. C. A. da «Luftwaffe», os anglo-americanos perderam nos seus ataques de ontem 47 aparelhos dos quais 25 bombardeiros quadrimotores.—(D. N. B.).

Comunicado soviético

MOSCOVO, 30.—Comunicado: «Os nossos exércitos penetraram na zona da cidade de Budapeste e ocuparam várias ruas da capital húngara, depois de causarem ao inimigo elevado numero de baixas e de fazerem muitas centenas de prisioneiros. A penetração foi feita pela parte ocidental da cidade e as nossas tropas expulsaram os alemães e húngaros de muitas ruas, situadas na margem ocidental do Danubio. Em várias ruas de Budapeste estão a travar-se sangrentos combates. Estão em chamas o Palácio Real e o Palácio Consistorial de Budapeste, assim como muitos outros grandes edifícios. Os alemães dinamitaram todas as pontes de Budapeste. Os alemães fizeram ir pelos ares com dinamite os edifícios onde estavam instaladas a Camara Municipal e o Parlamento e outras casas das imediações. No centro de Buda estão a travar-se nas ruas os mais ferozes combates de toda a campanha, lutando-se de casa para casa. O inimigo foi já expulso de muitos edifícios. A artilharia soviética e as nossas formações de bombardeiros continuam a atacar com a maior violência os centros inimigos de resistência da capital húngara, onde são enormes as

devastações e incêndios. Ontem, na área de Budapeste, destruímos mais de 100 tanques e 300 veículos motorizados alemães, além de muito outro material. Cairam em poder das nossas tropas 43 tanques, mais de 150 veículos motorizados, 34 canhões, 48 morteiros, etc. O inimigo está a sofrer elevado numero de baixas. Fizemos ontem 2.762 prisioneiros alemães e húngaros. A norte de Budapeste, abaixo do Danubio, ocupámos seis localidades habitadas, onde fizemos mais de 1.000 prisioneiros alemães e húngaros.

Entre quarta e sexta-feira, as tropas soviéticas avançando numa larga frente, desde Ipoly até ao rio Hron, na Checoslováquia, causaram ao inimigo 5.000 mortos e milhares de feridos e fizeram 7.200 prisioneiros, e tomaram muito material. A sudoeste de Lucenec, as nossas tropas prosseguindo na ofensiva, ocuparam mais 21 povoações e numerosos pontos fortificados.

Simultaneamente, as tropas dos marechais Rodion e Malinovsky, que estabeleceram contacto no rio Hron, atravessaram o mesmo e estão agora na planície que liga á base eslovaca de Bratislava e a Viena de Austria. As nossas tropas colocaram pontes sob o rio e passaram para a margem ocidental, ocupando seguidamente as cidades de Nana e Parkan, onde o inimigo abandonou enormes quantidades de material. Fizemos mais de 3.000 prisioneiros e causámos ao inimigo pesadas baixas. As nossas tropas estão a menos de 120 quilómetros de Bratislava e a 170 quilómetros de Viena. Mais para o norte, outras tropas soviéticas estão a menos de 160 quilómetros da capital da Austria e para o sul, a oeste de Budapeste, estão a menos de 150 quilómetros de Viena e a 100 quilómetros da fronteira da Austria.

Na Prússia Oriental, as nossas tropas tomaram a ofensiva e expulsaram os alemães de 26 povoações e de vários pontos fortificados, fazendo muitos prisioneiros.—(U. P.).

A rádio espanhola responde a «sir» Samuel Hoare

LONDRES, 30.—A critica do recente discurso de Samuel Hoare, até há pouco embaixador britânico em Espanha, foi feita, sob o título de «legítima defesa», numa emissão da rádio espanhola para a Europa. O artigo é de Eugenio Montes, que foi correspondente do «A B C», em Berlim. Diz que nunca, antes, se soube que um embaixador, ao regressar ao seu país, terminada a sua missão no estrangeiro, «se permitisse fazer acusações irresponsáveis e frívolas, para não dizer caluniosas, publicamente».

Eugenio Montes, acrescenta: «Lord Templewood dá uma descrição dos últimos anos, mas numa triste caricatura. As suas referências á Gestapo, aos seus raptos, e a assuntos semelhantes, podem apenas ter, da nossa parte, a resposta que merecem: é que durante todas as guerras, em todos os países neutrais, é difícil, para não dizer impossível, pôr termo ás actividades dos serviços de espionagem e ao transito de todos os mensageiros, sobretudo, quando tais actividades são desempenhadas a coberto dos serviços diplomáticos».

O artigo do sr. Montes continua: «Não é necessário ter grande espírito de observação para compreender que lord Templewood, no seu discurso, se guiou não tanto pelo desejo de falar sobre a Espanha, mas pela sua vontade de se fazer absolver diante do publico britânico de qualquer real ou suposto afecção para com as ditaduras e regimes totalitários».

Eugenio Montes conclue: «Tudo o que temos a fazer é declarar que sejam quais forem os actos de espionagem que se cometeram em Espanha, como se cometeram aliás noutros países neutrais, não se podem atribuir apenas a um lado, nem tão somente a uma unica embaixada».—(R.).

PERDEU-SE UM AVIÃO sobre o Atlântico

MONTREAL, 30.—Foi anunciado oficialmente que o avião transatlântico «Lancaster», em que o unico passageiro era sir Alfred Evans, da missão técnica do Almirantado britânico, em Ottawa, se perdeu, não havendo noticia d'ele desde as primeiras horas da manhã de sexta-feira.—(R.).



PORTO
BARROS
BRANDY

Agentes-depositários:

ARAGÃO & SIMÕES, LDA.

Rua do Almada, 47-49

LISBOA

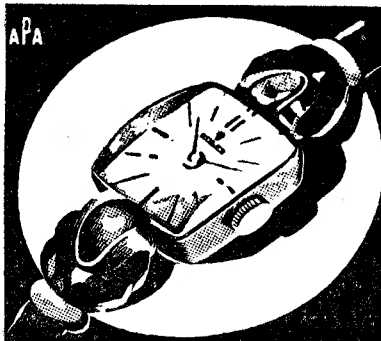
TELEF. 2 5611

As mais lindas maravilhas

apresenta a FRUTARIA BRISTOL em «corbeilles» com frutas, para presentes de fim do ano.

R. Eugénio dos Santos, 57—Telef. 24637

ANO BOM
UM BRINDE ARISTOCRATICO



ROLEX
SÍMBOLO
DA BELEZA

NINA

GRANDE REVEILLON

RESERVE A SUA MESA
28558

TRAJE DE RIGOR

Automóveis de aluguer
ALUGAM-SE A 3\$00 O QUILOMETRO
RUA ANDRADE CORVO, 4 e 6

Um ano de política interna Ano Novo... Ano Bom?

Os acontecimentos de maior relevo que ocorreram no nosso país em 1944

O ano de 1944, sob o ponto de vista da actividade nacional caracterizou-se por uma grande calma. Não significa ela, porém, marasmo ou apatia, pois quer no campo político e administrativo, quer nos sectores da cultura e do trabalho, se registaram transformações e renovações, e se lançaram novas directrizes. Mudaram-se quadros e alargaram-se horizontes de progresso técnico.

Por outro lado, e no que respeita à repercussão do conflito internacional no nosso país produziram-se afirmações de singular relevo e deram-se factos de indiscutível significação.

* * *

O ano começou com uma mensagem do Chefe do Estado ao país, lida no dia 1 de janeiro.

Em 25 de maio o sr. Presidente do Conselho expôs, perante o II Congresso da União Nacional, as bases da nossa política externa, referindo-se largamente à aliança com a Inglaterra, e ao seu funcionamento, à nossa concepção de neutralidade, ao conceito de Estado e de Nação. Foi nesse discurso que o dr. Oliveira Salazar pronunciou a seguinte frase: «Não temos oscilado conforme as vicissitudes da luta, nem mudado de opinião ou de lugar». E esta outra: «Não podemos por modestia apagar-nos, nem egoisticamente fingir que adormecemos: despertar-nos-iam dolorosamente».

Três dias depois, no banquete de confraternização dos oficiais do Exército e da Armada, o sr. dr. Oliveira Salazar, na qualidade de ministro da Guerra, pronunciou outro discurso, com significação na política portuguesa interna.

No dia 13 de agosto realizou-se em Lisboa uma grande parada militar, com uma amplitude nunca antes atingida, e que causou impressão no país.

Em 7 de junho o Governo, em nota oficiosa, declarava ao país que, a pedido da Inglaterra, havia suspendido totalmente as exportações de volfrâmio e no mesmo dia Eden, na Câmara dos Comuns, anunciava a mesma decisão, referindo-se a «mais esta prova de amizade anglo-portuguesa» e à «fidelidade de Portugal à sua antiga aliança».

No capítulo da política portuguesa externa assinalou-se em 22 de abril a elevação, a embaixadas, das legações de Portugal em Washington e dos Estados Unidos em Lisboa.

Em novembro delegações portuguesas qualificadas tomaram parte na Conferência Económica Internacional, reunida em Rye, e na Conferência Internacional de Aeronáutica. Civil, efectuada em Chicago.

O Governo teve também ocasião de comunicar ao país que em 14 de março chegara a Timor o capitão Silva Costa, com a missão de fazer um inquérito acerca do que, em realidade, naquela nossa colónia se passou com a ocupação japonesa.

* * *

A 6 de setembro deu-se uma remodelação ministerial profunda no gabinete da presidência do dr. Oliveira Sa-

lazar, mantendo-se, porém, integral, a mesma orientação política. Entraram para o Governo seis novos ministros: tenente-coronel Julio Botelho Moniz para o Interior, dr. Cavaleiro Ferreira para a Justiça, dr. Caeiro da Mata para a Educação Nacional, dr. Marcelo Caetano para as Colónias, engenheiro Cancellata de Abreu para as Obras Publicas, comandante Américo Tomás para a Marinha, ascendendo a ministro da Guerra o subsecretário tenente-coronel Santos Costa e a ministro da Economia o subsecretário, antes das Finanças, dr. Luiz Supico Pinto. Três subsecretários transitaram de departamento: os srs. drs. Trigo de Negreiros para a Assistência, dr. Diniz da Fonseca para as Finanças, e o engenheiro Espregueira Mendes para as Comunicações; foram nomeados novos subsecretários: dr. Amorim Ferreira para a Educação Nacional, dr. Homem de Melo para a Agricultura, dr. Albano Sarmento para o Comércio e Indústria, dr. Castro Fernandes para as Corporações, tenente-coronel Gomes Araújo para a Guerra, e engenheiro Frederico Ulrich para as Obras Publicas. Como se vê, ficaram a ocupar os mesmos cargos apenas o dr. Oliveira Salazar na Presidência e Estrangeiros, o dr. Costa Leite, nas Finanças, e engenheiro Sá Carneiro, na subsecretaria das Colónias.

Em 24 de fevereiro fôra criado o Secretariado Nacional de Informação e Cultura Popular, e nele, provido, um mês depois, o director do Secretariado de Propaganda, sr. António Ferro.

Em 2 de março foi nomeado o novo presidente da Câmara Municipal de Lisboa, tenente-coronel Salvação Barreto.

Em outubro e novembro foram substituídos quasi todos os governadores civis do continente e ilhas, muitos presidentes de Camaras Municipais, e outras entidades, nomeadamente comandantes da Polícia e o enfermeiro-mór dos Hospitais Cíveis de Lisboa, substituído pelo capitão dr. Alves Roçadas. Foram renovados o Conselho Central e os comandos da Legião Portuguesa.

* * *

No capítulo de administração, tornaram-se publicos, em 5 de agosto, o relatório das contas publicas de 1943, acusando um saldo de 62.800 contos, e, em 28 de dezembro, o orçamento geral do Estado para 1945, com um saldo previsto de 900 contos.

Em junho tornaram-se conhecidos o plano de electrificação do país e o plano de fomento e reorganização industrial, reunindo-se, após autorização do Conselho do Estado, a Assembleia Nacional em sessão extraordinária a 23 de outubro, para discussão e aprovação daqueles importantes diplomas, que foram promulgados em dezembro. Pelo Ministério da Justiça começou a estudar-se a reforma do Código Civil.

Durante os meses de novembro e dezembro o Governo, representado pelo subsecretário da Agricultura, deslocou-se

(Continua na pag. central)

Ano Novo... Não podemos dizer «Ano Bom», porque ano bom só poderemos chamar àquele que comece sem o abominável pesadelo da guerra. Mesmo os países que, milagrosamente, estão em paz, não deixam de sentir a sombra atroz que entenebrece o mundo, e, façamos-lhes justiça, não o sentem apenas, pelos prejuizos, transtornos, dificuldades que a guerra provoca, mas também pela solidariedade humana, pela consciência dolorosa das vidas que se sacrificam, na maioria em plena flor da mocidade; das ruínas que se acumulam; dos lares destruídos, de tanta e riante perda dos seus, de tantos pais que não sabem a sorte dos filhos; de tanta gente enlouquecida de dor, exausta, faminta, desalentada...

E' impossível não se sentir no curação o reflexo de tantas magoas, que não podemos evitar, mas que nos doem e horrorizam; que decerto nos devem fazer apreciar, ainda mais, a nossa paz, mas sem indiferença pelo mal alheio, sem descaído egoísmo, antes com mais amor por todos os que sofrem.

Há anos já, que, na passagem do Ano, não tocamos as sereias, as buzinas, os sinos, como sinal de respeito pela dor do mundo. Aqueles dois minutos de ruído, de animação, de alegria, transformaram-se em dois minutos de silêncio, solene, compungido e triste...

* * *

O Ano Novo é sempre uma pessoa de cerimónia. Não o conhecemos. Sonhamo-lo, com esperança, com receio, às vezes com ansiedade. Não sabemos o que esse viajante misterioso traz na bagagem, nas malas fechadas, que podem abrir-se como cornucópia de abundância, ou como boceta de Pandora, espalhando males...

E' pessoa de cerimónia... E' preciso recebê-lo bem, convidá-lo a entrar com um sorriso amável, estender-lhe a mão, abrir-lhe a nossa casa, pois é em nossa casa, com a família reunida no lar pobre ou rico, que melhor poderemos receber o Ano Novo, dar-lhe lugar à nossa mesa, oferecer-lhe o nosso chá ou o nosso caldo, a nossa refeição festiva, por modesta que seja...

Lisboa, a nossa querida cidade, parece que lhe quer fazer uma recepção «fria», e vai baixando de temperatura; e, talvez por capricho feminino, sente a tentação de envogar o vestido branco da neve, para aparecer com um aspecto novo, ao novo cavaleiro andante, que vem da legião dos séculos.

Temos sempre pronta uma sala de visitas maravilhosa, o Terreiro do Paço, a que as colunas servem de pórtico, em que o Tejo desdobra um tapete de setim, que o sol ou o luar bordam de ouro e prata, e com um rei, de capacete emplumado, a receber os visitantes...

A recepção tem de ser silenciosa e calma, na serenidade da noite invernal... O viajante chegará, talvez, modestamente, num pequeno barco à vela...

* * *

Todos, nas suas casas, o sentirão chegar... A Rádio dará a notícia, e cada um o celebrará a seu modo, com fé, com esperança, com caridade, e até com um bocadinho de supersti-



O Cais das Colunas é o pórtico da sala de visitas de Lisboa...

ção, que nos ficou, talvez, de avoengos mouros...

Uns passam a meia noite a rezar, elevando o pensamento a Deus, nesses momentos graves, em que se volta mais uma folha no livro da vida...

Outros abraçam a família e erguem os copos de saboroso vinho, brindando pelo Ano Novo...

Outros, ainda, em «reveillons», nos restaurantes, festejam a meia noite, de um modo menos familiar e menos afectuoso. São, na maioria, os desherdados de coração, por escassez do coração próprio, ou do coração alheio...

Numa casa familiar, assistimos, muitas vezes, a essa passagem do ano, em que não dispensavam a seguinte cerimónia: atravessava-se um cordel de lado a lado da sala à altura de pouco mais de um palmo do chão; todos se enfileiravam ao longo dessa fragil divisória com um copo de vinho do Porto na mão; saltavam o cordel, avançando com o pé direito, ao dar da meia noite, e bebiam um golo de vinho; em frente estava uma mesa, tendo para cada conviva doze bagos de uva—os doze meses do ano—que se deviam comer, sendo possível, até findarem as doze badaladas da meia noite. Depois, abraçava-se a pessoa mais próxima da família—mais próxima no parentesco—em seguida os outros parentes ou amigos, e concluía-se a ceia, com as restantes iguarias.

Nunca nos lembramos de perguntar de onde vinha aquele costume—mas parece-nos que deve ser de qualquer país estrangeiro, pois não nos dá a impressão de uso português—deve ter vindo de fora, como o «Pai Natal», que sem sombra de intenção irreverente, muitas famílias cristãs aceitavam como intermediário dos brinde para as crianças. A propagação do Presépio, que andava um pouco esquecido, e que fôra tão português, embora nos viesse do doce Francisco de Assis, tem feito o seu caminho, e voltou a instalar-se carinhosamente nos lares cristãos.

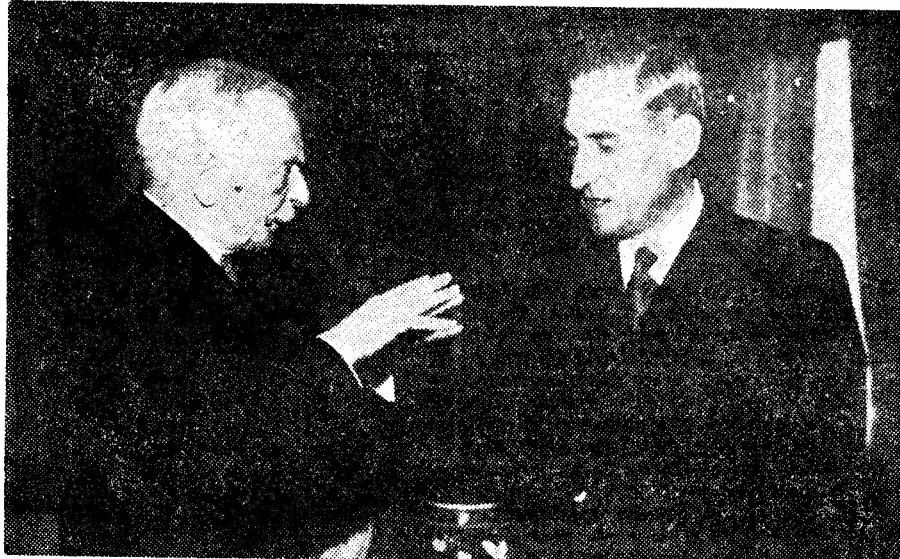
Há dias, um pequenito, que havia recebido, em anos antecedentes, os brindes do Pai Natal, e este ano os teve colocados junto de um lindo Presépio, perguntou à mãe:

—O' mãezinha, quem era o Pai Natal?

A mãe reflectiu um instante e respondeu:

—Era um criado velho do Menino Jesus...

MARIA DE CARVALHO



O sr. general Carmona e o sr. dr. Oliveira Salazar, o Presidente da Republica e o Presidente do Ministério, as duas figuras que, durante todo o ano de 1944, continuaram a guiar os superiores destinos da Nação.

Províncias

ultramarinas ou colónias? A lei responde a esta interrogação

«Sr. director:—Quando, em 1943, fui encarregado pela Sociedade de Geografia de coordenar os serviços da «Semana das Colónias», perante a insistência de justos reparos da Imprensa e de alguns conferentes sobre o título desses sete dias de propaganda dos nossos territórios de além-mar, pensei e quis justificá-lo, citando as leis que vieram alterar a velha e sempre reclamada denominação de «Províncias», tão grata a quantos, como eu, passaram 20 anos pelo Ultramar; e, lendo agora o judicioso e primeiro «eco» publicado no «Diário de Lisboa» de há dias, pareceu-me muito oportuno o esclarecimento deste assunto: *Províncias Ultramarinas ou Colónias?*

Concretizemos factos e leis:
Na verdade, pelo art. 1.º da Organização de Rebelo da Silva, aprovada por dec. de 1 de dezembro de 1869, «o território português na África, na Ásia e na Oceania formava 6 províncias: a) Cabo Verde, compreendendo o arquipélago deste nome e as possessões da Senegambia; b) S. Tomé e Príncipe; c) Angola; d) Moçambique; e) o Estado da Índia; f) Macau e Timor; e, em 1907, ainda Aires de Ornelas, no art. 1.º da Reforma Administrativa de Moçambique, vinculava bem:

«A Província de Moçambique compreende todo o território português na África Oriental». Ora, proclamada a República, logo em 8 de outubro o Governo Provisório estabeleceu, para a Secretaria dos Negócios da Marinha e Ultramar, a denominação de «Ministério da Marinha e Colónias», e o art. 1.º do dec. de 24 de agosto de 1911 determinou: «Em substituição do Ministério da Marinha e Colónias, são criados o Ministério da Marinha e o Ministério das Colónias».

Estava, portanto, lançada a base para a designação de *Colónias*, em substituição das tradicionais e portuguesíssimas *Províncias Ultramarinas*, apesar de, na Constituição de 21 de agosto de 1911, se ler no art. 67: «Na administração das *Províncias Ultramarinas* predominará o regime de descentralização, etc.».

V veio depois a lei n.º 277, de 15 de agosto de 1914, que diz no seu art. 1.º: «As *Colónias* portuguesas constituem organismos administrativos autónomos, etc.»; e, nas 50 bases aprovadas por esta lei, repete-se a palavra *Colónias* sem uma única menção de *Províncias*.

O mais interessante, porém, é que a lei n.º 278, da mesma data, começa assim o seu art. 1.º: «As *Províncias Ultramarinas* constituem entidades financeiras autónomas», mas, nas bases também aprovadas por esta lei, volta a denominação de *Colónias* e não a de *Províncias*.

Anos depois, o dec. 7.008, de 9 de outubro de 1920, codificando as leis 277 e 278 de 15-8-1914 e a 552-D de 29-5-1916, os decretos com força de lei 5.730 e 5.779 de 18-5-1919 e as leis 1.005 e 1.022 de 7 e 20 de agosto de 1920, dispôs no seu art. 2.º: «As *Colónias* portuguesas constituem organismos administrativos autónomos, etc.», mantendo-se nas suas 99 bases a designação de *Colónias*, sem uma única referência a *Províncias*.

V veio a seguir o dec. n.º 12.421, de 2-10-1926, assinado por João Belo, e lá se encontra logo na I base: «O Império Colonial Português é formado pelas *colónias* portuguesas»; e as mesmas palavras repete a base I aprovada pelo dec. n.º 15.241 de 24-3-1928, assinado por Ivens Ferraz.

Para o assunto ficar bem esclarecido, continuemos, porém:

Em 1930, ao Conselho Superior das Colónias foi solicitado o estudo do projecto do «Acto Colonial» e esse organismo, num largo parecer com o n.º 331, aprovado e assinado em sessão de 29 de maio de 1930, depois de salientar que, não havendo províncias metropolitanas não fazia sentido a denominação de *províncias ultramarinas*, sustentou esta doutrina: «A adopção do termo *Províncias Ultramarinas* implicaria mesmo a mudança de nome para o nosso Ministério das Colónias, o que viria alterar a nomenclatura hoje usada, sobretudo lá fora, onde todas as nações coloniais têm os seus ministérios das colónias e não ministérios do ultramar ou outra designação equivalente».

Ora, bascando-se no Parecer n.º 331 do C. S. C., o «Acto Colonial» de 11-4-1933, integrado na Constituição, diz no seu art. 3.º:

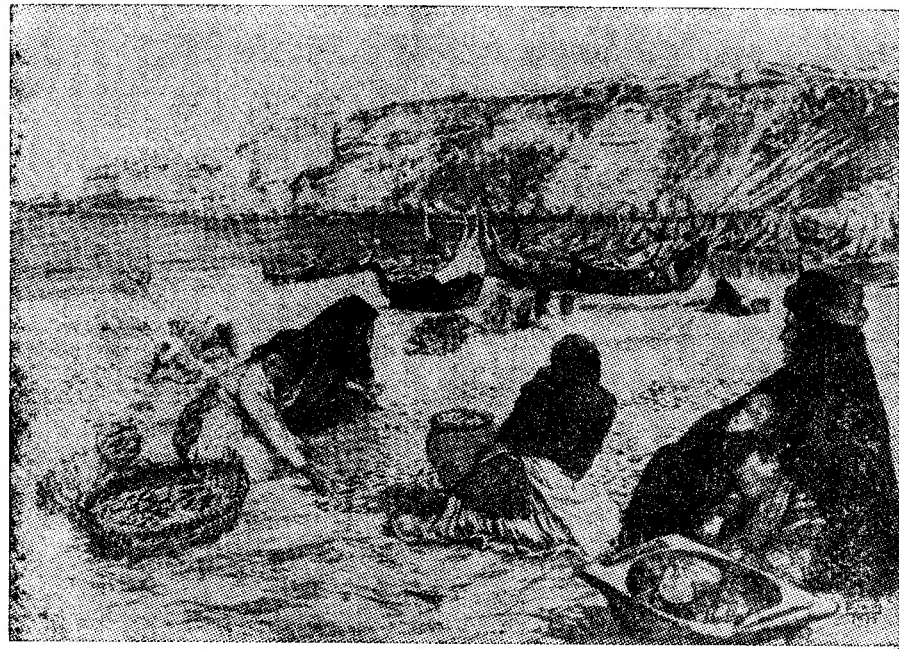
«Os domínios ultramarinos de Portugal denominam-se *Colónias* e constituem o Império Colonial Português».

Em conclusão:

Baseiam-se nas leis em vigor quantos empregam a palavra *Colónias*; e se o território do Minho ao Algarve de novo foi dividido em *Províncias*, só o Governo é juiz da oportunidade em que, por instrumento legal, deveremos voltar à velha e tradicional denominação de *Províncias Ultramarinas*, adoptada por Aires de Ornelas e Rebelo da Silva, visto não depender de cada um a liberdade de menosprezar ou contrariar o disposto em leis sucessivas, elaboradas desde os primeiros dias do regime republicano.

Pela publicação destes esclarecimentos muito grato se confessa J. V. Sôlipa Norte».

O «Diário de Lisboa» vende-se em Lourenço Marques na casa José Maria dos Santos.



«Secagem do peixe» (Nazaré), aguarela da ilustre artista Raquel Gameiro

AS ARTES PLÁSTICAS EM 1944

Há mais artistas

e houve mais exposições

1945—é um ano diferente. É mais característico que os anteriores. Houve coisas! Alguns acontecimentos fizeram história. Diga-se mesmo que permanecerão a marcar, se não a exprimir uma época. Não que o génio abunde. Nas artes plásticas, observa-se o mesmo que nos cadeirais da filosofia, nos cenáculos e academias das letras, ou nos claustros da ciência. Uma super-cultura, afinada pela intuição, mas não por aquela vocação instintiva que cria, digamos, sem responsabilidade pessoal porque assim se nasce—alastrou, uniformizou, preambilizou, sem todavia destacar figuras incontestáveis, com metrado na arte e no pensamento. Veja-se, como aquele «*estúpido século XIX*», título que deu uma frase mais rotunda do que exacta, foi transcendente de valores, em Portugal. Dir-se-ia mesmo que na arte e nas letras, entre nós, o século XIX esmagou o século XX. Citar nomes? Eça, Oliveira Martins, Nobre, Junqueiro, Ramalho Ortigão, outros poetas e escritores menores, que hoje teriam um canto estridente; na pintura, Columbano, Malhoa, Carlos Reis, Ramalho, Silva Porto, Salgado, Condeixa; na escultura, Soares dos Reis, Teixeira Lopes, Simões e Costa Mota, tios e sobrinho, etc. Não significa isto que os olhos se tenham cerrado á beleza. A verdade é outra—há menos expressões ecuménicas de talento e também, pelo esgotamento das ideias, menos motivos de interpretação directa.

Renova-se, e já é muito! O ano que fecha teve, no entanto, como já acentuámos, características diversas das anteriores. Fez-se muita exposição, talvez mesmo até de mais, mas algumas tiveram luz própria. Pode mesmo afirmar-se que foram revelações, senão destas claridades que nos reconciliam com a vida, ou, pelo menos, desenhavam um parentesis, na mediocridade das almas e dos factos.

Morreu o grande artista Sousa Lopes, em 21 de abril, esse veneziano de cor, que pintou admiravelmente tipos e fainas do mar e alguns trechos históricos, que, de facto, assinalam um mestre original. Inaugurou-se a terceira estatua equestre do país (Porto, D. Pedro IV; Lisboa, D. José) na qual se consagrou D. João IV e, sobretudo, a independência da Nação. É obra de Francisco Franco, estatutário do monumental. A seguir: entre o melhor vimos os painéis de Martins Barata, na Assembleia Nacional, majestosos de sentido nacional, admiravelmente desenhados, que levaram ao local centenas de pessoas.

Portela Junior realizou uma exposição, na Sociedade Nacional de Belas Artes, com exito extraordinário, enchendo-a de figuras rústicas de flagrante carácter racico, num ruralismo e num humanismo portuguesíssimo, de toque inigualável. Uns dizem-no Columbano, outros Malhoa—os juízos dividem-se, mas Portela Junior triunfa, como um dos pintores mais vivos do nosso tempo, agarrado á terra, a tipologia, a etnografia, a vida simples da aldeia, com pineladas de lirismo e de intimismo, que se admiram. É, sobretudo, exaustivamente até, um pintor!

Noutra nota, fina e elegante, decorativa e feminina pelo donaire e sensibilidade, Antonio Soares que, ha muito não aparecia, e cuja galeria nos provou que não perdera o seu tempo, nem menosprezara o interesse que os seus amigos lhe votam. Eduarda Lapa apresenta, no



«Mulher de Estarreja», pintura de mestre Varela Aldemira

palacio das Belas Artes, onde, de resto, as exposições, até começos do verão, foram continuas, duas centenas de trabalhos. O salão é dela e o publico compra, enlevado por tão diversos e ridentes aspectos de paisagem, marinha e figura da nossa terra. No Museu das Janelas Verdes, o dr. João Couto não pára. No seu museu as obras estão quasi concluidas e um ou outro certame cultural realiza-se ali, com acrescido interesse. Numa feliz escolha, o notável artista Diogo de Macedo toma conta da direcção do Museu de Arte Contemporânea. Fecha-o para remodelações, anunciando-se para breve (no decorrer de janeiro) a reabertura solene. Leopoldo de Almeida envia para a catedral de Lourenço Marques, uma série de baixos relevos admiráveis, e mestre Varela Aldemira fulgura na grande annual do palacio de Barata Salgueiro, com um retrato de rapaz, que é um primoroso estudo de carácter. Joaquim Lopes, mestre da escola de arte portuense, nunca desdenha, apesar da sua envergadura, em apresentar-se nos certames, dando-nos as suas lições de impressionismo.

Um paragrafo muito especial para João Reis, herdeiro directo da paleta de mestre Carlos Reis, colorista da nossa terra, de que sabe captar, não, apenas, a expressão física, mas o seu lirismo, a sua graça, a sua doçura amorosa, o seu encanto virgiliano. A sua exposição, no Porto, figura e paisagem, repetida em Lisboa, foi uma bela afirmação de talento. Ainda Domingos Rebelo, no «Salão do Seculo»; exposições de artistas nacionais e estrangeiros, no S. P. N., com os seus prémios tentadores e o seu ambiente inconformista, e por aqui e ali, num vicejar continuo, emmaranhado até, mas fecundo, com estroma rico para futuros desenvolvimentos—e aperfeiçoamentos.

Os tipógrafos

portugueses

do século XVI
e a fundação

das Misericórdias

O trinitário Fr. Miguel Contreiras, que nasceu a 8 de maio de 1431 e faleceu a 29 de janeiro de 1505, foi a alma das Misericórdias. Passando a vida inteiramente dedicado á beneficência, era conhecido como o *apóstolo de Lisboa, o pai dos pobres, o amparo dos orfãos, o remédio de todos*.

A irmandade da Misericórdia, criada em 15 de agosto de 1498, nos claustros da Sé, na capela de Nossa Senhora da Piedade, foi a origem desta obra grandiosa. O rei D. Manuel, sua segunda mulher D. Maria e, mais tarde, sua terceira mulher, D. Leonor de Austria, tornaram um facto, com o citado trinitário, esta bela ideia. Foram os impressores Valentim Fernandes de Moravia e Herman de Kempis que tiveram a honra de imprimir a primeira edição do «Compromisso da Misericórdia de Lisboa», dando assim execução impressa a esta magnifica obra, sempre notável no decorrer dos séculos.

Antes de descrever o «Compromisso», é de justiça frisar que estes dois celebres impressores, sobretudo o primeiro, passaram á história portuguesa, não só como as mais notáveis figuras na sua arte, mas ainda como autores e tradutores. Valentim Fernandes foi até corrector encartado nas transacções sobre especiarias, entre portugueses e alemães. Viveram no final do século XV e principio do século XVI. E a Academia Portuguesa de História, quando do Duplo Centenário da Fundação e Restauração de Portugal, em 1940, publicou um in-folio intitulado «O manuscrito de Valentim Fernandes».

O título da obra, «O Compromisso da Confraria da Misericórdia», é impresso a caracteres góticos vermelhos, por baixo duma gravura que representa a Virgem rodeada de reis, papas, religiosos, etc., em adoração, tudo enquadado por tarjas e vinhetas ornadas de aves, insectos e flores.

Esta impressão ficou com fama de notável na tipografia portuguesa. As edições sucederam-se e, assim, podemos apontar, entre outras, as de 1600, 1619, 1640, 1645, 1662, 1674, 1704, 1739, 1745, 1749, 1755, 1818, etc.

Valentim Fernandes deve ter chegado a Lisboa no final do ano de 1493 ou principio de 1494. Fundamenta-se esta opinião no facto de, segundo sua confissão, se encontrar já em Sevilha em novembro de 1493 e ter começado a compôr a «Vida Christi» em maio de 1495.

Segundo se verifica pelos anais tipográficos portugueses, a sua actividade desenvolveu-se a partir de 1495 até 1508, em muitos casos isoladamente e, a partir desta data, de parçaria com o alemão Herman de Kempis, o italiano João Pedro de Cremona, e ainda com Roberto Raloelo, averiguadamente até 1516. Em 1519 já era falecido, pois, a propósito duma propriedade pertencente a Isabel de Albuquerque, em Alhos Vedros, se diz, em 4 de maio de 1519, que confrontava com os herdeiros de Valentim Fernandes.

Valentim Fernandes, no manuscrito a que aludimos acima, informa a pág. 231 «Anno de 1508 dias ij de Novembro party de Lisboa numa nau do honrado fidalgo Mendes de Brito». Teria ele regressado á Alemanha deixando os seus negócios tipográficos em sociedade com os tipógrafos que já atrás indicámos? Teria voltado e morrido depois? A data e o local da morte deste notável alemão continuam incertos. O que é certo é que, como nenhum outro, elevou a arte tipográfica portuguesa a um esplendor nunca mais tarde atingido.

CALÇADO
compre só da afamada
«MARCA»
SEVEN
de Luxo
LISBOA
SAPATARIA «A DIPLOMATA»
Rua do Loreto, 19
SAPATARIA CRISTAL
Rua do Amparo, 22
SAPATARIA ROYAL
Rua da Graça, 112
SAPATARIA LONDRINA
R. Arco Marquês de Alegrete, 51
SAPATARIA EDEN
R. Arco Marquês de Alegrete, 37

O TEATRO EM 1944

Revista dum ano

que não acrescentou nada de novo

à glória da nossa literatura dramática

O ano que finda, como o anterior, pode dizer-se que não foi duma grande riqueza de produção dramática. Quasi todos os teatros de declamação se valeram de reposições para manter a porta aberta e manda a verdade dizer que nem sempre foi acertada a escolha de peças retiradas à pressa da poeira dos arquivos, escovadas e retocadas num ou noutro ponto dos estragos produzidos pela acção implacável do tempo.

Está dito e provado que entre nós não floresce a literatura dramática, por nos faltarem as qualidades requeridas para o genero, embora alguns talentos literarios se tenham aplicado com êxito á produção teatral. Podem, no entanto, contar-se pelos dedos aqueles que conseguiram triunfar das dificuldades que a poesia dramática, mais do que qualquer outro genero literario, oferece a quem tenta profundar-lhe os segredos e fruir-lhe os proveitos. Pois esses mesmos, ou alguns deles, que o publico tem distinguido com os seus aplausos e os empresarios com a sua preferéncia, não nos quiseram dar este ano um ar da sua graça.

Alfredo Cortez, esse não escreve há muito tempo, impossibilitado por doença que privou o teatro dum dos autores contemporaneos que lhe deram maior lustre. Já não queremos falar de Julio Dantas, o glorioso mestre da lingua portuguesa que abandonou de vez as lides teatrais, onde o seu belo talento dramatico brilhou a toda a altura. Ramada Curto não nos deu a peça que esperavamos dele a época passada e limitou-se a esbanjar o seu formoso talento na ingloria tarefa de escrever uma revista de colaboração com Luiz de Oliveira Guimarães, ao que parece, uma revista que não se chegou a representar, pois como sabem nem sempre a revista que se escreve é aquela que se representa. Vasco de Mendonça Alves ficou-se pela simbólica «Patria» e Virginia Vitorino emudeceu depois daqueles «Camaradas» também simbólicos, duas peças de feição diverso mas com objectivo identico pelas quais o publico não se interessou, o que vem provar que o simbolismo em teatro só difficilmente consegue arrastar as multidões. O facto repetiu-se mais tarde com «Dulcinéa ou a ultima aventura de D. Quixote», de Carlos Selvagem, que representou um belo esforço da inteligencia a que o publico também não correspondeu.

O nome de Luna de Oliveira também não aparece há muito tempo num cartaz teatral. E de autores que tentaram com êxito tanto a comédia como o teatro denominado ligeiro, não voltámos a aplaudir, entre outros, Felix Bermudes, Pereira Coelho, Matos Sequeira, Pedro Bandeira, Xavier de Magalhães, Alvaro Santos, Ave-lino de Sousa e o próprio João Bastos, que a época passada não nos deu nenhuma obra original.

Da pleiade de autores novos que se revelaram com mais qualidades para triunfar, não foram representados durante o ano findo, embora quasi todos tivessem peças entregues a diversas empresas, Olga Alves Guerra, Armando Vieira Pinto, Manuela de Azevedo, Manuel Fragoço, José

Ribeiro dos Santos e Manuel Frederico Pressler, para não citar senão estes.

Carlos Selvagem, dentre os consagrados, foi o mais corajoso e porventura aquele que nos deu a obra mais vigorosa de todas as que se representaram o ano findo em palcos portugueses. «Dulcinéa ou a ultima aventura de D. Quixote» constituiu, na verdade, um espectáculo rico de interesse, do ponto de vista literario, plastico e até musical, merecedor da brilhante colaboração que lhe deu Ernesto Halfter.

Pouco mais, infelizmente, há a acrescentar á lista dos originaes portugueses representados em 1944. Rui Correia Leite deu-nos duas peças de indole diversa, uma que subiu á cena no Nacional, «Raça!», outra que viu a luz da ribalta no Trindade, «O jogo das escondidas», a primeira um conflito de sentimentos dentro dum quadro de costumes, e a segunda uma comédia ligeira e despresticiosa que o autor tinha metido há anos no fundo duma gaveta e que já não pensava representar, quando um empresario, inesperadamente, lhe pediu, após o êxito, também inesperado, da «Raça!».

Joaquim Paço de Arcos viu representado o seu «Ausente», peça com mais consisténcia literaria do que teatral, num fi-

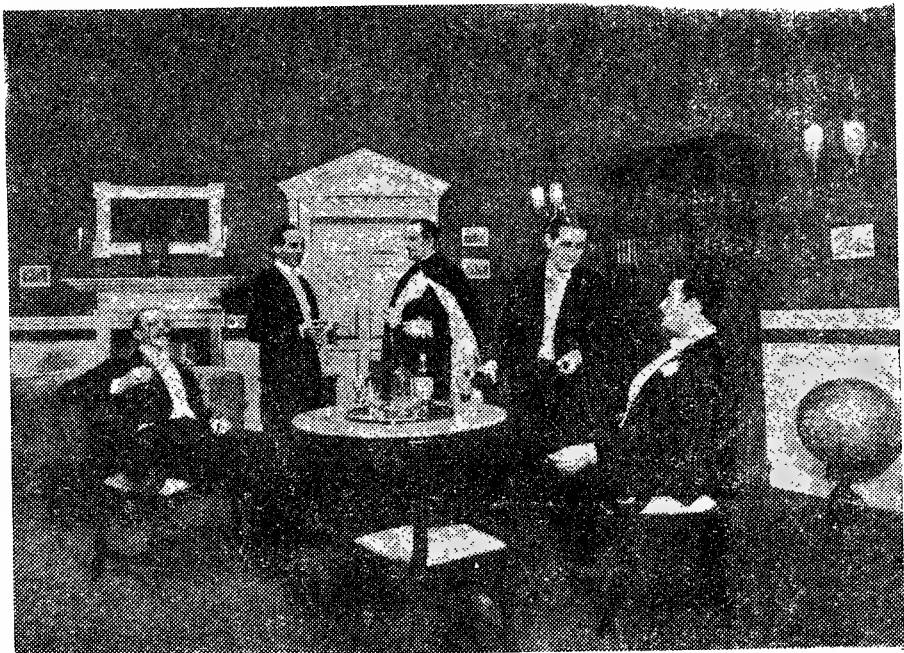
DE UM ANO PARA O OUTRO...

Coisas que todos sabem mas que poucos querem entender

A matemática recorre, algumas vezes, á demonstração por absurdo: partindo de uma base reconhecidamente falsa, conclue pela inadmissibilidade do raciocínio. Logo, se é inadmissível o raciocínio forjado no ponto de partida reconhecidamente absurdo, o oposto do absurdo será o verdadeiro. Neste caso, não será necessário recorrer-se, porém, a esse género de demonstração. A premissa é verdadeira e está á vista de toda a gente: há um inegável movimento de regresso ao Teatro. O publico, tanto tempo acusado de divórcio pela coisa teatral, volta a interessar-se, em termos que não podem passar despercebidos e de que importa deduzir as necessárias consequências.

MARÉ QUE SOBE

E' fora de dúvida que rapazes e raparigas, de gerações que, até há pouco, pareciam só saber falar do espectáculo cinematográfico, estão a ser atraídos pelo prestigio insubstituível do teatro vivo, em que a própria respiração dos artistas chega até nós, sem a deformação fotografica, sem o crivo dos instrumentos mecanicos que podem aproximar de nós a illusão mas que nos afastam da realidade. Não se conhecem bem as razões do



Uma cena do 2.º acto do «Leque de lady Windermere», no teatro Nacional

nal de época que não lhe permitiu longa carreira.

Fernando Santos e Almeida Amaral escreveram para a companhia Maria Matos, de que são fornecedores habituais, duas comédias, a primeira das quais se representou com êxito: «As três camaradas», um quadro de costumes de bom sentido popular, e «A pobreza envergonhada», uma peça de indole social, que esta noite sobe á cena.

Estreou-se um autor: Redondo Junior,

com uma peça audaciosa, «O atrevido», que revelou qualidades.

O teatro infantil, cuja tradição a empresa do Nacional mantém com louvavel persisténcia, tentou a poetisa Ilda Correia Leite, que nos deu «O anão-gigante», conto para crianças que se representou juntamente com «O auto da pastora perdida e da velha gaitreira», de Santiago Prezado, o qual, não se destinando propriamente a crianças, constitue um lindo quadro bíblico e pastoril.

As «matinées» culturais continuam a ser obrigatórias pelo contrato de adjudicação do teatro Nacional e este ano tivemos um autentico presente na «Sylvia vicentina» que Gustavo de Matos Sequeira compôs com talento poetico e sentido teatral, contribuindo para trazer Gil Vicente até junto dum publico que, por via de regra, abandonava, lamentavelmente, as representações da obra admiravel do fundador.

O teatro de revista que entre nós é, incontestavelmente, uma das actividades dramaticas mais apreciadas do publico e que tem gloriosas tradições, não esteve, também, florescente em 1944. Escreveram-se menos revistas, o que não é um mal, mas escreveram-se piores revistas do que no ano anterior. «Baile de mascaras», de Fernando Santos e Almeida Amaral, vestiu, pelo menos com o nosso voto, a camisola amarela das revistas durante o ano findo. «O jogo do diabo», de Ramada Curto e Luiz de Oliveira Guimarães, não foi por falta de talento dos autores que teve melhor sorte. «Há festa no Coliseu», de António Porto, Anibal Nazaré e Nelson de Barros, constituiu um belo espectáculo, de categoria internacional, sobretudo pela sumptuosidade com que o empresario António de Macedo a pôs em cena, num palco familiarizado com os grandes êxitos de montagem. Os mesmos autores escreveram para o Avenida «A festa rija», que teve menos projecção no publico. Há que citar ainda «A canção nacional», de António Torres e Fernando Ferreira, e «O viva da costal», supomos que da autoria de Mario Pires, ambas de indole marcadamente popular, que caíu por vezes no popularuncho, e que subiram á cena no teatro Apolo.

No capítulo da opereta, um grande êxito popular assinalou o ano de 1944: «O Zé do Telhado», de João França, com musica de Jaime Mendes, em que fez furor a popularizadíssima canção «Ninguém foge ao seu destino», que não tardou a passar do palco do Avenida para a guitarra nostálgica dos cegos e para a voz esgançada das soperas. Outras duas operetas de sentido popular viram a luz da ribalta, uma no Porto, «A mulher do padre», de Arnaldo Leite e H. Campos Monteiro, e outra em Lisboa, «A rosa cantaleira», de Amadeu do Vale e Frederico Valério. Ricardo Covões deu-nos, nesse genero, duas belas realizações: «As pupilas da sr. reitor», com uma linda partitura de Fernando Athos, e «A alvorada do amor», de origem brasileira, que reatou a tradição da opereta vicentina. Nunca se montou uma peça com mais sumptuosidade em Portugal.

As traduções e adaptações de bom e mau teatro estrangeiro continuaram a predominar. Há uma que merece referência especial, pela seriedade da obra e pela dignidade de que se revestiu a montagem: é «A ascensão de Joaninha» (Hanneles Himmelfahrt), de Gerart Hauptmann, numa cuidada tradução do prof. Paulo Quintela, que subiu á cena no teatro Nacional, num espectáculo patrocinado pelo

POUCOS TEATROS

Como corresponde a nossa organização teatral, de momento, a essa súbita revelação de interesse? E' preciso reconhecer que, de um modo geral, em termos poucos satisfatórios. Teatros há poucos: seis a funcionar, três de género declamado, três de género musicado. As instalações não são invejáveis de comodidade e, nalguns casos, ficam abaixo do minimo toleravel, principalmente tendo em aténção os hábitos, já contraídos, de um publico provindo das salas de cinema, que desde há muito primam, na sua maior parte, em oferecer, a quem as frequenta, certa medida de conforto. Alguma coisa que se tem feito não contraria o que dizemos: prova a sua necessidade. O exemplo tem de ser seguido e ampliado.

POUCAS VEDETAS

A representação teatral não pode ter a sua justa expressão sem uma boa medida de conjunto. Esta verdade avulta no espectáculo de género declamado, onde um artista de categoria, rodeado de satélites de quinta ordem, faz a figura de uma abobaladura de pérolas num peitilho enno-dado de vinho. Mas o espectáculo musicado não pode viver sem vedetas e, para se ser cegamente justo, é preciso reconhecer que não existe, no nosso panorama presente, uma artista que reúna todos os predicados de uma verdadeira vedeta de revista, capaz de quantos aspectos esse género reclama. Basta ver a chamada constante que tem de se fazer a Irene Isidro, cujo lugar é na comédia, onde bastante falla faz. A vaga de Beatriz Costa continua por preencher.

GENTE NOVA

A renovação dos quadros é uma regra de todas as actividades: no teatro é de uma necessidade urgente e reconhecida por todos que sabem alguma coisa do meio. E' de defender a posição de quem está, mas o circuíto fechado da Torre de Marfim é



Uma cena do 3.º acto da «Rosa Enjetada», no teatro da Trindade

(Continua na pag. seguinte)

(Continua na pag. seguinte)

A actividade

Cinematográfica nacional

no ano findo

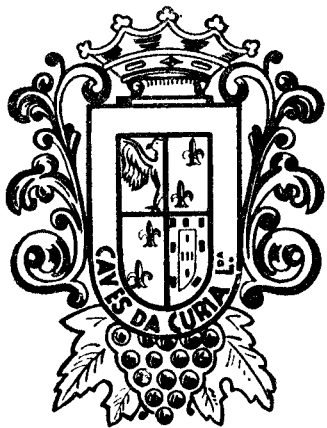
A dois filmes se reduziu a produção portuguesa em 1944, e do seu confronto resulta uma lição: não basta ter dinheiro, o cinema carece de preparação. Escrever o argumento para um filme, decompô-lo em cenas, dialogá-lo e realizá-lo, é tarefa difícil de englobar, e de improvisar. Com tal dificuldade lutou Brás Alves, que nos deu um dos filmes portugueses de 1944, «O violino de João» ou «do João», de que foi autor, dialogador e realizador. Exibido no Tivoli, tendo por protagonista uma estreante, Alda Luftman, nem os nomes de Erico Braga, de João Villaret e de Igrejas Caeiro, conseguiram prolongar a carreira do filme que foi terminar seus dias no Condes.

O outro filme português de 1944, «A menina da Rádio», teve também uma estreante, Maria Eugénia, amparada pela experiência da Maria Matos e de António Silva, mas teve, sobretudo, um escritor e um realizador experimentados, João Bastos e Artur Duarte. Assim fez «A menina da Rádio» boa carreira de seis semanas no São Luiz, ainda prolongada no Odéon e no Palácio. Do paralelo resulta a moralidade que se deve aplicar à produção cinematográfica nacional para não se perder dinheiro, tempo e celuloide.

No campo da produção peninsular, isto é, de filmes em que colaboram portugueses e espanhóis, entrou-se num plano de realizações que já acusou suas vantagens em «Doze luas de mel» com a saudosa Milu. Leitão de Barros, artista experiente, levou a Madrid actrizes e actores portugueses para o seu filme «Inês de Castro», que obteve raro êxito. E para outro filme que já deseperámos ver, «Madalena, Zero em comportamento» foram a Barcelona outros portugueses que aproveitaram, pelo menos, a viagem.

De 1944 para 1945 transitam muitos projectos, e uma próxima realidade, a do concurso aberto pelo S. N. I. para adaptação ao cinema de dois romances de Eça de Queiroz, «A cidade e as serras» ou «A illustre casa de Ramires», tão próxima que até 28 de fevereiro têm de ser entregues os projectos de adaptação e de composição por cenas, com indicação do desenvolvimento visual e sonoro da acção.

Aligora-se-nos curto o prazo de dois meses para tal trabalho, mas festejamos a iniciativa.



NAS SUAS FESTAS
NÃO DISPENSE OS
ESPUMANTES NATURAIS

ESPUMANTE BRASIL
DAMERY
LUCIEN BEISECKER
RESERVA JUNQUEIRA

PRODUTOS DE
CAVES DA CURIA
R. DO LORETO, 34-s/1
Telefone 2 3823
L I S B O A

Edições da "Renascença Gráfica"

O LIVRO DO NOSSO AMOR por SIL-
VA TAVARES 8\$00
MAIS VALE ANDAR NO MAR ALTO...
por NORBERTO LOPES 10\$00
ALBUM DE CARICATURAS por
FRANCISCO VALENÇA 10\$00
RUA DA ROSA, 17, 2.º

O teatro em 1944

(Continuação da pag. anterior)

Instituto de Cultura Alemã. Os dois grandes êxitos do ano, excepcionais para o nosso meio, foram ainda duas peças estrangeiras: «Miss Ba», de Rudolf Bessier, tradução de António Lopes Ribeiro, no Trindade, com uma encenação magnífica de Ribeirinho, e o «Leque de lady Windermere», de Oscar Wilde, numa excelente tradução de Júlio Dantas e numa primorosa montagem de Amélia Rey Colaço e Lucien Dumat, como nunca se fez melhor em Portugal.

«Tovaritch», de Jacques Deval, numa tradução minha, estava a fazer, também, uma bela carreira quando lhe cortaram as asas. O mesmo se pode dizer de «Duas gerações» (Le Coeur), de Bernstein, que em agosto levou numeroso publico ao teatro Avenida, onde o terceto Alves da Cunha-Madalena Sotto-José Gambôa lhe assegurou uma esplendida interpretação.

Duas organizações teatrais de recente data merecem especial referência: «Os comediantes de Lisboa», que António Lopes Ribeiro reuniu no Trindade, de braço dado com seu irmão Francisco Ribeiro, e a companhia Brunilde Judice-Alves da Costa, que fez uma época brilhante no Ginásio com duas peças estrangeiras, em cuja montagem se revelou um artista de visão e de gosto—Graziela Saviotti. A primeira levou a cena, entre outras, a comédia americana «Não o levarás contigo», de Moss Art e Kaufman, e uma adaptação de «Etienne», de Jacques Deval, com o título «O menino Quim». A segunda representou «Sua Ex.ª o ladrão», de Ladislav Fodor, tradução de José e Luiz Galhardo; «A malvada», de Miguel Escudero, tradução de Ascensão Barbosa, e, numa breve passagem pelo Nacional, «Aparencias», de D. Jacinto Benavente, adaptação de Silva Tavares, e, em reposição, «O sr. administrador», uma interessante comédia de Mario Marques e Silva Tavares, além de «Madre Alegria», para apresentação de Palmira Bastos, que criara a peça no Trindade.

Outras traduções, nem sempre de real

interesse: «Branca por fora e Rosa por dentro», do moderno e cinematográfico Jardiel Ponce, que se estreou em Portugal pela mão de Alberto Barbosa e José Galhardo; «Liberdade provisória», de Michel Duran; «O homem que eu sonhei», de Adolfo Torrado e Leandro Navarro; «Lar alheio», do argentino Rodríguez Aca-suzo; «Os bem casados», de D. Jacinto Benavente; «Hino á vida» (muito parecida com «Nuestra Natacha», de Alejandro Casona), e «A lei do divórcio», de Muñoz Ceca e Perez Hernandez.

Adaptações, além das já citadas, subiram á cena: «Os velhotes», de José Lucio; «O fiel amigo», de Tristan Bernard, Gustave Quinson e Yves de Mirande, e «A sardã-nisca», de Daniel de Espinosa.

Dentre as reposições, vale a pena citar «A Rosa enfeitada», de D. João da Camara, um espectáculo popular posto em cena com grande dignidade, e «A bisbilhoteira», de Eduardo Schwalbach, admirável reconstituição duma época através duma montagem primorosa.

Das iniciativas do S. P. N. devem registar-se a digressão do «Verde Galo» a Espanha, onde se exibiu com assinalável êxito, e a continuação do Teatro do Povo, que este ano revelou um autor: Francisco Ventura, em «Filho sozinho».

Quais foram, individualmente, os grandes êxitos de interpretação do ano que termina? Em primeiro lugar, a prodigiosa criação de Alves da Cunha no «D. Quixote». Depois, a estupenda composição de Maria Lalande na «Ascensão de Joana» e a sua linda interpretação na «Miss Ba». Citemos ainda o desempenho magistral de Amélia Rey Colaço no «Leque de lady Windermere» e a actuação deliciosa de Palmira Bastos na «Bisbilhoteira».

E o publico? Esse manifestou um recrudescimento de interesse pelo teatro, acorrendo em grande numero a todos os espectáculos onde lhe «cheirava», e, embora algumas vezes tenha comido gato por lebre, outras houve em que não se arrependeu, dando o seu dinheiro por bem empregado. N. L.

Coisas que todos sabem

(Continuação da pag. anterior)

de inspiração medieval: sem jogo de palavras com a «idade média», tem que se reconhecer que não se admitem coristas de «meia idade». É verdade que ao artista se deve exigir uma certa média de conhecimentos gerais, uma certa cultura e que, por isso, o Conservatório tem o seu justo lugar. Mas não sabemos todos que há aptidões que só mais tarde se revelam ou só mais tarde se decidem e que ficam com a porta fechada? Acaso todos os ilustres artistas, que são hoje professores do Conservatório, passaram por lá como alunos?

QUEM ESCRIVE?

Se não há Teatro sem artistas, também não há teatro sem autores. Algumas vezes se registam sinais de um interesse oficial pela actividade criadora do nossos escritores. Há um prémio do Secretariado para a obra mais característica representada em cada ano. Porque não institue esse organismo um prémio para autores que não conseguem ver as suas peças em cena—prémio que seria constituído pela simples certeza da sua representação? De um modo geral, o empresário, em vez de se arriscar em palpites, prefere guiar-se pela experiência alheia, rebuscando os êxitos lá de fora e procurando repeli-los em traduções. O prémio das empresas que se interessassem pela produção dos nossos escritores seria o melhor prémio que estes poderiam ambicionar para si próprios.

SENTIDO PROFISSIONAL

Um aspecto fundamental de qualquer organização teatral ordenada é o da disciplina, que, para revelar as suas verdadeiras consequências, tem que ser conscientemente entendida e praticada, em vez de ser imposta. A disciplina teatral reveste-se de muitos aspectos que têm andado esquecidos á medida que cresce o recinto onde se arma a feira das vaidades. O actor que vai para a cena brincar com os colegas esquece-se de que está ali num local de trabalho. E para fazer rir o

público? Pois o publico tanto mais rirá quanto mais vincada for a sua impressão de que o artista representa e vive a sério a situação hilarante. O público é que paga, pelo preço do bilhete, o direito de se divertir. O actor ganha o seu salário com a obrigação de fazer a sério o trabalho que lhe confiaram.

FEIRA DE VAIDADES

As histórias das «vedetas» que tomam a medida do seu próprio talento pelos centímetros e altura das letras do seu nome no cartaz são conhecidas de toda a gente. As das precedências também—com os recursos sabidos das ordens alfabéticas ou das entradas em cena. As transigências dão para tudo—e o caso louvável da última organização teatral constituída entre nós, os «Comediantes de Lisboa», é uma excepção que faz avultar a evidência da regra. Para os grandes artistas não há pequenos papéis—eis uma verdade muitas vezes proclamada e outras tantas vezes esquecida. Pois, para cúmulo, já se chegou á «perfeição» de ter de se mudar o nome a uma peça anunciada, porque não punha suficientemente em evidência as vaidades de uma vedeta feita á pressa...

NEM TUDO É MAU...

Lisboa tem, de momento, duas organizações de alta comédia. Se é certo que toda a gente detesta sofrer confrontos, não é menos certo que o público muito gosta de os fazer. Daqui nasce uma natural emulação—em que cada um procura fazer melhor que o seu concorrente—e daí só o espectador tem beneficiado. Quanto ao espectáculo ligeiro, é fora de dúvida que a sua apresentação tem subido de nível nos últimos anos. Alguém que chegou há dias a Lisboa, vindo de país estrangeiro, foi assistir, num dos mais populares teatros do género, a uma revista que lhe tinham dito não ser grande coisa. Pois saiu sob impressão de maravilha.

—Lá não se faz melhor. Nem tão bom!—dizia.

Ao menos, valha-nos isso...—J. R. S.

PROFECIAS...

O fim da guerra em 1945?

Quando René Albert Tourbain, capitão em serviço na francesa Grenoble, faleceu em 1845, como alguns de antes e de agora, deixou profecias...

Apocrifas, como tantas também, de verdadeiras, as que sob o seu nome fizeram correr, anunciaram os comêços e fins das guerras de 1870 e 1914-1918 e de 1939 e desfecho.

O patricio Frederico Roux reproduziu tudo em brochura, por novembro de 1942 e L'Action de 3 dêsse mês, dava cálculos sobre as fórmulas do profetizante, que teria registado o remate da enormíssima hecatombe:

«Para o meio do século XX e quando o comêço se unir com o fim e o algarismo 1 com o algarismo 7, uma vez e doutro modo».

A decifração da L'Action foi:

1939 + 1940 = 3879

3 + 8 = 11 } ou 11 - 16
7 + 9 = 16

1939 + 3 anos de guerra = 1942.

Ou 11-16-1942, ou como não há 16 vezes—11-4-1943.

Não deu nem podia dar certo, julgamos, e nova discussão reavivou o caso.

Quanto a nós, a solução talvez seja assim: 1939 com o meio do século, 1950 = 3889.

Juncionando o início ao fim:

3 + 8 = dia 11 (pedido de armistício).

8 + 9 = 17 (concessão).

Unido o algarismo 1 com o 7, uma vez (e que produziu o dia 17) e de outro modo, acharemos 71.

Ora, 71, dividido por 12 meses, apresenta 5 anos e 11 meses.

Comêço da guerra 1-9-1939

+ Anos 5

1-9-1944

Mais 11 meses de fracção:

17 DE JULHO DE 1945

para a absoluta pacificação.

Outra data, em foco, e, infelizmente, distante. Nunca melhor empregado o Deus Super Omnia, calendarista.

Fracassem muito embora, nigromantes e visionários, cabalistas e algebricos e surja o des-canso mundial muito áquem do provisionado dia...

A suprema hora do finis está escrita, mas indecifrável a humanos vaticínios ou desejos.

Magister dixit...

E uma máscara velará igualmente, até á exactidão ou malogro do ligeiro estudo, o curioso que gostaria, pelo golpe na catástrofe, de se titular um discípulo do afonsino Mestre Guedelha se não preferisse, recosamente, sub-rever-se como - universal. —Um ambicioso da tranquilidade.

ANO A DESPONTAR...

As fôlhas

do calendário

Quando se arranca ao calendário a folha derradeira do aglomerado que o exorna e torna útil, e ele surge, mais simples e positivo, na nudez de cromo colorido e livre do peso de trezentos e sessenta e cinco quadradinhos de papel, numerados, e ás vezes, pensamentados, o espirito conturba-se. A sua substituição é reflexo do que se espera. A nova paisagem ou a nova figura que sorri expressam diverso aspecto, outra esperança.

Significa apenas transformação de panorama?

Esse sorriso cariciante será, unicamente, irónico?

Para todos?

Para quem, só?

No fundo, portanto, o idêntico enigma do antecedente.

Descerrar-se-á o ultimo enunciado cotidiano do aparente inanimado conjunto?

De animo satisfeito ou de coração alanceado?

Mais rico?

Menos semeado?

Mais pobre?

Ficará mesmo esquecido, abandonado, sem que haja coragem de o colocar na data exacta? Mas não.

A crença ampara as almas,

Crer é a vida.

Desesperar é a morte.

Em vez de se sonhar ou antever mistérios tragicos, de estabelecer equações duvidosas, cantemos antes um vibrante hino á existencia iniciada dum ano a despontar em promessas e que, em elegias consumadas, dará sucessão festiva!

ARMANDO RIBEIRO
(Do Instituto de Coimbra)

O enorme salão do Palácio do Torel é um polígono de doze lados, janelas altas e rasgadas sobre todos os lados da cidade, pelas quais se podem descobrir as mais imprevistas cortinas de um panorama surpreendente: as sete colinas, com seus quintais e casario de todas as cores, a nesga larga do Tejo cortada e recortada de embarcações, de velas sopradas ou erguendo o seu júbilo penacho de fumo. A meio do salão, uma secretária de grandes dimensões, em mogno de boa escolha, secretária quasi histórica: nela trabalhou, anos e anos, o celebre juiz Veiga, uma das figuras mais discutidas no seu tempo. O homem que hoje trabalha sobre essa mesa famosa foi, ele mesmo, colaborador do juiz Veiga: o então agente Pereira dos Santos, da «Secreta», que é hoje chefe da secção da Polícia de Investigação Criminal. Na sua carreira de funcionário policial, Pereira dos Santos tem vivido as páginas mais emocionantes e acidentadas de longos e longos anos da vida portuguesa. Alguns dos casos mais famosos, nos seus mais escondidos meandros, têm-se desvendado aos seus olhos em pormenores de autêntico imprevisto. Mas a sua sensibilidade nunca se embotou pela deformação profissional. Os superiores consideram-no, os subordinados respeitam-no, os arguidos podem ter a amarga recordação de ele ter posto a descoberto as suas façanhas, mas guardam, ao mesmo tempo, a recordação de um caracter. Nas investigações, em vez de interrogatórios formais e façanhudos, prefere o estilo colóquio amigável—que sempre lhe tem dado os melhores resultados. E o seu coração—quantas vezes!—leva-o a amparar na vida os filhos dos que, pelos seus maus actos, têm de ser isolados do convívio da sociedade. Este homem é um livro de memórias—e um livro de filosofia...

Afonso Costa em casa de João Franco

Em 1907, no Parlamento, os deputados republicanos drs. Afonso Costa e Antonio José de Almeida tinham atacado rudemente o governo João Franco, que teve a maior repercussão em toda a cidade. O juiz Veiga, como precaução pelo estado de espírito que se tinha espalhado, ordenou ao agente Pereira dos Santos que redobrasse a vigilância junto da casa de João Franco, que morava na rua da Oliveira, á Estrêla, perto da basilica. Perto das 9 horas da noite, Pereira dos Santos, farto de andar ali, para baixo e para cima, talvez um tanto enervado, pois lhe pareciam naturalmente suspeitas todas as pessoas que via passar, só esperava que surgisse á esquina o seu colega Arcias, que havia de o ir render. A noite estava escura, fria, e triste. Nisto, ouviu o rodar dum trem, puxado por uma parelha que trotava e que parou em frente do prédio onde morava o conselheiro. No meio da escuridão o agente não pôde logo descobrir a fisionomia do passageiro, que se apeçou do trem e se dispunha a pagar o serviço ao cocheiro. Em passos largos e apressados, aproximou-se e procurou ver quem era o passageiro. A sua surpresa não podia ser maior, pois deu de cara com o dr. Afonso Costa! Foi um momento de verdadeiro sobressalto, pois não pôde deixar imediatamente, de associar a presença do cavalião republicano, ali, áquela hora, aos boates que corriam depois da agitada sessão no Parlamento. A sua inquietação aumentou quando viu Afonso Costa dirigir-se para a porta de João Franco e tocar á campainha. Que seria? Dispunha-se já a detê-lo, quando a porta se abriu e o próprio Chefe do Governo, aparecendo, recebeu abertamente o visitante:

—Estava a ver que não vinha! Já estava quasi decidido a ir jantar...

Afonso Costa, com voz grave, logo respondeu:

—Tive uma conferência com o António Zé por isso tive de vir mais tarde, do que peço muita desculpa.

A porta voltou a fechar-se e os dois homens desapareceram. Pereira dos Santos, estupefacto, nem queria crer no que viam os seus olhos. Aqueles dois homens, que, horas antes, se tinham digladiado publicamente com a maior violência, apresentavam-se um diante do outro com a maior cordialidade. Os grandes lances de teatro são, afinal, os que se passam nos bastidores...

A procura de um foragido que estava escondido pelo Governo...

Já depois da Republica. Uma época em que andavam os animos exaltados. Pereira dos Santos

5 episódios inéditos das memórias de um chefe de Polícia



JOÃO FRANCO



AFONSO COSTA



LEOTE DO REGO



AZEVEDO COUTINHO



SIDÓNIO PAIS



MACHADO SANTOS

tos é chamado ao Governo Civil. O governador, no seu gabinete, estava acompanhado pelo almirante Leote do Rego. A missão era de natureza confidencial: ir a uma legação buscar o almirante Azevedo Coutinho, aí refugiado, e conduzi-lo a bordo de um navio de guerra. Receava-se pela sua vida—e ali estaria mais seguro. O agente foi á legação e Azevedo Coutinho, sem ser reconhecido, atravessou a cidade como se fôsse um diplomata estrangeiro. Na ponte do Arsenal já estava um escalor que o aguardava.

No dia seguinte, Pereira dos Santos foi chamado ao chefe da secção, que lhe transmitiu uma ordem do governador civil para ser preso Azevedo Coutinho. Leu, releu a ordem e nem sabia se estava a sonhar.

—Não compreendo a sua hesitação—disse-lhe o chefe, que ignorava o que se tinha passado na véspera.—Vá, não perca tempo. É serviço de responsabilidade e ordem do senhor governador.

Saiu da repartição sem saber o que ia fazer. Encheu-se de coragem, foi ao Governo Civil e pediu para ser recebido:

—V. Ex.^a, senhor governador, é que deu ordem para prender o senhor almirante?

—Sim, senhor! Finja que o procura, passe buscas e diga que tem uma pista. Dê notícias para os jornais de forma que o publico se convença que lhe anda no encalço, percebeu? E a tempestade passou...

400 presos políticos em liberdade em seis dias

No tempo de Sidónio Pais. No Ministério do Interior está Machado Santos. No mesmo gabinete está o juiz sr. dr. Crisóstomo Teixeira, a quem o fundador da Republica apresenta Pereira dos Santos:

—Este é o agente que vai trabalhar com V. Ex.^a.

E desenvolve o plano da tarefa que é preciso cumprir:

—Como sabem, na cidadela de Cascais estão presos 400 irrequietos, dos que fizeram a barulheira toda por causa do «Vasco da

Gama» sair do Bique. Os senhores, um como juiz, outro como agente, arranjam as investigações como quiserem, de forma a pôr esses 400 homens na rua o mais depressa possível, que é esse o desejo do dr. Sidónio Pais.

Assim se fez. Organizou-se um processo para cada um dos arguidos, do qual constava, depois das indicações de identidade, a seguinte informação: «Pelas investigações a que procedi, verifiquei não haver elementos de prova para enviar o arguido ao tribunal, visto serem fracos os indícios de culpabilidade.

O juiz, em face da informação, despachava invariavelmente: «Solte-se».

Em seis dias, saíram todos. Só um moço de fretes, que, naturalmente, nada sabia de toda a história, mas que transportava um cesto com bombas de Campo de Ourique ao Terreiro do Paço, é que foi remetido a juízo. Mas foi julgado e absolvido.

Pereira dos Santos condenado por contrabando de fundos

1925 foi um ano agitado por grandes preocupações. Para perturbar mais ainda o ambiente politico, surgiu o episódio do Angola e Metrópole. Pereira dos Santos foi encarregado de ir a Paris proceder á apreensão de valores que um dos implicados na burla guardava em cofre num grande hotel daquela cidade. O agente conseguiu que o preso lhe entregasse a chave do cofre e uma carta de apresentação para o chefe do contencioso do hotel. A apresentação, porém, não indicava Pereira dos Santos como polícia, mas como amigo particular. Ao chegar a Paris, dirigiu-se á Prefeitura da Polícia, a solicitar um agente para assistir á abertura do cofre, mas foi-lhe respondido que não podia ser atendido esse pedido sem uma rogatória do Governo português. Pereira dos Santos chega ao hotel, apresenta a carta do seu «amigo» e convence o funcionário francês a deixá-lo abrir o cofre. De posse da documentação—importantíssima para o processo—e de milhares de francos, tratou logo de regressar, nesse mesmo dia, a Portugal. A passagem da fronteira, aparecem os inspectores de commercio bancário a indagar do passageiro se levava con-

sigo mais de 600 francos. Foi um momento de angustia. O agente, porém, descobriu um estratagemma: fez-se surdo! Os inspectores falaram-lhe em todas as linguas—menos em português... Como resposta, o estranho viajante mostrava o passaporte, mostrava o bilhete de comboio, algumas moedas ou remexia nas algibeiras. Até que, fartos, os inspectores resolveram voltar as costas áquela insuportável surdo com quem não tinham conseguido entender-se.

Quando a policia francesa soube do caso, foi ao hotel, mandou abrir o cofre e só lá encontrou a relação dos valores que tinham sido retirados. Resultado: o «chefe Pereira», como diziam os franceses, foi julgado á revelia e condenado, em França, por contrabando de fundos...

Um cão dá origem á descoberta dum crime

E, para rematar, outro episódio da carreira policial de Pereira dos Santos. Perto de Chaves, num chalé coberto de grinaldas, vivia um casal que tinha uma filha rica e bonita. Não lhe faltavam pretendentes, mas sabia-se que ela tinha artes de fazer desaparecer da sua vista quantos ousassem falar-lhe em casamento. Não se sabia porquê, mas era assim. Um dia, voltou de Africa um rapaz novo, com alguns bens de fortuna. Os pais de ambos assentaram no casamento, que se decidiu em seis meses. Os noivos seguiram para o registo e lavrou-se o acto. Para alguns dias depois, foi marcada a cerimónia na igreja—e só depois disso os pais os considerariam verdadeiramente casados. Até lá, o rapaz continuava, todas as noites, a namorar á janela. Na véspera do casamento na igreja, o rapaz foi morto com quatro tiros de pistola. Ninguém viu o criminoso. A rapariga—a viúva, á face da lei—declarou apenas ter ouvido um tiro e ter visto um clarão. Os pais diziam nada ter ouvido. E não se sabia mais nada. Levou-se o caso para a explicação dos ciúmes e foram presos todos os antigos namorados da rapariga. As policias do Porto, Coimbra e Chaves nada conseguiram apurar. Ao fim de três meses, estava-se na mesma—e o caso apaixonava vivamente o país inteiro. O sr. Nicolau de Mesquita, grande influente de Chaves, pediu um agente para Lisboa. Pereira dos Santos, sem nenhum desejo de se meter naquele labirinto, lá seguiu. Quando chegou á casa junto da qual se dera o crime, salta-lhe um grande cão a ladrar.

—Que cão é este?—indagou.
—E' da casa.
—E na noite do crime?
—Andava no jardim.
—E não ladrava?
—Não senhor—responderam todos.
—Quem mais é que estava em casa na noite do crime?
—O meu criado—respondeu a mãe da pequena.

Chamou-se o criado. Era um moço de lavoura, boçal e desajeitado. Interrogado, não tardou a meter os pés pelas mãos. Não tardou a confessar-se autor do crime, que praticara a instancias da rapariga e que ele, na sua ingenuidade, julgara ser capaz de gostar dele. Fora ela que lhe dera 300 escudos para ir a Verim comprar a pistola. Toda a familia tivera conhecimento das condições do crime. A rapariga foi dada por doída e o moço foi condenado.

Se o cão não tivesse ladrado, talvez o crime não tivesse sido descoberto... Quantos episódios quantos!—figuram nas recordações de um chefe de policia...

MANUEL NUNES

David Kit PELES E CONFECÇÕES

Sauda as suas Ex.^{mas} Clientes, desejando-lhes
um Ano Novo cheio de felicidades.

AV. CONDE VALBON, 18-1.º D.

TELEFONE 4 8089

TEATROS E CINEMAS

Depois do funeral

O «Oliveira vidraceiro», actor e autor do tempo das feiras, era director duma companhia que estava a trabalhar num barracão montado nuns terrenos em Alcantara. Um dia, o actor José Rodrigues, mais conhecido pelo «Rodrigues Zarólio», foi ao teatro e pediu dispensa do ensaio da tarde, porque lhe tinha morrido uma tia e não queria faltar ao funeral.

O Oliveira pensou um pouco e disse-lhe: — Bem! Vai lá, mas não venhas à noite com cara de enterro, que isto é uma companhia de comédia.

EFEMERIDES

Nasceram a 30 de Dezembro: a actriz Amélia O'Sullivan; o actor Carlos Deus (Alfredo Carlos Deus); o actor Joaquim Pacheco.

1890: Primeira representação, no D. Maria, do drama histórico, em verso, «A Morta», do dramaturgo Henrique Lopes de Mendonça. João Rosa fez o papel de D. Pedro I, tendo sido notável o monólogo, dito junto ao túmulo de D. Inês de Castro. A cena desse quadro foi pintada pelo grande cenógrafo Manini.

Atrás do reposteiro

O repertório da companhia de ópera que deve funcionar no Coliseu dos Recreios é o seguinte: *Aida*, *Carmen*, *Lohengrin*, *Africana*, *Favorita*, *Sansão e Dalila*, *Bohème*, *Madame Butterfly*, *Forza*, *Barbeiro de Sevilha*, *Otelo*.

(Continua na pag. seguinte)

Teatro Nacional D. Maria II

Hoje e todas as noites, às 21.45

O LEQUE DE LADY WINDERMERE

Retumbante êxito

Amanhã, domingo e depois de amanhã, dia de Ano Novo, às 15.30 — TEATRO PARA PEQUENOS: O ANÃO GIGANTE e O AUTO DA PASTORA PERDIDA E DA VELHA GAITEIRA
BILHETES A VENDA

APOLO

Emp. António de Macedo
Telef. 2 8645

Hoje, às 20.30 e às 22.45
A revista do luxo e da gargalhada!

A Canção Nacional

com AMARANTE, HERMINIA SILVA, CARMENCIA AUBERT, RICARDO SANTOS CARVALHO, MARIA SIDÓNIO, CARLOS ALVES, JOAQUIM PRATA e outros artistas
Amanhã e 2.ª feira, «matinées»

MARIA VITORIA

2 sessões,
às 20 e 45
e 22 e 45

Um autentico trunfo, a revista da gargalhada

A Marcha de Lisboa

com Mirita-Vasco e uma grande Companhia e as atracções: Annita Costa e Trio Velasquez
Amanhã e 2.ª feira, «matinées»

TRINDADE

Telef. 20000
Hoje às 21.45

O grande êxito dos Comediantes de Lisboa

A ROSA ENJEITADA

com LILANDER, Antonio Silva, Hortense Luz, Assis Pacheco, Villaret, Ribeirinho
Amanhã, às 16 horas «matinées»
Dia 1 de Janeiro, matinee às 16 horas

AVENIDA

telefone: 2 7273

2 sessões, às 20.30 e 22.45

A FESTA RIJA!

Amanhã, «matinées» às 16 horas
e à noite 2 sessões
Dia de Ano Bom, 1.ª feira matinee às 16 horas e à noite 2 sessões às 20.30 e 22.45
Na próxima semana, estreia da bailarina PILARIN CERZO

VARIEDADES

2 sessões
às 20 e 45
e 22 e 45

Estreia da comédia em 3 actos de Fernando Santos e Almeida Amaral

A POBREZA ENVERGONHADA

com Maria Mateos, Erico Braga e toda a Companhia

Amanhã e 2.ª feira, «matinées»

ARCADIA

O DANCING N.º 1
DE LISBOA
TELEFONE 28891

GRANDE SUCESSO DAS ATRACÇÕES INTERNACIONAIS

ESTRELAS DE ESPANHA

COM OS DANÇARINOS

Hisa de Varim e Juan Obrador

Dolly Four Girls and Guimo

DUAS GRANDES ORQUESTRAS:

ASTROS MELODICOS
E SEUS CANTORES

ARCADIA — BOYS

com o concertista JOÃO SILVEIRA

ESTER DE GUEVARA

PEPITA NARVAEZ

E OUTRAS GRANDES ATRACÇÕES

BREVEMENTE

ESTREIA EM PORTUGAL
DA PARELHA DE BAILE

MERY-NELLY

AMANHÃ, VESPERA
E 2.ª FEIRA

DIA de ANO NOVO

Chás
Dançantes

com a exibição de todas as atracções

MUSICA!

ALEGRIA!

ANIMAÇÃO!

CONCHA

O mais característico
cabaret de Lisboa

HOJE

EXTRAORDINARIO PROGRAMA
DE GRANDES ATRACÇÕES

com

Carmen Montecruz

CARMELITA GALLARDO

MARUJA RUIZ

e a orquestra

LUSO-BRASILEIRA

com ALFREDO LOPES

AMANHÃ

NOITE DE

REVEILLON

NOITE DE ALEGRIA
como só no

CONCHA

se pode passar!

Brindes!

Surpresas!

JOHN-BAR

(Antigo Rosa Araújo) R. S. Nicolau, 48
TELEFONE 26092

DANCING



UM RIVAL NAS ALTURAS

T. 2772 — A's 21,30

com William Powell e Hedy Lamarr



A mulher do cabelo

vermelho

A's 21.30

com Miriam Kopkins e Claud Rnins



2.ª semana

A's 21 e 30

A ALEGRE

PALACIO

VIUVINHA

A's 21 e 30

com Deanna Durbin



5.ª semana

A's 21,30

A mulher

dos meus sonhos

Agia color

com Marika Rökk



O céu pode esperar

Telef. 29555

Charlie Chan no Rio

A's 21 e 15

As 21 e 30 h.



DOIDOS DO AR

ULTIMO REFUGIO



2.ª semana

A's 21 e 30

Sinfonia de Estrelas

TELEF. 50595

em technicolor

com Carmen Miranda, Alice

Fayo, Benny Goodman e sua orquestra



3.ª semana

A's 21.30

ALI-BABÁ E OS

telef. 2 0768

40 LADRÕES

com Maria Montês, Jon Haa

e Turhan Bey

«Matinées» diárias



ESTREIA

VENENO!

com Edmund Lowe

Uma mentira sem importância

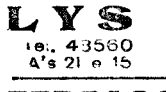
com Yvix Falkenburg



No Salão, às 21

Abjante Costello nas corridas

Ao serviço da lei



Telef. 43560

A's 21 e 15

Mesmo assim elas amavam-no

Uma luz em Alger



Uma luz em Alger

Mesmo assim elas amavam-no



Hoje não ha espectáculo

TRES NOTAVEIS ATRACÇÕES

MERCEDES BEGOÑA

FLORIANA RICCARDI

ELVY AND JAURY

Um dos grandes êxitos do

ARCADIA

Os escritores

portugueses

na missão tradutiva

Não se julgam amesquinçados os verdadeiros talentos, ao exaltar outras mentalidades. Os nossos mais notáveis homens de letras bem o evidenciaram. A transcendência da espiritualidade lusa emerge de continuo.

A demonstração é larga. Os grandes escritores se incumbiram assim de dar leitura à audição em Portugal às obras primas, mais ou menos conhecidas, da literatura mundial.

A frente, indiscutivelmente, está o espírito erudito de el-rei D. Luiz I, divulgando de William Shakespeare, o Hamlet, Othello, Ricardo III.

Depois—sem espírito de primazia—Pinheiro Chagas, traduzindo, de Edmundo de Amicis, Constantinopla, Marrocos e Sobre o Oceano; de Edmundo de Gondinet, A gravata branca, representado no Príncipe Real, a 19 de janeiro de 1868; de D. Mariano Lara, a Oração da Tarde, em D. Maria, em 5 de fevereiro de 1874; de Alexandre Dumas, O filho de Marat e a San Felin; de Camilo Debans, A ruína de Inglaterra; de Vitor Duruy, a História de Roma; de Octavio Fouillet, em 1867; O caso de consciencia; de Luiza Collet, Infancias celebres.

Antonio Feliciano de Castilho expandiu, além de Adriana Lecouvreur, as obras: de Goethe, Fausto; de Virgílio, Georgicas; Moirere, Misantropo, Médico à força, Tartufo, Avarento e Sabichonas; do abade Lamenais, Palavras dum crente; de Cormenin, Colloquios aldeões; de Delfina Gay, Confissão de Amélia.

Ramalho Ortigão transmitiu, de Galdós, a Electra; do barão de Fenchtersleben, a Higiene da Alma; de George Sand, Marquês de Wilmer; Garrett de Scribe, o Falar verdade a mentir.

Camilo fez evoluir, de Shakespeare, o Othello—o Mouro de Veneza; de E. M. Campagne, o Dicionário Universal de Educação e Lusino; de Chateaubriand, o Génio do Cristianismo; de Lady Catharina Jackson, A Formosa Lusitana; e de Bagnenault de Puchesse, A Imortalidade a Morte e a Vida.

Bulhão Pato, encarregou-se, em 1881, de Shakespeare, no Mercader de Veneza.

Mendes Leal, de F. Shiller, no Maria Stuart.

Bocage não se esquivou a patentear Ercia ou a Vestal.

Zophimo Consiglieri Pedrosa propagandou Ernest Hamet na História da Revolução Francesa e Oncken na História Universal. Oliveira Martins, foi padroeiro de Jorge Ebers no O Egipto.

D. João da Camara, de Pierre Decourcelle, na Mordaca, em 1905.

João de Deus, de Mery, Amemos o nosso próximo; de Rodard, A sorte grande.

Gervásio focou Miss Juliette, de Máximo Boucheron, no Ginásio, em 5 de dezembro d 1891.

O dr. Xavier da Cunha deu a publicidade, de Ariosto, O Orlando Furioso.

O conde de Monsaraz incumbiu-se de Armando Silvestre no Grisellis como Griselia, mistério em três actos e um preloço; e de Ennery, no D. Cesar de Bazan, em D. Maria, a 20 de fevereiro de 1886.

Mariano de Carvalho contribuiu com Julio Verne; e com Buhver Litton, no Os ultimos dias de Pompeia.

Julio Cesar Machado deu de Lesage a tradução da celebre Historia de Gil Braz de Santillana.

Fialho incidiu luz sobre João Darlot, na Legenda; Lisle Adam, na Evasão e Augier, nos Imprudentes.

D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, no Asalto, de Bernstein, em fevereiro de 1913.

Jaime de Seguer fez a versão de Shakespeare, no A fera amansada, em D. Maria, em janeiro de 1896.

Marcélino, o Petronio, na adaptação do Quod Vadis, de Henrick Sienkiewicz, no D. Amélia, por março de 1891.

Afora dêles todos, os trabalhos não mencionados por desnecessário assim como os de tantos cooperadores da missão divulgante.

Mas chega para exemplo, onde avultam em vasto contingente numerico Pinheiro Chagas e Castilho, concretizando a maxima camara-dagem literaria e o pensamento de que na convencional Republica das Letras havia, nesse tempo, lugar para lusos e estranhos, novos e velhos, sem detrimentos para uns nem pedregulhos de aresta dispostos na estrada a percorrer pelos outros...—A. R.

BORDADOS

e ALTA COSTURA

Rua dos Sapateiros, 139, 3.º D.

Tel. 2 3754

CRISTAL

O BAR-DANCING
DA MODA

TELEFONE
2 2 9 2 5

TODAS AS NOITES, AS MAIS
SENSACIONAIS ATRACÇÕES
QUE ACTUALMENTE SE
EXIBEM EM LISBOA

com a notável parelha de baile

VELEZ - ARAQUE

RAFAEL de LA CRUZ - PEPITA MARTINEZ

EM PLENO TRIUNFO
O CÉLEBRE

QUINTETO

MURILLO

com o cantor **JOSÉ SEGARRA**

Orquestra **CRISTAL**

AMANHÃ :

GRANDE REVEILLON

GRANDIOSO PROGRAMA DE
VARIEDADES—SURPRESAS !
BRINDES E «COTILLONS»

DOMINGO e 2.ª FEIRA, às 17 h.

CHA-DANÇANTE

RESERVE A SUA MESA
PARA AS MELHORES FESTAS
DO ANO NOVO

MIAMI

O MAIS ELEGANTE
E ANIMADO DAN-
CING DE LISBOA

Amanhã, grande

«Reveillon»

MIAMI

UM EXTRAORDINARIO PROGRAMA
interessantes decorações
Surpresas ! Brindes !

Aberta a inscrição — Tel. 2 4282

Amanhã e 2.ª feira

Chás-Dançantes

com todas as atracções

Apresenta mais um sensacional
programa de variedades com

RIMA y sus 3 MACARENAS

MARIA ZENES — LISA VIOLETA

HERMANAS VALLADARES

Pepita Ruiz-Galatea-Marina

Harvey

PYL y MYL e seu Ballet

e a alegre e dinamica orquestra

CARAVANA

— CASABLANCA —

PARQUE MAYER

HOJE, SÁBADO

GRANDIOSO BAILE até de MADRUGADA

E UM FORMIDAVEL E ATRAENTE PROGRAMA com

Los Roulands -- Los 5 Muñoz

Pily Carbonell-João Aleixo

Lolita Bahamonde

BALLET PILY e MILY—MIMI ALCOBIA—

JOSÉ VALERIO—MARIO NICOLAU—ALICE

MAGINA — MIGUEL RAMOS e RAUL NERY

ORQUESTRA INTERNACIONAL

35 ARTISTAS INTERNACIONAIS

AMANHÃ

A'S 15,30

GRANDIOSA

MATINÉE

SURPRESAS !

BRINDES !

ENTRADA 7\$50

RESERVE A SUA MESA PARA



O «Diário de Lisboa» vende-se na
Lourinhã no café Nicola, de Francisco
Alves & Irmão.

O «Diário de Lisboa» vende-se em
Pampilhosa do Botão na casa de Anto-
nio Duarte.

Theatros e Cinemas

(Continuação da pag. anterior)

Hamlet, Trovador, Rigoletto, Manon, Gioconda,
Palhaços e Cavalaria Rusticana.

—Por terem de ingressar na companhia do
Avenida os artistas Alberto Reis, Luiz Pizarra
e Branca Saldanha, termina na próxima sema-
na a «tournée» dirigida por Alves da Silva.

—Foi prorrogado, no Coliseu do Porto, o
contrato da companhia A. T. A. (Artistas Tea-
trais Associados) dirigidos pelo actor Manuel
Santos Carvalho.

—A ultima peça a representar pela compa-
nhia Maria Matos, no Variedades, deve ser
«O amor á antiga», peça em 4 actos de Augus-
to de Castro, representada pela primeira vez
em 1907.

—A comédia em 3 actos «O Bom e o Bo-
nito» é original de Fernando Avila e Xavier
de Magalhães.

—A Companhia Teatral Portuguesa, dirigida
pelo actor Jorge Grave, inicia a sua «tournée»
pelo Algarve nos primeiros dias de janeiro,
levando no repertório drama, comédia, opéreta
e variedades.

—A jovem bailarina espanhola Pilarim Ce-
reso, que estreia no Avenida na próxima se-
mana, na revista «A festa rija!», apenas dará
dez recitas.

—Na noite de passagem do ano, além da or-
questra Toszli, exhibe-se no «hall» do Casino
Estoril a orquestra Casanovas.

A companhia Maria Matos

apresenta hoje o 1.º original
português da temporada



Fernando Santos e Almeida Amaral

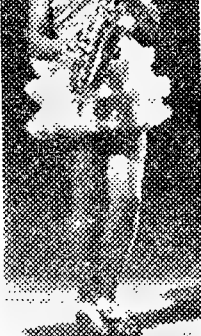
Em duas sessões, às 20 e 45 e 22 e 45, estreia-
se amanhã, no Variedades, apresentada pela
companhia Maria Matos, uma nova comédia
de Fernando Santos e Almeida Amaral, acti-
vos escritores a quem o publico deve recente-
mente alguns dos maiores êxitos teatraes. Tra-
ta-se de «A Pobreza Envergonhada», comédia
em 3 actos de costumes populares, em que mais
uma vez, com o seu bom humor e o seu talen-
to, procuraram os autores tratar a rir um as-
sunto sério de flagrante oportunidade. A com-
petencia mais do que demonstrada de artistas
brilhantes como Maria Matos, Erico Braga,
Maria Helena, Vital dos Santos, Filomena Li-
ma, Carlos Batista e Alvaro Benamor, está a
cargo a interpretação dos principais papeis da
nova comédia que o Variedades prosseguindo
no seu programa de alegria e optimismo agora
vai apresentar. «A Pobreza Envergonhada»
que Maria Matos encenou, tem cenários no-
vos de Serra & Amancio e Hernani Pinto de
Campos, sendo os interiores cuidados por Erico
Braga. Nada falta, pois, para que «A Pobreza
Envergonhada» constitua, como é habito no
Variedades, um novo êxito e um novo espec-
táculo digno de despertar o interesse do pú-
blico de Lisboa.

O REVEILLON no MIAMI

Este selecto e luxuoso Dancing,
mantendo o prestigio alcançado atra-

vés de tantas e interessantissimas rea-
lizações, organizou, para a noite de
Fim de Ano, uma surpreendente festa
cheia de atracções, entre as quais fi-
gura a alegre Orquestra Caravana com
o magnifico cantor Amaral Lopes, sob
a direcção do maestro Fred Trincher.
que executará numeros de exhibição de
agrado certo. Um tecnico da especia-
lidade decorou o grande salão de bai-
le do Miami, de forma a dar-lhe o
ambiente de apoteose com que será
saudado o Novo Ano. As marcações de
mesas podem ainda ser feitas pelo te-
lefone 24282.

O maravilhoso programa de circo,
desde hoje até
terça-feira, no
Coliseu. Amanhã:
a grande «mati-
née» do Fim do
Ano



Lembre-se o publico
que poucas noites tem
para ver os leões fe-
rozes, os cães ames-
trados, o grande ilus-
cionista português, os
acrobatas saltadores, o
imitador fonético, as
gentis contorcionistas,
os equilibristas em rôo
oscilante, os impaga-
veis palhaços, as seis
trapezistas formando um
só numero, os faz-
tu-dos e as demais atra-
ções da Grande Com-
panhia de Circo. Vá,
portanto, hoje mesmo,
admirar aquelas mara-
vilhas. Amanhã: «ma-
tinée» dos céle-
bres palhaços, Fre-
dianis

C. A. R. T. A. Z

TEATROS

NACIONAL—A's 21 e 45—«O leque do La-
dy Windermere».
TRINDADE—A's 21 e 45—«A Rosa enfeitada».
VARIEDADES—A's 20 e 45 e às 22 e 45—
«A pobreza envergonhada».
AVENIDA—A's 20 e 30 e às 22 e 45—«A festa
rija».
MARIA VITORIA—A's 20 e 45 e às 22 e 45
—«A marcha de Lisboa».
APOLO—A's 20 e 30 e às 22 e 45—«A canção
nacional».
COLISEU—A's 21 e 30—Nova Companhia de
Circo.
CASABLANCA—A's 21 e 30—«Music-hall».

CINEMAS

S. LUIZ—«Um rival nas alturas».
TIVOLI—«Sinfonia de estrelas».
EDEN—«Ali-Babá e os quarenta ladrões».
POLITEAMA—«A mulher do cabelo verme-
lho».
GINASIO—«A mulher dos meus sonhos».
ODEON—«A alegre viuvinha».
PALACIO—«A alegre viuvinha».
CAPITOLIO—Abbot e Costello nas corridas».
OLIMPIA—«O tumulo da Mumia».
LYS—«Uma luz em Alger».
CENTRAL—«Doidos do ar».
REX—«O céu pode esperar».
TERRASSE—«Uma luz em Alger».
PROMOTORA—«O caminho da gloria».
SALÃO IDEAL—
R. AMADORA—«Tenente aviador».

EM TODAS AS LIVRARIAS

foi pôsto á venda o 3.º volume dos

«Discursos Históricos»

A história cronológica da guerra actual através dos discursos dos
grandes estadistas do nosso tempo.

Edição da

Livraria LATINA Editora — Pôrto

Cada volume, brochado ... 15\$00

OLIMPIA CLUB

NÃO DEIXEM DE IR VER
A GRANDE BAILARINA

NOTAVEL ARTISTA DE
CATEGORIA INTERNACIONAL

ANITA COSTA

Em sensacionais criações coreograficas de grande êxito
Num esplendido programa com as insinuantes bailarinas

PILI CARBONELL

LA ALMA DE CANI

HERMANAS ROSALES

ARTISTAS CASTIÇAS ESPANHOLAS

MOSAICO internacional

O caminho do triunfo

John Marshall, redactor do «Daily Sketch», de Londres, conta-nos o esforço do Canadá, nestas longas semanas que precederam a chegada de Churchill a Quebec:

— Se a estrada do Alaska e o caminho aereo Norte-Occidental foram façanhas engenhosas de magnitude, o caminho polar do Arctico foi, ainda, uma empresa mais difficil, senão tão vasta.

Houve que transportar homens e materiais para as baías que se recorriam para além de Hudson e para aqum da terra de Baffin. Os homens e os próprios materiais aereotransportados tiveram de lutar, em silencio, com dificuldades que a mais exaltada fantasia não conceberia. Seculos inteiros de previa exploração nunca poderiam aproximar com tal segurança as duas margens do Oceano gelado — pista da morte e da victoria renascente.

Medida do preço da victoria é o esforço canadense; pelas instalações fixas no polo dos Estados Unidos, 18.750 mil libras; pelas proximidades, e pago no acto, 7.750 mil libras.

A segurança da Austrália

Curtin escreve como jornalista sentindo a plena responsabilidade das suas palavras:

— 44 por cento de munições para armas curtas fornecida a Austrália desde a primeira hora; e 25 por cento das nossas espingardas. A nossa população, de sete milhões é neste continente inteiro inferior à de Londres e Nova York. Pois desde que as hostilidades começaram, 870 mil homens se alistaram nas brigadas australianas. Para que falar das mulheres? O fornecimento de viveres e alojamento, numa percentagem de noventa por cento, dos alimentos reservados foram para as tropas dos Estados Unidos. Tinhaos oitenta aviões antiquados, de treino, há cinco anos; hoje, produzimos 2.700 aparelhos e destes mil para a R. A. F.

As nossas divisões, constituídas por homens que contam de 18 a 40 anos, tem conhecido, como na outra guerra, todos os perigos em todos os campos de batalha. A comunidade de Estados australianos, associada a da Nova Zelândia, India e Supremo Conselho Britânico, assumiu, só neste ano, compromissos superiores a cem milhões de libras com os Estados Unidos. Cumprimos.

Tom Treanor, jornalista

Morreu, há dias, numa batalha de ruas do Sena, no coração de Paris. Tom Treanor, jornalista de guerra, lá num «jeep» quando o atropelou um tanque noite-americano.

Escapara a todos os perigos. Jovem, fôra ferido e recuperara sempre a saúde. Ralph Carthy, do «News Chronicle», de Londres, pediu-lhe que escrevesse a sua história de guerra. E, agora, confessa:

— Sou de Los Angeles, Califórnia. Tenho trinta e cinco anos. Consegui ser correspondente do «Los Angeles Times». Atravessi, nesse ano de 1940, oito países europeus sem ouvir disparar um só tiro.

Era um rapaz, demasiado modesto e envergonhado para dar relevo à sua valentia.

— Devido aos meus triunfos jornalísticos, fui suspenso durante sete semanas e ameaçado de expulsão. Nunca consegui ser reconhecido como reporter junto de nenhuma força armada: britânicos, americanos ou egípcios, sempre me expulsavam por indecumentado. Só consegui convencer os neo-zelandeses a que me levassem para a batalha do Deserto.

Deixa: um livro, viuva e três filhos

Montara-se, entretanto, o serviço de «Reporters Publicos». Através das crónicas do «News Chronicle», descobriram Tom Treanor no Cairo e enviaram-no para a India. Correu todos os campos de batalha. Alegre e jovial, a sua figura perdurará simbolicamente:

— Estive em Arakan, na China, na Sicilia e fui o único jornalista a entrar em Monte Cassino. Também fiz parte da testa de ponte de Anzio, fui dos primeiros a desembarcar em França e, entretanto, casei-me em Los Angeles e falei pela rádio. Por fim, disseram-me que já ninguém me ouvia.

Pouco antes de falecer, enviara a Ralph um original: apontamentos de campanha. O britânico disse:

— É um dos livros mais belos que tenho lido. Publicar-se-á na América este mês. Se qualquer editor britânico deseja ter um livro de grande venda, publique-o aqui. Treanor deixa viuva e três filhos. Será recordado em diferentes partes do mundo e honraremos, nós, jornalistas de campanha, a sua memória. Buscava, através de todos os perigos, o seu artigo. Deveria ter assinado, sempre: «O Feliz Reporter da Guerra».

O ANO CIENTÍFICO

Os progressos

provocados pela guerra
vão beneficiar largamente
a vida das futuras gerações

O espectro da guerra tem projectado aterradoramente a sua sombra fatídica sobre a nossa geração. A vida do homem nos ultimos trinta anos tem sido amargurada por mil sacrificios e preocupações de que a guerra é sempre a causa próxima ou longínqua. Por um estranho e diabólico paradoxo, porém, a guerra, que tantos e tão pesados motivos de intranquilidade nos tem acarretado, traz também os seus benefícios—benefícios que resultam do progresso industrial, científico e, principalmente, do avanço social que determina.

É certo que, nestas loucas épocas de hecatombe, não é o benefício dos homens que se busca ao instituir novos métodos de industrialização—é a forma de destruição pura e simples doutros homens ou das suas obras. Mas a máquina a que uma vez se deu o impulso necessário para alcançar os meios de esmagar o adversario, na guerra, não volta mais ao ritmo de outrora—e todos colhem depois benefícios, na paz que se segue.

É verdade que a preocupação de reduzir ao mínimo a inutilização dos soldados necessários para a peleja tem dotado a medicina de novos meios terapêuticos e tem apontado a cirurgia novas possibilidades, mas a humanidade fica depois com esses novos instrumentos de cura e aproveita-se por completo dos seus admiráveis benefícios.

É evidente que certos interesses condenáveis contribuem para alimentar a fogueira, mas a luta, com as suas monstruosas injustiças e deshumanidades, desencadeia uma reacção violenta que acaba por alargar os benefícios duma verdadeira e sã justiça social.

O ano de 1944 marcou já bem o inicio da transição que se vai operar para demonstrar eloquentemente o desconcertante paradoxo. Enquanto se travavam nos campos de batalha os mais sangrentos combates da historia, emquanto milhões de homens de todas as raças, dominados por instintos ferozes ou guiados por legítimas preocupações de defesa e ideais de solidariedade, se encontravam envolvidos em lutas de proporções gigantescas, outros homens, não tão numerosos, mas certamente com o mesmo ardor e a mesma esforçada energia, estudavam já a forma de proporcionar às gerações futuras o benefício das novas conquistas da ciência e o bem estar que recompense estes anos de sacrificios e de privações. Não são abundantes nem pormenorizadas as informações de que dispomos acerca dessa generosa activi-

dade. No entanto, pelo que transpirou dos repetidos encontros dos representantes qualificados das várias nações amigas e das conferências internacionais que reuniram delegados dos principais povos em guerra, e pelo silencio promissor doutros sectores mais realistas podemos já depreender que as questões sociais ocupam lugar de relevo no espirito daqueles a quem ha de caber a responsabilidade da condução do mundo nos dias vindouros.

Os problemas da alimentação e da casa foram objecto de estudos concretos e sérios. Com as perspectivas de melhores salários, o trabalhador terá também a certeza de dispor de alimentos mais próprios e mais abundantes. Novos métodos de lavoura e a industrialização dos produtos agrícolas, que se têm revelado principalmente nos Estados Unidos, facilitarão a grata tarefa de fornecer alimentos racionais e suficientes áqueles que até aqui comiam pouco e mal. No decorrer do ano que termina agora, americanos, ingleses e suecos anunciaram também as primeiras soluções praticas para o problema da habitação, revelando a existência de planos de fabricação em série de casas, para resolver tão angustiosa questão dentro do mais curto prazo possivel.

Na Inglaterra, depois do famoso plano de Beveridge, surgiram outras iniciativas que atestam a preocupação de criar um clima social mais justo. É o caso dos projectos que dizem respeito á reforma de educação e ao serviço nacional de saúde. O primeiro prevê o alargamento dos benefícios da instrução e o segundo estabelece as bases da organização que se destina a assegurar assistência médica capaz, para efeitos preventivos e curativos, a todos os homens, mulheres e crianças que dela careçam, sem entraves provenientes das condições monetárias dos interessados.

Consequencia incontestável da guerra, a satisfação destas legítimas reivindicações do homem civilizado—alimentação, casa, saúde e educação—origem de tantos anseios e fonte de tão agitados controversias, constitui afinal, o principio da organização social futura. Para o aperfeiçoamento desta organização muito hão-de contribuir os progressos científicos igualmente provocados pelas instantes necessidades da guerra, em parte ainda mal conhecidos fora do meio restrito da sua utilização. O espantoso desenvolvimento da electricidade, com novas e prodigiosas applicações, a descoberta de usos multiplos para o vidro, o emprego revolucioná-



PROF. ALEXANDRE FLEMING
o descobridor da penicilina

rio dos materiais plásticos e dos metais, enfim, a utilização corrente de toda uma série de muitos outros produtos industriais que resultaram das exigências da industria bélica, deixarão um dia—que esperamos não venha longe—de constituir verdadeiros segredos de Estado para entrar no dominio publico, em beneficio da vida das futuras gerações. As grandes fábricas que se ergueram por toda a parte para alimentar a torrente de material com que os adversarios procuraram inutilizar-se uns aos outros, transformar-se-ão como por encanto em centros animadores de progresso, donde sairão os meios que hão-de tornar os homens mais felizes e comunicativos.

A aviação, que nesta guerra alcançou o grande desenvolvimento, com o objectivo principal de espalhar a morte e a destruição, nasará a desempenhar um papel preponderante nas relações pacíficas dos povos. A produção de aviões para fins exclusivamente militares chegou, com inesperada rapidez a um ritmo de tal intensidade que já começou a anunciar-se a sua conversão ás exigências da vida civil e a America revelou mesmo, ha pouco, que se encontram disponíveis para fins comerciais alguns milhares de aparelhos.

O cinema e a rádio, que tanto se desenvolveram também para facilitar determinados serviços de guerra, proporcionarão por sua vez ao homem, com os seus progressos, novos elementos de estudo e de prazer, facilitando a mutua compreensão dos povos distantes.

Exemplo bem edificante de um beneficio alcançado durante a guerra e que está destinado a ter uma acção largamente vantajosa em todos os tempos é o caso da penicilina. Descoberta em 1929, só em plena luta, quando a necessidade de reduzir as perdas exigia novos métodos terapêuticos, é que entrou no dominio da sua applicação prática. Agora, que as exigências duma luta sangrenta e cruel estimularam a sua produção, já a penicilina pôde passar ao uso quasi corrente do homem comum.

Estes e outros exemplos servem afinal para ilustrar a afirmação inicial: é que a guerra, com todos os seus horrores e todos os seus terríveis males, é também um instrumento de aceleração do progresso—progresso feito á custa de muitos sacrificios e de grandes tragedias mas, sem duvida, verdadeiro progresso de que acabam por beneficiar as populações que porventura hajam escapado á carnificina e ás gerações que se lhe seguirem.

E quando esse progresso começa a desliar-se dos fins brutais da guerra para simples objectivos humanos e pacíficos—como começou nitidamente a verificar-se em 1944—é porque a onda tende a passar e a nova era de felicidade está a aproximar-se.

MARIO NEVES

O seu encanto
seduz

MIMO

As suas qualidades convencem

FÁBRICA MIMO • GRAEF & CIE • LA CHAUX-DE-FONDS • SUÍÇA

O Carnaval de
Veneza apresenta
os mais lindos
brindes para o
Natal e Ano Bom

Rua Aurea, 107

STOP

Já sabe?

Ha um meio de simplificar a vida e de lhe permitir chegar mais cedo ás suas ocupações: Usando a LÇÃO BALSAMICA «Kit» reduz a metade o tempo de se barbear e o sofrimento correspondente.

O ANO TAUROMAQUICO

Deram-se 85 corridas e aplaudiram-se toureiros famosos

Começaram no dia 2 de abril em Algés as corridas de 1944, que atingiram o numero de 85 assim distribuídas: Campo Pequeno, 17; Espinho, 7; Vila Franca de Xira, 6; Santarém, 5; Algés e Figueira da Foz, 4; Alenquer, Moita, Montemor, Nazaré, Setúbal e Viseu, 3; Alcaer do Sal, Alcochete, Coruche, Cartaxo, Évora e Salvaterra de Magos, 2; Almeirim, Barquinha, Beja, Chamusca, Elvas, Estremoz, Caldas da Rainha, Moura, Montijo, Portalegre, Reguengos e Sobral, 1.

Merecem destaque as realizadas no Campo Pequeno por onde Muñoz Crespo fez desfilar as primeiras figuras espanholas da actualidade e todas as do México que vieram à Europa, entre as quais Carlos Arruza, que foi o primeiro daquele país a apresentar-se em Espanha, após o conflito que se arrastava desde 1936, obtendo tão grande êxito que muitas corridas ali toureou e tem já contratadas para 1945, em que está destinado a constituir com «Manolete» a parêntese básica, dificilmente contrariada pelos que hão-de vir do México—«Armillita» e Silverio Perez—e pelo «tusto» de Marcial.

Lidaram-se na primeira corrida do Campo Pequeno touros do dr. Norberto Pedrosa que surpreenderam pela boa apresentação em tal época do ano que, como agora, foi de falta de chuva, com maus pastos. Seguiram-se duas corridas bem apresentadas, de Oliveira (Irmãos) e, entre uma e outra, uma do dr. Emilio Infante que proporcionou uma boa tarde a Juanito Belmonte e ao mexicano Fermín Rivera, que é um bom toureiro. Andrade (Irmãos), que haviam de triunfar em Sevilha com uma brava novilhada, deram no Campo Pequeno touros que ocasionaram um bom encontro de Simão da Veiga e João Nuncio. E foi com touros da Casa Palmela que Manolete se deixou ver e Arruza armou a sua primeira revolução.

Seguiram-se touros do sr. José Infante da Camara e com outros de Palha Blanco (gêmeos) voltou Arruza a triunfar, sendo repetido com touros suaves do dr. Antonio Silva, para ele e para Domingo Ortega. Seguiu-se uma corrida de Pompeu Caldeira em que «Cañitas» se distinguiu ao lado de Juanito Belmonte e de Juan Mari. Voltaram Ortega e «Manolete» com touros do sr. José Infante e nos domingos seguintes, lidaram-se touros de Joaquim Nuncio e de Pinto Barreiros, estes para «Manolete».

Ainda com dois de Pinto Barreiros fez depois a sua apresentação Conchita Cintron que agradeceu pelo seu desembarço a cavalo e a pé.

e pela figura gentil e simpática, voltando a apresentar-se com novilhos da mesma ganadaria, mas com menos sorte.

Com oito touros de José Infante fez depois a sua apresentação o novo fenómeno sevilhano Pepin Martín Vazquez que agradeceu e voltou na corrida seguinte com Ortega e «Estudiante», e touros de Guardiola, um dos quais ficou para semental da ganadaria do sr. José Infante que, por dois cavalos seus trocára em Sevilha os seis, e que fez abater os cinco restantes no matadouro de Vila Franca de Xira. Dos touros portugueses em Espanha merecem destaque, além dos Andrades e Infantes, os de Gama.

Dos cavaleiros foi Simão da Veiga aquele que mais ruidosos êxitos obteve, especialmente em Espanha, onde cacetou a modalidade de alternar a cavalo e a pé com Alvaro Domecq, conseguindo triunfar até com o estoque e firmar ali varias corridas para 1945.

João Nuncio foi o que mais corridas somou em Portugal, também com grandes êxitos e mantendo o seu alto posto de mestre consumado. A velha e permanente competição entre estes dois cavaleiros foi bem expressa pelo pintor e cronista sevilhano Martín Maqueda, quando dum corrida que ambos lidaram a duo em Espinho, dando satisfação aos partidários de cada qual mediante uma ilusão de optica que se obtem alternando a colocação dos dois cavaleiros a par, um maior que outro conforme o lugar que cada um ocupar no gosto do observador.

Antonio Luiz Lopes, que está em forma e conserva destacada personalidade na sua defesa do classicismo, não o vimos no Campo Pequeno, mas sim apenas nas organizações de «Sol e Sombra», bem como a seu filho Alberto Luiz que foi o unico cavaleiro que se apresentou ao lado de Conchita Cintron. José Casimiro toureou muito, e depois Vasco Jardim. Fernando Salgueiro e Murteira Correia apareceram pouco, e João Rosa Rodrigues não voltou ao Campo Pequeno depois da sua auspiciosa alternativa.

Em Algés e nalgumas praças provincianas marcou ainda a sua presença a valente Maria da Graça, que seria interessante ver ao lado de Conchita Cintron, se esta não lhe recusasse o encontro que os cavaleiros a ambas negaram.

Dos nossos peões regressou Agostinho Coelho, sempre sabedor e eficaz, e continua merecendo o primeiro posto o consciencioso Julio Procopio, seguindo-se-lhe Augusto Gomes, Antonio Correia, Sebastião Saraiva, o jovem Ma-



nuel dos Santos, e dois novos que prometem: Gloria e Rogério. Dos espanhóis foi «Ale» o que mais corridas somou. E dos forçados marcaram os amadores de Santarém e de Montemor, e os profissionais de Garrett e os de Edmundo.

E, além do festival de Salvaterra, pouco mais aconteceu por cá, onde se fala agora dum regulamento que no «Jornal de Notícias», do Porto, vem sendo defendido com insistencia pelo nosso confrade «D. Paco», a quem aproveitamos a oportunidade para cumprimentarmos, bem como ao «Sector 1», a «Tertulia» de Évora e a todos os sectores. Cumprimentos merecem também a «Folha do Sul», pela página dedicada a touros e a cavalos, «O Seculo Ilustrado», «Domingo» e «Os Sports».

Pela nossa parte insistimos apenas na necessidade dos touros voltarem a ser todos embolados para que possam ter a idade e o peso relativo de quatro a cinco anos, sem carne a mais nem a menos. De contrario continuaremos a ver o novilho com as pontas cortadas até ao sabugo, e o espanhol dando-se ares de mais valente que o português, quando a verdade é que para os portugueses saem touros e para os espanhóis novilhos mutilados. Em Espanha também se está protestando contra o novilho e seus arranjos de hastes, agravados com laxantes para tirar poder, e com choques nos rins e outros crimes que parecem incriveis.

Difícil será que os touros saiam em 1945 já avançando uma camada e pesando mais uns trinta quilos, como já aconteceu na Feira de Sevilha em relação ao peso do ano anterior. Com o avanço proporcional da idade e numa progressão de mais trinta quilos por ano, teriamos dentro de dois anos o Touro que se lidava nos saudosos tempos de Gallito e Belmonte, e veríamos se os toureiros de hoje mantinham com ele o toureio que puseram de moda, e também se o publico não perdeu o bom paladar de ver resolver problemas, ou se prefere a moderna facilidade com o novilho menor e ingenuo, porque com a idade é que o touro aprende a defender-se, a lutar, não se deixando facilmente enganar.

Se «Manolete»—expoente actual, porque Pepe Luiz não quiz, ou pelas colhidas não pôde sê-lo—mantiver a sua posição com o Touro—o que provou ser possível num «sobrero» de Pinto Barreiros e noutro de bom peso que lidou em Madrid—então continuaremos fazendo córo com os de Cordova, e já de toda a Espanha, que afirmam ser ele o continuador da «solera» artistica de «Lajartijos».

Assim mesmo, não o poderemos classificar ao lado dos toureiros «largos», completos, como «Guerrita» e «Joselito», este, sobretudo, porque nunca vimos melhor.

«EL TERRIBLE PEREZ»

A dôr de Paris

Dois episódios que resumem uma época

A dôr de Paris!... Este titulo pode parecer já desactualizado, quando se pensa na alegria de Paris restituída a si mesma! Simples aparência, pois, com certeza, entre os sorrisos eternamente jovens de Paris, misturam-se ainda tantas lágrimas, que bem se pode falar, sem pecado de exagero, na dôr de Paris. E pode tanto mais falar-se quanto é certo que essa dôr é nobre, pura e promissora de beleza. E pode ainda tanto mais falar-se quanto é certo que as notícias da convalescença, chegadas até nós sempre reconfortantes, são quasi sempre entusiásticas. E pode dizer-se, tanto mais, enfim, pois que bastam as simples anedotas—o que se chama, quasi sempre, futilmente *anedotas* e que, na realidade, é muito mais que isso...—para mostrar que a verdadeira expressão de Paris não é só aquela que adoram os filhos da França, mas os nossos amigos portugueses, intimamente ligados a nós por laços sentimentais e culturais. Dêstes testemunhos—eu preferiria dizer: dêstes «boletins de saúde»—aqui se referem dois entre cem.

Primeiro este, especialmente dedicado aos homens... pois que se trata de damas; e mais ainda porque se trata da sua propria graça. Duas senhoras encontraram-se em Paris, após quatro anos de separação: duas esposas, uma de um prisioneiro de guerra, outra de um combatente do interior. Tinham já passado os seus trinta anos quando começou a tormenta. Ambas sofreram muito—materialmente, sentimentalmente, moralmente. Em principio, ambas devem ter mudado muito no aspecto. E cada uma julga ter mudado mais que a outra... Espreitam-se mutuamente, como quem não quer a coisa... As espreitadelas—como sabem fazer as mulheres. Rugas, sem duvida; alguns cabelos brancos, também. Mas, no fundo, mais luz nos olhos, mais brilho no sorriso. E cada uma delas pensa, sem dar conta das observações intimas da outra:

—«Como ela está melhor do que era! E, de certo modo, até mais nova!».

E, depois, olhando os filhos que cada uma tem junto de si: mais quatro anos imagine-se!

—Eu nem era capaz de reconhecer os teus pequenos... Que crescidos!

—Nem eu os teus!

E logo, adoravelmente, o mais femininamente possível:

—E' o que se vê. Só os pequenos é que envelheceram...

E agora outra. Antes de 1940, toda a gente corria ao famoso Hotel Druot—o mundialmente célebre armazem de vendas—uns para comprar antiguidades... mais ou menos verdadeiras, outros para comprar mobiliário, em segunda mão, mais baratos que os preços correntes. Hoje, porém... Ah! hoje!

—Vamos, meus senhores!—grita o pregoeiro—E' vêr este armário!

O armário é horrível. Mas que importa? E' de excelente madeira, bem seca, que dará um ótimo fogo... Logo, a casa de jantar vai toda por quatrocentos francos:

—A mobília completa pesa cem quilos!—grita o pregoeiro—Sai a quatro francos o quilo, é dado! Quem quere boa madeira para queimar a menos de 6.000 francos a tonelada?!

E, radiante de ter feito excelente negócio, o comprador, para facilitar o transporte, logo começa ali, alegremente, a desfazer o aparelho a golpes de machado, para com mais comodidade arrumar a carga no seu carrinho de mão. E' um homem elegante. A alguém, que o olha, o comprador responde, com um sorriso, a justificar-se:

—Enquanto não a deito no fogo, isto já me ajuda a aquecer! E, depois, minha mulher e os pequenos ficarão tão contentes, tão contentes!... Então, bem vê...

CHARLES OULMONT

ANGELO PEREIRA

«Barman» e Proprietario do

NEGRESCO

RESTAURANTE DE LUXO — «BOITE À NUIT»

Telefone 29583

Cumprimenta os seus Ex.^{mos} Clientes e amigos, desejando-lhes festas felizes e um ano cheio de felicidades.

ANGELO PEREIRA

«Barman» e Proprietario do

«York-Bar»

RUA SERPA PINTO, 17-F—ao Chiado

Telefone 2 7793

Cumprimenta os seus Ex.^{mos} Clientes e Amigos, desejando-lhes festas felizes e um Ano cheio de felicidades.

O ano musical

(Continuação da pag. 23-4)

post-medievais. O Instituto de Cultura Alemã quis mais tarde homenagear o velho compositor Ricardo Strauss com um pequeno programa harmoniosamente executado por Madalena e Helena Moreira de Sá e Costa, Stella Tavares e M. Cristina Lino Pimentel.

Foi igualmente harmoniosa a colaboração de Arminda Correia e Berta Rosa Delgado ao concerto-conferência sobre Debussy, organizado por entidades francesas. E no ciclo dos «Collegium Musicum» (a cargo de professores do Conservatório), o concerto de Varela Cid sobrelevou-se como qualidade e como serviço prestado à música francesa.

Há pouco, a música não foi esquecida na comemoração do centenário de Verlaine pelo Instituto Francês, no Nacional. E o Instituto Britânico ofereceu-nos um recital, mas não muito significativo, por Varela Cid.

O Instituto Espanhol confinou-se em pequenos recitais nos estudos da E. N., um deles com a cantora polaca Esmeralda de Soslavine em obras espanholas.

Resta registar alguns concertos livres. Foram eles, desde o princípio do ano, um recital de piano com programa de boas normas por Varela Cid, no Tivoli; um concerto de música romântica por Stella Tavares e M. Cristina Lino Pimentel, no Museu de João de Deus; a apresentação do jovem violinista Antonino David, no Nacional, com Varela Cid ao piano, num programa de responsabilidade; o recital a dois pianos no Tivoli, por Varela Cid e Campos Coelho; e outro concerto de bom nível como interpretação, no mesmo Tivoli, por Silva Pereira, e, mais uma vez, Varela Cid.

Quanto ao último suspiro musical do ano, é dado pelos dois concertos sinfónicos do maestro Rui Coelho, largamente divulgados presentemente.

Esperamos, que nos seja relevada alguma omissão involuntária.

Não abundam os originais portugueses? Consta-nos, no entanto, que há alguns, menos maus à espera.

O Conservatório continuou em obras durante todo o ano.

E ficou por resolver o problema de concertos sinfónicos periódicos e populares. E já agora, porque não pensar ao mesmo tempo no problema da boa interpretação em publico da música de câmara?

FRANCINE BENOIT

PUBLICAÇÕES

«Enciclopédia Portuguesa e Brasileira»

Saiu a publico mais um fascículo, o numero 133, da «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira», com que se inicia o décimo segundo volume desta obra notável pelo valor da sua colaboração, pelo ensinamento dos assuntos tratados, pela beleza artística e pela perfeição gráfica. Ornados de muitas gravuras elucidativas aparecem-nos na centena de páginas deste numero artigos de importância e duas bellissimas estampas em separado, reproduções de belos desenhos de Alvaro Duarte de Almeida. Deste modo, a «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira» continua a sua acção divulgadora, com uma regularidade que subsiste a todas as contingencias do estado de guerra.

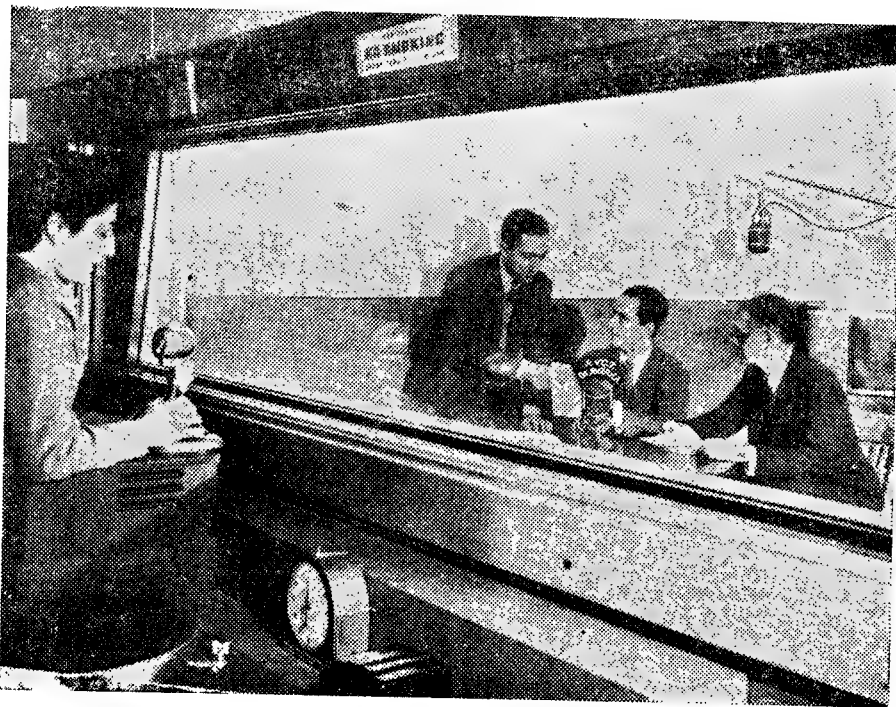
Boletim da Mocidade Portuguesa Feminina

Está publicado o numero referente a dezembro do Boletim da Mocidade Portuguesa Feminina, especialmente dedicado ao Natal, embora insira muita e variada colaboração. A apresentação gráfica revela mais uma vez o esmero e artistico cuidado com que é feita sempre a interessante publicação. Este numero insere também, numa artistica e admirável separata, um calendário para 1945.

«Lusitas»

Editado pelo Commissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina, está publicado o numero de dezembro do «Lusitas», que traz na capa um lindo presépio, inserindo ainda escolhida colaboração e, para colar em cartão, uma artistica construção, representando a fuga de Nossa Senhora e o Menino para o Egipto.

O «Diário de Lisboa» vende-se em Cuba (Alentejo) na casa do sr. Manuel Ascensão Horta.



O locutor português Jorge Alves nos estudos da rádio americana. A seu lado vêem-se, sentado, o dr. Augusto de Esaguy, chefe da secção portuguesa e, de pé, o sr. Luiz Aroweste, funcionário da mesma secção

BIBLIOTECA HISTÓRICA DE PORTUGAL E BRASIL

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DO
VISCONDE DE LAGOA
(DA ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA)

acaba de aparecer mais um volume da SÉRIE RÉGIA

Um inédito sensacional
de DOM FRANCISCO MANUEL DE MELO

D. Teodósio II de Bragança

Reprodução confrontada dos Códices das Bibliotecas de Evora e da Ajuda
Prefaciada e traduzida do original castelhano por AUGUSTO CASIMIRO

Biografia vernácula do progenitor de el-rei D. João IV, contendo noticias inéditas da história e costumes da época, bem como valiosos subsídios genealógicos da Casa de Bragança e de multiplas familias peninsulares.

Um volume em papel vergé 30\$00
Tiragem especial... .. 100\$00

UM ACONTECIMENTO LITERÁRIO!

O Tratado dos Descobrimentos

de ANTÓNIO GALVÃO

interpretado e explicado á luz de mais de MIL NOTAS e comentários da autoria do Visconde de Lagoa e Elaine Sanceau

Reprodução diplomática da rarissima edição PRINCEPS, profusamente ilustrada, precedida de um estudo bio-bibliográfico pelo Visconde de Lagoa e acrescentada da versão actualizada pelo Dr. César Pegado, PRIMEIRO BIBLIOTECARIO DA BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

Um volume em papel vergé, Esc. 50\$00. Tiragem especial numerada em papel da Companhia do Prado, de maior formato, rubricada pelo Director da Biblioteca, Esc. 100\$00.

Enviam-se pelo correio á cobrança.

Pedidos á **Livraria Civilização**
RUA DO ALMADA, 107 — PORTO

Em Lisboa Casa do Livro
RUA DOS FANQUEIROS, 303-3.º

DA VIDA QUE PASSA

OS MORTOS

de 1944

O ano de 1944 arrebatou algumas personalidades de relevo de todos os sectores da vida portuguesa. Se, na maioria, essas figuras eram realmente de idade avançada, algumas estavam em plena fulguração, havendo delas muito a esperar. Lembramos:

O dr. Bernardino Machado, antigo Chefe do Estado, que morreu no Porto a 29 de abril com 93 anos. Henrique de Paiva Couceiro e Azevedo Coutinho, duas altas figuras militares e politicas, desapareceram, respectivamente com 82 e 79 anos. O general Eduardo Marques faleceu com 77 anos.

As letras e as ciencias perderam os poetas Eugénio de Castro, com 75 anos, e Acácio de Paiva, com 81; os professores Agostinho de Campos, Virgílio Correia Paula Nogueira, respectivamente com 73, 66 e 85 anos. Desapareceram o dr. António de Lencastre, com 87 anos, o dr. Domingos Pinto Coelho, com 88, o diplomata dr. Bartolomeu Ferreira, com 81. O teologo dr. Martins Pontes e monsenhor Domingos Nogueira faleceram ambos com 79 anos. Assinala-se também as mortes do pintor Sousa Lopes, com 65 anos, do erudito Afonso Dornelas com 64, dos escritores Chagas Franco com 66, e Alberto Bramão com 79, do poeta João de Vasconcelos e Sá com 64. Morreram também os Drs. Carneiro de Moura, com 58 anos, o dr. Pais Esteves com 45, o advogado dr. Ricardo Mota com 44, o dr. João Eloi com 70, a escritora D. Emilia Patacho com 73, o dr. Clarimundo Emilio com 68, o coronel Herculano Galhardo com 72 o moço dr. Pulido Valente com 26, o comandante Rocha e Cunha com 68. O coronel Cristóvão Aires, jornalista brilhante, faleceu com 63 anos, e do jornalismo desapareceram também o velho Garibaldi Falcão, com 80 anos, Edmundo de Oliveira com 56, Dias Costa, e o nosso camarada João Brás com 50 anos.

Da actividade bancaria desapareceram Adolfo Caleia com 59 anos, Francisco Meira com 62 e J. Pais Borges com 58. No começo do ano morria D. Eugénia da Camara, viúva de D. João da Camara, com 91 anos; registou-se também a morte aos 88 anos da arquiduchessa de Austria, D. Maria Teresa de Bragança, filha de D. Miguel I.

Companhia Nacional de Caminhos de Ferro

Sorteio de Obrigações

Nos termos dos estatutos se anuncia que foram sorteadas para amortização, as obrigações da série Mirandela-Bragança, com os N.ºs: 30.441/5 — 33.336/40 — 36.966/70 — 37.396/400 — 39.671/5 — 43.726/30 — 47.101/5 e 48.066/70.

O pagamento dos titulos amortizados e juros das obrigações relativos ao 2.º semestre de 1944 (cupão n.º 83) começará no dia 2 de janeiro próximo futuro e continuará até ao dia 15 do referido mês, todos os dias uteis, excepto aos sábados, das 11 às 12 e das 14 às 16 horas, e depois ás sextas-feiras para as relações conferidas em cada semana.

A importancia liquida de imposto de applicação de capitais e avença de selo e registro é de 1\$61 por cupão ou obrigação ao portador e de 1\$72 para os titulos nominativos.

Este pagamento efectua-se em Lisboa, na sede da Companhia, e no Porto, na Filial do Banco Pinto e Sotto Mayor.

Lisboa, 22 de Dezembro de 1944.

O Administrador-Delegado
Basílio Freire Caeiro da Matta

LEIAM HOJE

sempre
fixe

Nuns escassos minutos pode o fogo destruir todo o produto duma vida de trabalho.

Segure os seus haveres na

ULTRAMARINA

SEDE em Lisboa: Rua da Prata, 108 (Edifício próprio) — Telef. P. A. B. X. 2 3348 / 9

1.º de Janeiro de 1945

J. C. Alvarez, Lda

Com os melhores votos de Boas Festas
e de prosperidades no Novo Ano.

J. C. ALVAREZ, Lda
TUDO PARA FOTOGRAFIA E CINEMA
205 R. do Augusto
LISBOA

TUDO PARA
FOTOGRAFIA
E CINEMA

PHILIPS



Os últimos modelos
de aparelhos de T. S. F.

à venda na

Havaneza Valmor

Avenida Visconde Valmor, 61
TELEFONE 5 1819

VENDAS A PRONTO E A PRESTAÇÕES
TROCAS

Rêde

VENDO 30 CABOS DE 30/12
EM BOM ESTADO.

Telefone 2 1016

O «Diário de Lisboa» vende-se em
Elvas na casa António Sá Sequeira.

**RESTAURANTE E CERVEJARIA
BOMJARDIM**
ESPECIALIDADES EM LEITÕES
DA BAIRRADA
E BOM SERVIÇO DE MESA
T. St.º Antão, 7-11? Telefone 24389

O mais genial processo de arquivo
de correspondência

SISTEMA «SEEL VERTICAL VISIVEL»

Fácil organização
Esplendida visibilidade
Adaptável a qualquer arquivo
Rubricas protegidas por celuloide

Peça demonstração a:

SOCIEDADE EQUIPAMENTO DE ESCRITÓRIO, LD.ª

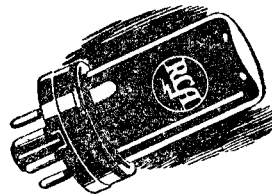
P. dos Restauradores, 53-1.º andar—Tel. 24986

No Porto: ED. PINHEIRO TORRES & IRMÃO
R. dos Clerigos, 44 — tel. 7171

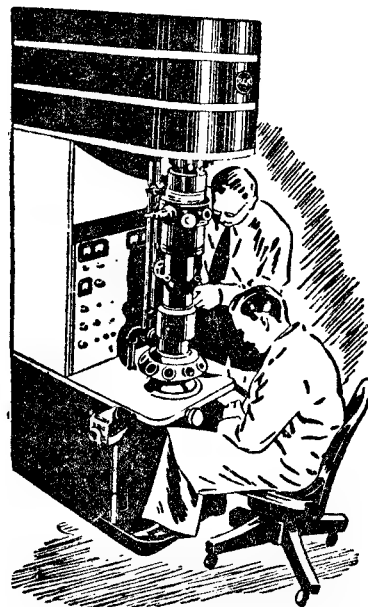
O que há
de novo?
RCA APRESENTA:



A 13.000 METROS DE ALTITUDE
— Para tornar possível um perfeito
estudo das rádio-comunicações para
a aviação, a RCA construiu esta Câ-
mara Altimétrica, capaz de reproduzir
pressões atmosféricas correspondentes
às que se verificam a altitudes como
13.000 metros



A CHAVE DAS INOVAÇÕES — Nos
receptores para a sua casa, nos apa-
rechos electrónicos e na televisão —
é a Válvula Electrónica RCA. As vál-
vulas do seu receptor são o produto
da mesma experiência e técnica que
a RCA vem empregando no aperfei-
çoamento do Microscópio Electrónico
e das radiocomunicações para aviação



SONDANDO O MUNDO INVISIVEL
— O Microscópio Electrónico RCA,
50 vezes mais potente que o melhor
microscópio óptico, aumenta os objec-
tos 100.000 ou mais vezes — traz in-
calculáveis benefícios para a saúde
e para a indústria. A RCA servindo
actualmente as necessidades das Na-
ções Unidas, antevê já a produção
de artigos melhores para um mundo
melhor — quando a Paz voltar



RADIO CORPORATION OF AMERICA
DIVISÃO RCA VICTOR, CAMDEN, N. J., E. U. A.

Sempre a primeira... em Rádio... Televisão... Válvulas... Fonógrafos... Electrónica

PALAVRAS DERIVADAS

PROBLEMA N.º 92

Bom de convidar

2	1	3
5	4	6
8	7	9
11	10	12
14	13	15
17	16	18

ENUNCIADOS: 1. Cidade capital duma provincia de Portugal—2. Troçar, motejar, galhofar—3. Anel, elo—4. Suspiros—5. Um dos cinco continentes do universo—6. Nota musical—7. A favor de—8. Sem impurezas—9. Partículas tenuíssimas e extremamente leves que andam suspensas no ar e se depositam sobre os corpos—10. Direcções marítimas—11. Pequenos roedores—12. Dou ou restituo saúde, curo—13. Pêso antigo, de 32 arráteis, e igual a 14,588 quilogramas—14. Tocar com o bordo (diz-se de uma embarcação quando encosta a outra)—15. Terra empregada no fabrico de vasos, vasilhas e loiças—16. Aglomeração de ervas rasteiras—17. Perdoador, desculpa—18. Forma verbal de «levar».

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 91

Quem se gaba

2	1	3
Á	P	I
5	4	6
E	E	S
8	7	9
M	M	I
11	10	12
-	A	T
14	13	15
A	A	T
17	16	18
L	P	A
20	19	21
G	G	A
23	22	24
O	V	I
26	25	27
-	S	E

A. SETTAS

MEMORANDUM
do electricista

por DANIEL MARQUES

3.ª edição ampliada e renovada com novos esquemas e tabelas.

O livro mais util para Electricistas, Amadores de T. S. F., Alunos de Escolas Industriais e Militares, etc., etc.

Tabelas e esquemas de motores, transformadores, instalações de energia eléctrica, telefones, etc. etc.

Esc. 8300

A' venda em todas as Livrarias.
Editores Abel d'Oliveira, Lda
R. dos Correios, 14—Lisboa

CASA HIPOLITO

TORRES VEDRAS

FUNDADA EM 1900

Aos seus amigos e clientes apresenta os seus cumprimentos de
BOAS FESTAS e feliz ANO NOVO.

Pastelaria J. Tavares, L.ª

Rua da Palma, 68

Agradece a todos os seus Ex.ªs clientes a preferência que têm
dado à nossa FIRMA, desejando-lhes muito BOAS FESTAS
e um novo ano repleto de felicidades.

Fornecem-se lanches para baptizados, casamentos, etc.

Telefone 28068

Telo fono 21925
grama ATLANTHOTEL

HERMIDA MARTINS, L.ª

Proprietário gerente do

Suisso Atlantico Hotel

Apresentam aos seus Ex.ªs Clientes e Amigos cumprimentos de Boas
Festas, desejando-lhes um Ano Novo repleto de prosperidades.

LISBOA

Rua da Glória, 3 a 19

Hotel Internacional

—RUA DA BETESGA, N.º 75—

Deseja aos seus Ex.ªs Clientes e Amigos
Boas Festas e um Novo Ano próspero.

«Au Bon Marché»

ARTIGOS DE NOVIDADE
45—Rua da Assunção—47Deseja aos seus Ex.ªs Clientes e ami-
gos B. F. e um Novo Ano muito feliz.Pastelaria
BenardMANUEL JOSÉ DE CARVALHO,
LIMITADADesejam um novo ano próspero aos seus
Ex.ªs clientes e amigos. Recomendam o
jantar do dia 1 de Janeiro de 1945.

Viuva de José da Silva

Sucessor João da Silva
SERRALHARIA MECANICA
Largo Silva e Albuquerque, n.º 7
LISBOADeseja aos seus Ex.ªs fregueses e ami-
gos boas festas e um ano feliz.

Pastelaria MARQUES

Desejam um novo ano próspero
aos seus ex.ªs clientes e amigos.
Recomendam o jantar do dia 1 de
Janeiro de 1945.

Marques, Sequeira, L.ª

Armazem de Lanifícios

R. do Amparo, 102, 2.º — LISBOA

Desejam um ano muito feliz e
prospero a todos os seus estima-
dos clientes e amigos.VILARINHO & RICARDO
LIMITADA

230—Rua da Prata—232

Cumprimenta os seus Ex.ªs Fregueses,
desejando-lhes Festas Felizes.

Pelaria PAMPAS

Deseja Boas Festas a todas as suas
clientes.Pampas, 65, Rua dos Retroseiros
Telef. 2 1004

A GERENCIA DA

Confeitaria Aurea

260—RUA DO OURO—264

Cumprimenta a sua Ex.ª Clientela, de-
sejando-lhe boas festas e ano feliz.

União Elétrica Portuguesa

S. A. R. L.

R. DUQUE DE LOULE, 240—PORTO

Serviço de obrigações

O pagamento dos coupons corres-
pondentes ao juro do 2.º semestre de
1944, das obrigações de 5 % e de 4,5 %
emitidas por esta Sociedade, realiza-se
no Banco Pinto & Sotto Mayor, em
Lisboa e Porto, todos os dias uteis,
excepto aos sábados, a partir de 1 de
Janeiro p. f.Os referidos coupons são do valor
de 2\$50, líquidos, para obrigações de
5 % e de 3\$00, cativo de impostos, para
as obrigações de 4,5 %.Avisam-se ainda os portadores de
obrigações de 4,5 % de que, por não ter
sido ainda possível pôr em circulação
os respectivos títulos, fica suspenso,
conforme autorização superior, o sor-
teio de amortização previsto no res-
pectivo plano para 1 de Janeiro de
1945, o qual se realizará conjunta-
mente com o imediato, em julho do
mesmo ano.

Porto, 28 de Dezembro de 1944.

A GERENCIA

«A IDEALISTA»

DE

João António Barbosa

Telefone 6 2991

Rua Ferreira Porges, 70 a 78

LISBOA

Deseja aos seus Ex.ªs clien-
tes e amigos Boas Festas e
um novo ano próspero.Leiam o jornal humorístico SEMPRE
FIXE

Electro Lisboa, L.ª

CANDIEIROS ELLECTRICOS
RECEPTORES, ETC.

246—RUA AUGUSTA—248

Aos seus Ex.ªs clientes e amigos deseja
Boas Festas e um Ano de prosperidades.

José da Costa

Proprietário do BAR DE S. DO-
MINGOS, deseja Boas Festas e fe-
liz Ano Novo, aos seus Ex.ªs clien-
tes e amigos.

Telf. 2 6949

Largo de S. Domingos, 29 LISBOA

A GERENCIA DA

CASA QUINTÃO

30 — RUA IVENS — 34

Deseja aos seus Ex.ªs Clientes e Ami-
gos muito Boas Festas e um Novo Ano
repleto de prosperidades.

A Aurea do Parque, L.ª

RUA RODRIGO DA FONSECA, 121

Mercearia — Pastelaria
Charcuterie — DrogeriaDeseja aos seus Ex.ªs clientes
e amigos Boas Festas e feliz Ano
Novo.



Homem! Não pense mais. Trago-lhe

BRANDY CORRÊA RIBEIRO

E' o melhor.

Peçam em todos os estabelecimentos

Depositário em Lisboa

CARLOS CALDERON DINIZ

Alameda D. Afonso Henriques, 76-A

Telefone 49574

LISBOA

Hoje em dia o Brandy está na moda: Entre os brandys portugueses aquele que mais se distingue é o

NOGUEIRA'S BRANDY

pela sua maturação lenta e paladar distinto.

Depositário: J. MOURA

R. Maria Andrade, 43, s/c. Tel. 4 8663

ESTORIL

PENSÃO BEIRA-MAR

Única sobre o mar

Almoços e jantares a 15.00

RELOGIOS SUIÇOS

Aflançados, de todas as marcas, a baixos preços

PEIXOTO & JARDIM, L.D.

Rua da Palma, 14 e 16

Tel. 2 8582

ALCOBAÇA

Visitem o «HOTEL RESTAURANTE BAU». Esmerado serviço de restaurante e esplendidos quartos e «apartamentos».

Recomendado pelos Automovel Club de Portugal, Club dos Medicos Portugueses, Club dos «100 á Hora» e Sociedade Propaganda de Portugal.

Bau só existe um em Alcobaca e não tem sucursais

Papelaria Vidal

VIDAL, ROSA & VIDAL, L. DA

Rua da Conceição, 41-43

Cumprimentam os seus Ex.^{mos} Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas Festas e um Novo Ano muito próspero.

Dr. António Dantas Manso Prêto Mendes Cruz

Missa do 1.º aniversario

Maria da Conceição Calheiros Dantas Cruz participa ás pessoas de sua familia e amizade que manda rezar missa por alma de seu pai, no dia 1 de janeiro, ás 11 e 30, na igreja do Sagrado Coração de Jesus, agradecendo a todas as pessoas que se dignem assistir a esse piedoso acto.

Curiosidades

Congresso internacional de livros

Pedro Vindel, o livreiro do «Registum Pecatorum», aquele que começara na Feira da Ladra de Madrid, assinala com uma das suas mil paginas intimas a morte de Gabriel Sanchez. Fora seu patrão e, depois, competidor. O falecimento do velho livreiro deu-se em março de 1910 e, no mês seguinte, Pedro comprava aos herdeiros toda a existencia por 45.000 pesetas.

Escreve, no seu estilo pitoresco: «...encontrei magníficos incunábulo, livros peregrinos e de inensa rareza, tanto impressos como manuscritos. Dom Gabriel—salienta—foi um homem com alma nobre, o qual tinha muito de cavalheiro e pouco de comerciante. Os aficcionados do seu tempo abusaram da sua bondade em alto grau. E os amigos indolentes e impetuosos, que vão ás livrarias só para observar as operações que se levam a cabo, chegaram a dominá-lo por tal modo que o impediram de defender o seu comercio, aborreceram-no e até lhe produziram uma neurastenia tal que lhe ocasionou a morte...».

Vindel teve de atrair a Madrid o VI Congresso Internacional de Livraria.

Um alemão ensina Vindel

Ele efectuara-se em 1908, através de episódios consideravelmente curiosos. Presidiu o ministro da Educação e vieram livreiros do mundo inteiro. Vindel vendeu, tornou a vender, e, renhida a luta entre germanicos e británicos, teve de repetir o golpe em 1913, com o modesto titulo de: «Leilão... 17 de abril e alguns dias mais: Madrid, 1913».

Encontraram-se os veneráveis restos de mil e uma casas nobres e institutos do universo inteiro. Através de uma batalha feroz, apurou Pedro Vindel duzentas mil pesetas, valor de 1913, não o esqueçamos!

Apareceu um livreiro alemão, o sr. Sass, que comprou 30.000 pesetas; e o marquês Sanchez de Toba, 35.000. O germanico, de Leipzig, parece, ia de manhã com uma navalhinha, e com espantosa habilidade passava folha a folha os exemplares que lhe interessavam. Da primeira vez, julgou Vindel estar ante um maniaco, disposto a espicaçar-lhe as folhas, e lançou-se a ele, gritando:

—Que vai fazer? Assim dá-me cabo dos livros!

—Não, senhor. Vou repassar o livro, sem o estropear nem sujar em nenhuma das suas folhas.

E, ante o assombro de Vindel, fleugmaticamente fez o que lhe dissera com mestria e rapidez inextinguíveis, restituindo o exemplar, melhor que antes, minutos decorridos.

Marcos, o comilão...

Como auxiliares e caixeiros teve Vindel seus filhos e seu cunhado Marcos Angulo. Descreve-o desta maneira no seu Registo Secreto: «...era de poucas palavras, casmurro, muito inteligente em livros, extraordinario restaurador, artista em tapar os buracos da traça; e o mais formidável comilão de quantos se têm dedicado ao gremio de livros velhos».

Para celebrar a feliz terminação do leilão de 1913, na noite de 8 de maio, convidou a ceia quantos o haviam auxiliado em tais trabalhos. O familiar banquete efectuou-se no restaurante «La Central», o qual então era considerado o melhor de Madrid. Pôs Vindel, como condição, que cada qual tomasse o que quisesse e na quantidade que tivesse por conveniente.

Todos comeram bem. «...Mas Marcos comeu, só por si, o bastante para fazer a felicidade de umas seis pessoas que se quisessem regalar com um bom banquete».

Saiamos de ceia no «Central», e já na rua, quando todos estavam repletos de comidas e bebidas, Marcos fixou-se na montra, e, agarrando-me um braço, dizia-me:

—Pedro, quero dizer-te um segredo!».

Café, vinhos e «farturas»

—Não disseste que podia comer quanto quisesse? Não é verdade?

—Sim. Que queres mais?

—Querias comer «isso», que não estava nas ementas e eu ignorava haver aqui...—respondeu-me.

E apontava-me com o dedo, tremulo, uma bandeja com duas enormes lagostas cozidas... —Pois... come-as! —disse.

Marcos pediu as duas lagostas e, com molho de vinagre, uma garrafa de «champagne» e a jaça respectiva, devorou-lhes o recheio sem fazer caso das brincadeiras e trocadilhos que lhe faziamos. Só uma meia hora depois, falou ao criado para dizer:

—Traga-me meia dúzia de copos de Xerez, para tirar da boca o gosto do molho de vinagre.

Terminou os liquidos e disse-me:

—Vamos agora tomar café que eu acompanharei com uma rodela de «farturas»!!!

Conclue Pedro Vindel:

—No dia seguinte ás nove da manhã, chegava Marcos ao estabelecimento, como de costume, a fim de prestar os seus serviços.»

NOVIDADE LITERÁRIA

«VENTO VINDO DOS MONTES»

Prémio do Concurso Literário de Contos

—DA—

Livraria LATINA Editora — Pôrto

Cada volume, brochado 15\$00

» » ed. especial 40\$00

LUXOR
MOTALA • SUÉCIA

RÁDIO S
AMPLIFICADORES
RÁDIO-
GRAMOFONES

MUDADORES AUTOMÁTICOS DE DISCOS

AVIZ CAFÉ-RESTAURANT

LEIRIA
Telefone 203

E' onde melhor se come. Não é mais caro!



PASTA
DENTÍFICA

Rainha
da
húngria



MME CAMPOS

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

AVENIDA DA LIBERDADE, 35

POLICLINICA DO ROSSIO

Largo D. João da Camara, 19, 2.º Tel. 20660

Dr. F. Martins Pereira — Medicina geral, coração e pulmões, 15 h.

Dr. Canejo de Abreu — Medicina geral. Doenças nervosas, 15 h.

Dr. A. Pina Junior — Doenças das crianças, 14 h.

Dr. Cordeiro Branco — Doenças dos olhos, 15 h.

Dr. Cordeiro Lobato — Garg. nariz, ouvidos, 14 h.

Dr. Jorge Falcão — Doenças da pele, sífilis, 15 h.

Dr. Luiz Leite — Operações Senhores, gravidez 17 h.

Dr. Gonçalves Viterbo — Boca e dentes, 16,30 h.

Dr. Gentil Branco — Raios X.

Dr. Formigal Luzes — Diatermia — Ondas curtas — Ultra violetas — Electroterapia — Maçagens —

Ginastica médica.

PELES

LIQUIDAÇÃO COMPLETA

Casacos, capas, golas, raposas
Confeccção de todos os generos
e qualidades a

PREÇOS BARATÍSSIMOS

Veja e acredite!!!

Fabrica: RUA ST.º ANT.º

CAPUCHOS, 68/74

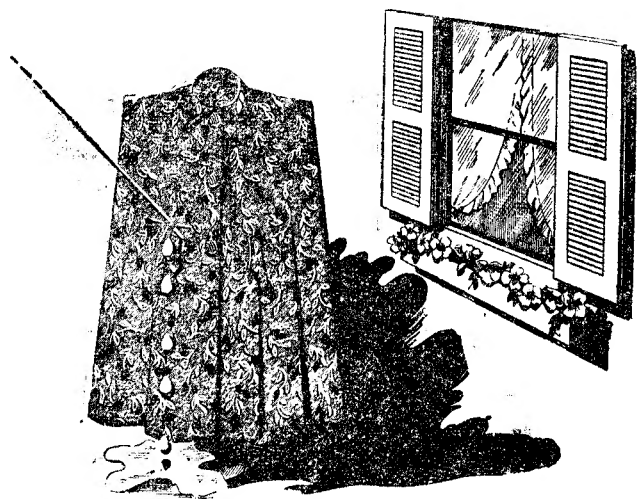
R. DOS DOURADORES, 159, 1.º

Telef. 27770

A mim não me molhas tu,
por que sou um impermeável
sem borracha

Celtes

o melhor presente de NATAL



Sociedade de Tecidos *Celtes*
(S. A. R. L.)

Fábrica de Tecidos de seda,
Acabamentos, Tinturaria e Estamparia

A melhor, mais moderna e perfeita instalação industrial do País

Sêdas de alta categoria estampadas nos mais lindos
padrões que a estamparia moderna estrangeira concebe

Fábrica e Escritórios: Rua Nova da Giestra — Areosa — Porto
Telefone Ermesinde 255

CORRENTES RENOOLD

A transmissão mais prática
Economia de espaço

Economia de força

Transmissão positiva com cerca de 99 % de eficiência
Funcionamento suave

Longa duração

HARKER, SUMNER & C.^a, L.^{da}

14, Largo do Corpo Santo, 18
LISBOA

152, Rua José Falcão, 156
PORTO

CUTELARIA REIS

CUTELARIAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Cumprimenta os seus estimados clientes e amigos, desejando-lhes Festas Felizes
e bom Ano Novo.

JOÃO REIS

RUA IVENS, 48 - LISBOA

Telef. 27217

O «Retiro da Bairrada»

(em Benfica)

Marquem a vossa mesa para a
passagem do ano e Ano Novo.

Façam as vossas encomendas de
leitões pelo telefone 58116 e nas ca-
sas revendedoras.

grande.

Não se esqueçam que a procura é

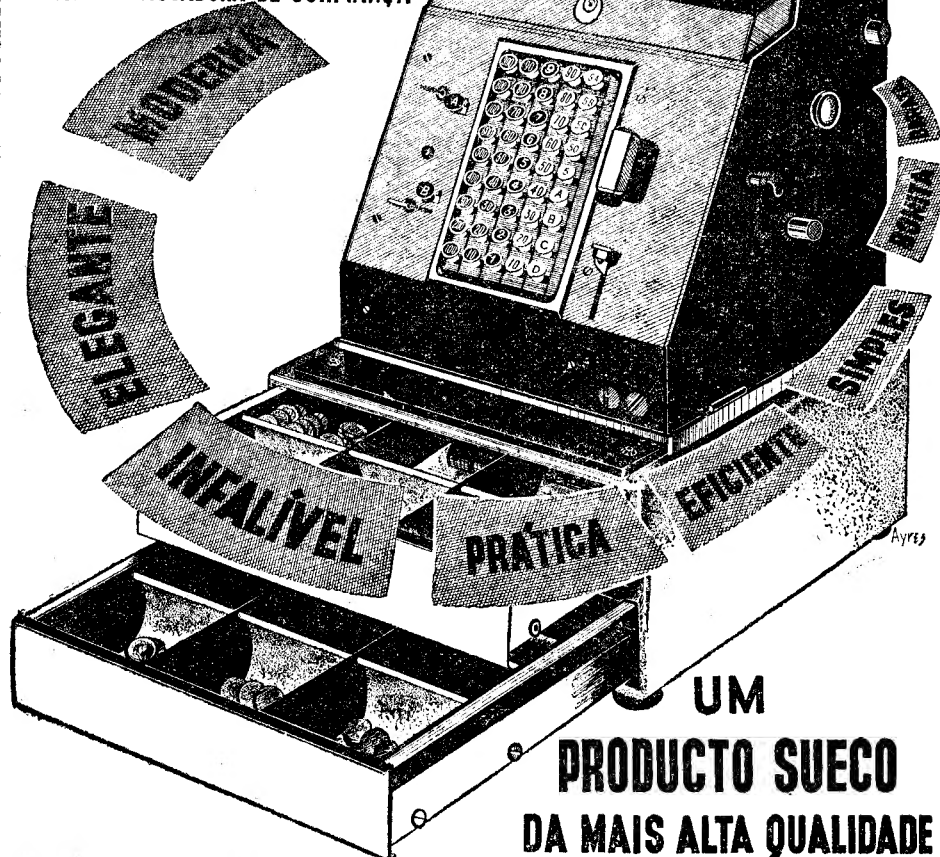
Pensão Belga

Primorosas instalações em Pa-
lacete próprio — R. Actor Tasso, 11,
Tel. 40529 — de luxo, com todo o
conforto moderno, água corren-
te quente e fria em todos os quar-
tos, aquecimento central, sala de
visitas e cozinha francesa.
Ambiente e serviço de bom ho-
tel, a preços resumidos.

UMA MARCA TOTALMENTE GARANTIDA

Hugin

A CAIXA REGISTRADORA DE CONFIANÇA



AS CAIXAS REGISTRADORAS «HUGIN» SÃO CONSTRUÍDAS PELA «UNIAO COOPERATIVA SUECA», QUE
É A MAIOR ORGANIZAÇÃO COOPERATIVISTA DO MUNDO, POSSUINDO MUITAS DEZENAS DE
FABRICAS NA SUECIA, EM VISTA DA FORMIDÁVEL POTENCIA INDUSTRIAL DESSA COOPERATIVA,
É ASSIM POSSÍVEL OFERECER AO PÚBLICO UMA MÁQUINA DE ALTA CATEGORIA A UM PREÇO
MÓDICO, POR TER SIDO ELIMINADO TODO O ENORME LUCRO QUE NORMALMENTE AUFEREM AS
GRANDES EMPRESAS INDUSTRIAIS DE PROPRIEDADE PRIVADA. ASSIM, AO COMPRAR UMA CAIXA
REGISTRADORA «HUGIN», V. EX. PAGA POR ELA APENAS «O SEU JUSTO VALOR». É NESTE FACTO
QUE RESIDE O SEGREDO DO IMENSO SUCESSO QUE ESTA TENDO EM TODO O MUNDO ESTA
GRANDE MARCA SUECA.

Em Portugal muitas centenas de caixas registradoras «Hugin» vendidas nos últimos anos, e
trabalhando a inteiro contento dos seus donos, são a prova irrefutável da sua alta qualidade.

CAIXAS REGISTRADORAS HUGIN

(Agência da fábrica sueca)—Rua dos Fanqueiros, 250, 2.º, esq., tel. 20353—LISBOA

AGENTES NO NORTE:

SANTAREM, LD.ª, Rua Ramalho Ortigão, 40—PORTO

AGENTE EM COIMBRA:

ALCYDES RAMA—Rua Ferreira Borges, 42, 3.º—COIMBRA

Para Brindes no Ano Novo

Adquira os vinhos espumosos e do Porto nas casas **Pires
& Martins, L.^{da}**

Unicos vendedores do café «Anjo do Lar»

A VENDA: Avenida Marquez de Tomar, 83 — Telef. 48306.
Rua Nogueira e Sousa, 11 — Telef. 48308.
Rua Correia Teles, 63 — Telef. 63374.

Frutaria Costa

APRESENTA A MAIOR VARIEDADE DE

CESTOS E CORBEILLES PARA BRINDES

DO NATAL E ANO NOVO

Martins & Costa

Rua do Carmo, 41

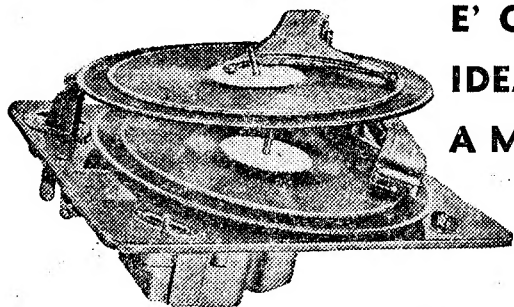
Telef. 2 5214

Empresa de Viação «A Scalabitana»

VINAGRE, LIMITADA

Cumprimenta e deseja aos seus amigos e clientes
Boas Festas e um Ano Novo Feliz

O DISCOFONE



E' O APARELHO
IDEAL PARA OS
AMADORES
DE BOA
MUSICA

TRANSFORMA QUALQUER APARELHO
RECEPTOR NO MAIS MODERNO

RÁDIO-GRAMOFONE

PARA OS AMADORES EXIGENTES
RECOMENDA-SE O MODELO COM
MUDANÇA AUTOMÁTICA DE 8 DISCOS

GRANDES E PEQUENOS

QUE OFERECE 45 MINUTOS DE MUSICA
SEM QUALQUER INTERRUPTÃO
OU INTERVENÇÃO MANUAL

Est. VALENTIM DE CARVALHO
R. Nova do Almada, 97 — LISBOA

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Capital realizado: 30.000.000\$00

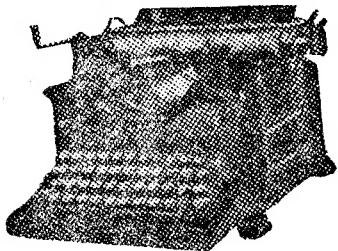
Sede: LISBOA

Filial: PORTO

Sucursais: Braga, Coimbra,
Chaves, Pombal, Régua,
Viana do Castelo e Viseu
Correspondentes em todas
as localidades do Continente
Ilhas e Estrangeiro

COFRES DE ALUGUER GUARDA DE VOLUMES

Todas as OPERAÇÕES BANCARIAS



MÁQUINAS DE ESCREVER

Reparações e reconstruções em máquinas de escrever
e de calcular, ficando como novas

Deseja as Boas Festas aos Ex.^{ms} Clientes e Amigos

T. 5 2458

A. C. CARDOSO
R. ANTÓNIO PEDRO, 24, 1.º-DL.º
LISBOA

AZEITES
MERCEARIAS

Albino Faria & Cruz

R. DOS FANQUEIROS, 146
LISBOA-

OS MELHORES BRINDES DO NATAL E ANO NOVO

SÃO OS DA

VISTA ALEGRE

DEPOSITOS DE VENDA:

LISBOA — Largo do Chiado, 18

PORTO — R. Cândido dos Reis, 18

MADEIRAS

Importação directa de casquinha, pitch-pine, carvalho, nogueira americana, faia, mogno, macacaúba, freijó, pau santo, etc.

Madeiras contraplacadas

Unicos fabricantes do País
Marca registada SEVERO

Aduelas e Arco de Ferro

Em todas as medidas para tanoaria
no nosso armazem do Poço do Bispo

Torrens & Marques Pinto, L.^{da}

RUA VASCO DA GAMA, 33 a 37

TELE { FONES: 6 0176, 6 0177 e 6 0178 P B X
GRAMAS: FLORESTAL

LISBOA

ESPÊLHO CONCAVO

Homenagens nutritivas

Por um estranho paradoxo próprio da época de tão bizarras incoerências que atravessamos, parece que, quanto mais escasseiam os viveres, mais banquetes se realizam.

Esse velho hábito que a humanidade sempre teve de festejar todos os factos e todos os acontecimentos, ainda os menos importantes, á frça de «comes e bebes», agora, que a escassez mais abriu o apetite, talvez pela lei das compensações, mais se intensificou ainda.

E sucedem-se os «lunches» e os copos de água, os banquetes de homenagem e os chás de caridade, os almoços e os jantares de confraternização, numa febre mastigativa que diariamente alastra assustadoramente pelas notícias dos jornais, dando-nos a impressão de que a crescente escassez dos géneros alimentares, perante tal furia devoradora, chegará dentro em pouco a esgotamento total.

Não se compreende porque se há-de confraternizar e homenagear sempre a comer e porque é que não se realizam essas festas de confraternização e de homenagem á fazer outra coisa qualquer. A jejuar, por exemplo, durante um ou dois dias, o que seria uma coisa mais difícil e demonstrativa de maior força de vontade, reveladora, portanto, do aprêco pelos homenageados, que ficariam assim convencidos da sinceridade de sentimentos daqueles que, em sua honra, eram capazes de semelhante sacrificio.

Homenagear os outros com uma coisa que nos é altamente apetecida e agradável, não lhes demonstra nada, porque afinal o prazer é todo nosso... Porque os festejados são sempre, afinal, os que menos aproveitam desses repastos, dada a emoção que os aflige de se verem na berlinda e alvos de todas as atenções que os sensibilizam e comovem.

Se, a propósito de tudo o que aconteceu ou está para acontecer a um cidadão, se lhe dá um banquete em sua homenagem, ele só pode verificar o esplendido apetite de que gozam os seus numerosos amigos e admiradores. Porque ele, geralmente, é o que come menos. Como sabe que, no fim, tem de agradecer aquelas sensibilizadoras homenagens, está sempre engasgado, comovido e trémulo até ao fim do repasto e não consegue engolir nada, enquanto não expelir o discurso que traz, engatilhado. E como isso só acontece quando os criados já estão a levantar a mesa e já depois do café e dos licores, quando, por fim, aliviado do discurso, lhe chega o apetite, já é tarde para o satisfazer. E se, ao voltar a casa, também por causa do banquete, naturalmente não contaram com ele, vem a ser o único que fica em jejum...

E é caso para os amigos e admiradores poderem então dizer no estilo da ceia dos cardiais: «final, foi ele, de nós todos, o único que não comeu».

AUGUSTO CUNHA

NÃO HAVIA RAZÃO...

—O senhor, ontem, depois de almoço, chegou ao escritório em condições inadmissíveis. Espero que isto se não repita, pois não tenciono dizer-lhe outra vez!...

—Não compreendo ao que se refere...
—Escuso de lhe recordar que vinha embriagado. Foi o senhor próprio que, ao pedir-me desculpa, me confessou!

—Ora aí está... Eu, por mim, sempre ouvi dizer que não devemos fazer caso do que dizem as pessoas nesse estado...

ATENÇÃO AO CIGARRO!

Uma revista científica americana revelou, recentemente, as opiniões do dr. Marshall Taylor, segundo o qual as pessoas que fumam muito correm o perigo de ensurdecer. Aponta os casos de muitas pessoas que, sofrendo de surdez e tendo deixado de fumar, recuperaram o ouvido. Quem não quiser experimentar o valor da observação, talvez faça bem em deixar de fumar—antes de ensurdecer...

RECEITAS ÚTEIS

Para tirar da boca o cheiro da cebola—Depois de comer cebolas, beber leite com azeite.
Para tirar o cheiro das tintas—Numa casa recentemente pintada, devem colocar-se vasilhas com água, na qual previamente se tenham mergulhado cebolas.

magazine



Um Buda alabastrino, imóvel e sardónico, de olhar amarelo em que quasi se descobre uma expressão de Voltaire, espreita do seu nicho os soldados que passam para a luta sem fim. A quantas guerras teria já assistido, na sua idade sem conta, este Buda de alabastro?

CÁRA OU CUNHO?

O último tema

para uma nova canção

do belo Danúbio azul...

Ainda é possível descobrir, em 1944, temas novos para novelas românticas... O caso de que foi protagonista um francês, o sr. Robert Duval, fabricante de mobiliário, não será dos menos emocionantes para as sensibilidades romanescas. O industrial tinha ido a Budapeste em viagem de negócios. Quando chegou á Hungria, teve de cambiar o dinheiro que levava pela moeda do país. Entre esta moeda—nem toda era de papel. Havia também moeda metálica e foi aí que esteve a sua perdição, quer dizer: o caminho da sua felicidade. Numa das moedas, de certo valor, via-se uma figura de mulher, que ao sr. Duval pareceu a figura mais bela sobre que, toda a vida, seus olhos tinham pousado.

—Que extraordinária harmonia de linhas!—exclamou, evidentemente maravilhado, mostrando a moeda a um

hungaro que já a tinha visto mil vezes.

—Pois é...—disse o hungaro, a espreitar pelo sobreolho, para dizer alguma coisa e meio desconfiado da capacidade de pleno uso das faculdades mentais daquele estranho turista.

—Sem duvida, é cópia de algum modelo clássico...

—Dêsses de braços partidos?...—indagou por seu turno o interpelado, pouco dado ao culto pela história da Arte.

O homem das mobílias não gostou muito do desdém e insistiu em perguntas.

—Pois não senhor, não é—replicou o hungaro, crescendo subitamente de orgulho nacional.—Foi uma compatriota minha que serviu de modelo. Até veio o nome dela nos jornais...

O sr. Duval não quis ouvir mais nada: havia de encontrar aquela beldade rara, que lhe aparecera no tróco de alguns cinco tostões... Logo dali foi a uma agência de viagens, a outra agência de informações, á lista dos telefones e a todos os anuários do país, que percorreu de ponta a ponta. A beldade rara era de carne e osso, tinha os braços todos e nome de baptismo: Rosy Toth. Ao fim de uma semana, tinham sido removidas todas as dificuldades.

O mais singular de toda a história é que, pelo menos até á data das ultimas notícias, o casal resistia a tudo isto e parecia dar-se maravilhosa-mente.

Budapeste, a cidade das piscinas coloridas, sobre as margens do belo Danubio azul, viveu, talvez sem dar por isso, este lindo tema para uma opereta de grande espectáculo. Já não haverá maestro a quem este motivo inspire uma enebriante e melodiosa partitura?

AS BOAS CONTAS...

Podemos, sem perigo de maior, supor que já algum estudioso da psicologia feminina chegou á conclusão de que duas mulheres só trocam entre si amabilidades na impossibilidade de mutuamente se jogarem setas ervadas. Quando, sorrindo, uma mulher espreita o vermelhão brilhante das suas unhas, estará, por certo, a pensar, pelo menos, nalguma das suas cunhadas—ou na ultima visita...

—Então, D. Mécia, não se serve de outro bolinho?

—Não, muito obrigada. Já comi dois...

—Então porque não come o quarto?

Ninguém dirá, depois disto, que as boas contas façam as boas amigas...

Alguns anões célebres

e a sua história

e algumas histórias célebres de anões

O mais celebre de todos os anões deve ter sido Ladislau Cubitolio, que foi coroado rei da Polónia em 1306. Mas houve muitos que passaram á História,

com razões mais ou menos fundadas para isso. Alípio Calvo, que foi advogado de Cícero, poucos centímetros tinha de altura. O famoso Gibson, que morreu com 75 anos, contentava-se com um metro e quinze: não obstante, foi uma figura que se pode dizer de projecção universal. Nas suas memórias, o professor Gmelin diz ter encontrado na Sibéria no desempenho, o mais inteligentemente possível, das funções de escriturário, um anão de 648 milímetros, muito respeitável nos seus 50 anos.

Algumas épocas houve em que os anões estiveram, positivamente, em moda. A princesa Natália, da Rússia, chegou a fundar um instituto para a criação de anões e chegou a haver um clube cujo lema era, singelamente, «Não crescer!».

Um dos mais famosos anões existiu, em tempos, na corte da Baviera. Era tão pequeno, tão pequeno, que um dia, o cozinheiro da corte se lembrou de o meter como recheio de um bolo. Quando o prato foi posto em cima da mesa, o anão-brincalhão saltou do bolo e começou a correr, alegremente, por entre os pratos e as taças!

Mark Twain

e o homem

dos livros emprestados

Ninguém se lembra de andar a pedir copos emprestados para a ceia de «réveillon», nem gravatas de pintinhas só para ir tirar o retrato. Mas muita gente pede livros emprestados e não faz cerimónia nenhuma para ficar com eles.

O célebre Mark Twain foi certo dia convidado para ir passar uma tarde á casa de campo de um amigo rico, que tinha prosápias de se interessar por coisas de arte e literatura. Uma das salas da casa tinha as paredes cobertas de estantes—e as estantes, naturalmente, cobertas de livros. Depois do almoço, Twain, o anfitrião e um outro conviva, jovem modesto, mas realmente propenso a curiosidades intelectuais, percorreu a biblioteca e escolheu um braçado de livros que lhe interessavam.

—Posso levá-los para lá?—pediu.

O dono da casa, o mais amavelmente que soube, não consentiu.

A inesperada recusa ofendeu o jovem, que se lamentou a Mark Twain.

—E' que há pessoas que pedem os livros e, depois, não os devolvem—explicou-lhe Twain.

—Perdão! Eu não sou desses...

—Pois não. Mas é ele. Vê estes livros todos?

Pois foram-lhe emprestados a um por um...

Curiosidades turísticas

Na cidade de Lincolnshire existe um templo com uma particularidade unica no mundo: tem 7 portas, que simbolizam os 7 dias da semana; 12 campanários, que representam os meses; 52 janelas referentes ao numero de semanas; e uma escada com 365 degraus que valem pelos dias de cada ano.



Na igreja do Bom Pastor, de Brooklyn, Nova York, em cuja congregação estão representados americanos de vinte origens nacionais, as canções de Natal foram entoadas por este grupo coral, o «Cherubin Choir»